

Alice Regis Dorsa

**O MUNDO É O MAR:  
PESCADORES TRADICIONAIS E SEUS MAPAS  
MENTAIS  
ARMAÇÃO DO PÂNTANO DO SUL, FLORIANÓPOLIS-  
SC.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosemy da Silva Nascimento

Florianópolis,  
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dorsa, Alice Regis

O mundo é o mar : pescadores tradicionais e seus mapas mentais. Armação do Pântano do Sul, Florianópolis - SC / Alice Regis Dorsa ; orientadora, Rosemy da Silva Nascimento - Florianópolis, SC, 2015.

173 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Inclui referências

1. Geografia. 2. Mapas mentais. 3. Território pesqueiro. 4. Pescadores tradicionais. 5. Representações espaciais. I. Nascimento, Rosemy da Silva. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

## FOLHA DE ROSTO

A minha filha Catarina e a todas as crianças, que fazem os olhos brilharem de esperança na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## AGRADECIMENTOS

A gratidão é o sentimento que faz renovar qualquer coração, ao agradecer acendemos mais uma chama de amor. Mas é tarefa que requer destreza, pois não pode-se esquecer os fios da trama tecida pela amizade.

A cada passo dado, o mundo já muda sua direção, existem laços que se entrelaçam amorosamente com outros laços nessa espiral da vida.

São laços de crescimento, aprendizado, amadurecimento e reconhecimento, todos esses são oportunizados e representados por pessoas. Há um provérbio africano que diz “*é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança*”, assim como são necessárias muitas pessoas e mãos para se realizar uma dissertação.

Saber reconhecer o valor dessas pessoas é uma maneira de agradecer à Força Superior que me ilumina. Sou grata ao Divino Mestre pela força e luz que vem clareando minha consciência e meu caminho.

Agradeço ao meu companheiro, amigo de todas as horas, acreditou na minha capacidade, e em nenhum momento deixou de transmitir a essência do casamento verdadeiro.

A minha mãe, meu exemplo máximo de coragem, tudo que sou, em grande parte é resultado da dedicação e do amor que ela nutriu.

A ladeira subida nestes dois anos de mestrado, foi mais leve devido à generosidade de minha orientadora. Meus eternos agradecimentos a Prof.<sup>a</sup> Rosemy, orientadora, professora e amiga em muitas horas de aperto. Compartilhou seus sentimentos e me acolheu nesta caminhada, criando laços de afeto e ensinando o amor através do ensinar.

A CAPES, pelos anos de bolsa, anos de responsabilidade e dedicação, pois é um privilégio nesse mundo receber para estudar. Que cada centavo investido na educação gere humanos mais comprometidos com o seu dever.

A Coordenação do PPGEIO, em nome do Prof. Dr. Márcio Rogério Silveira que auxiliou com atenção o meu período e compreendeu a minha gestação possibilitando-me uma prorrogação para conclusão da pesquisa.

Gratidão aos professores (as) do Programa com quem tive maior contato e pude ampliar minha aprendizagem, minha admiração pela doação. Em especial aos professores que compõe a banca examinadora por aceitarem o convite e contribuírem para melhorar meus conhecimentos.

Aos amigos que fiz nesta cidade e que o serão para sempre, que partilharam e compartilharam as dificuldades do caminho, auxiliaram na vitória afirmando a amizade verdadeira.

Aos casais de amigos Leandro e Lívia, Michelle e Saulo, Iara e Júlio, que nos acolheram, apoiaram e tornaram nossa estada - com seu carinho e alegria, menos saudosas das terras goianas, gratidão infinita.

Aos Mestres, Conselheiros, Conselheiras, irmãos e irmãs dos Núcleos Estrela D'Alva e Luz Abençoada reconhecimento profundo pela oportunidade de trabalhar e conhecer mais desta União, pontos de luz, paz e amor nessa terra.

Meus amorosos e carinhosos agradecimentos aos pescadores da Armação do Pântano do Sul que enriqueceram a pesquisa, e só por eles é que foi possível reconhecer a grandeza deste mar. E aprender que é no pescar, na dedicação e no trabalho dessa gente que se faz a identidade de toda uma comunidade, e que finalmente, é no ensinar e no contar que se reconhece o valor de um povo.



A espacialidade do sagrado, advém do domínio da emoção e do sentimento do ser no mundo, o sagrado aqui pode ser entendido como uma manifestação cultural, afirmada no lugar, no espaço, no território, na paisagem ou na região. Ela ocorre no tempo sagrado, recriando-se e sendo vivenciada por um povo.(DORSA, 2015)



A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta as pessoas e as coisas que não têm voz.(GULLAR, F., 1999)



## RESUMO

Contribuindo na ampliação do conhecimento sobre um território tão rico em símbolos, cultura e de um povo que narra sua resistência, seu trabalho e suas memórias sobre o mar, essa pesquisa pautou-se na possibilidade de investigar o universo dos pescadores tradicionais do Sul da Ilha de Santa Catarina, mais especificadamente da praia da Armação do Pântano do Sul. O objetivo foi levantar através dos mapas mentais as diferentes representações espaciais dos pescadores tradicionais, atendendo a prioridade de também diagnosticar através desses mapas mentais e das entrevistas o saber-fazer tradicional dos pescadores; analisar seus mapas mentais dos pescadores quanto às suas representações espaciais e simbólicas; interpretar através dos mapas mentais os territórios pesqueiros e analisar as transformações socioambientais e culturais nesses territórios. A pesquisa dialogou entre os estudos teóricos que ligam a Geografia Cultural e Humanística à vertente fenomenológica, destacando os conceitos de lugar vivido e das representações espaciais presentes também nos estudos da Geografia da Representações. Também foram utilizadas as histórias orais de vida dos pescadores e das representações espaciais contidas em seus mapas mentais para fazer análises e elaborar os resultados obtidos. Existem territórios marcados não só pelas determinações do Estado, mas territórios que se delimitam informalmente, como é o caso dos pesqueiros, que garante não só a reprodução da pesca, mas que é um lugar de gestão e acordos entre os sujeitos. Percebemos a intenção que cada um tem perante o seu lugar de trabalho. No mar, os territórios se tornam mais do que espaços delimitados, são lugares conhecidos, nomeados, usados e defendidos por seus atores. As representações espaciais dos pescadores por vezes aparecem de maneira pessoal, mas também são expressas através do saber-fazer adquirido na vivência com pescadores antigos. São representações carregadas de simbolismo e pertencimento, registradas através de suas histórias e práticas de pesca que garantem não só visualizar e perceber o seu território, mas também observar o universo cultural impregnado no modo de vida através dos costumes e dinâmicas registradas pelo fazer da pesca artesanal nesta localidade.

**Palavras-chave:** Mapas mentais, território pesqueiro, pescadores tradicionais, representações espaciais.

## ABSTRACT

Contributing to the enlargement of knowledge about a territory rich of symbols, culture and a people who narrates his endurance, his work and his memories of the sea, this research is guided by the possibility of investigating the universe of traditional fishermen from the South of Santa Catarina's Island, particularly in the Armação do Pântano do Sul's beach. The thesis divides into four chapters that comprises the guiding questions of the research. The aim was to identify through mind maps the different spatial representations of traditional fishermen. Taking the priority of also diagnose through mind maps and interviews the traditional know-how of fishermen; to analyze the fishermen's mind maps regarding their spatial and symbolic representation; to interpret through mind maps the fishery territory and to analyze social, environmental and cultural transformations in the fishery territory. The research dialogued between the theoretical studies that links the Cultural and Humanistic Geography to the phenomenological side, highlighting the concepts of lived place and of spatial representations that are also present in the Geography of Representations' studies. The research was based on the fishermen's oral histories of life and spatial representations found in their mind maps to present the results. There are territories marked not only by the State determinations, but also by territories that delimit informally, as in the case of fisheries, which guarantees not only the reproduction of fishing, but also that is a place of management and agreements between subjects. We perceived the intention that each one has in their working place. In the sea, the territories have become more than delimited spaces, they are known places, named, used and defended by their authors. Sometimes the fishermen's spatial representations appear in a personal way, but also are expressed through the know-how learned in the experiences with former fishermen. They are representations full of symbolism and belongingness recorded through their histories and fishing practices that guarantees not only the visualization and perception their territory but also to watch the cultural universe impregnated in the way of life through dynamics and habits recorded by the artisanal fisheries in that locality.

**Key words:** Mind maps, fishery territory, traditional fishermen, spatial representations.

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 - Unidades de Planejamento do Distrito do Pântano do Sul.....	51
Mapa 2 - Localização da Área de Estudo.....	58

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Dados dos Atores da Pesquisa .....	28
Tabela 2 - Organização do Mapas Mentais.....	119
Tabela 3 - Forma de apresentação das Imagens Mentais .....	122
Tabela 4 - Mapas Mentais e distribuição de imagens. ....	127
Tabela 5 - Quanto às especificações dos ícones na imagem dos Mapas Mentais.....	129

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrevista com o pescador, Armação do Pântano do Sul. Fonte: DORSA, A.R. 2015.....	41
Figura 2 - Da esquerda para direita: Pescadores desenhando o mapa mental e abaixo um grupo de pescadores reunidos após chegada de barco, momento que aguardava para conversar com um deles. Fonte: DORSA, A.R. 2014.....	47
Figura 3 – Vistas da Associação de Pesca da Armação. Fonte: DORSA, A.R. 2014 .....	61
Figura 4 - Esquema Gráfico para exemplificar o uso das abordagens teóricas, conceitos e autores. Elaboração: DORSA, A.R (2015).....	70
Figura 5 - Rede de cerco na Armação, localizada nos rochedos da ponta da Praia do Matadeiro. Fonte: Dorsa (2014). .....	104
Figura 6 – P.5 –J.M.S, participando da pesquisa e realizando o trabalho com os mapas mentais.....	107

## LISTA DE SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
NEER	Núcleo e Estudos em Espaço e Representação
CCGI	Comissão da Carta Geral do Império
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
DRU/UCRN	Desenvolvimento Regional e Urbano /Utilização e Conservação dos Recursos Naturais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFG	Universidade Federal de Goiás
UNICAMP	Universidade de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
UFPR	Universidade Federal do Paraná

## Sumário

<b>Apresentação.....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 1. Navegando dentro da pesquisa .....</b>	<b>21</b>
1.1 Introdução .....	21
1.2 Problematização.....	22
1.3 Objetivos.....	23
1.4 Justificativa .....	23
1.5 Metodologia.....	25
1.5.1 Atores Sociais da Pesquisa.....	27
1.5.2 Pesquisa Bibliográfica .....	29
1.5.3 Pesquisa Documental.....	30
1.5.4 Observação.....	31
1.5.5 História Oral de Vida.....	32
1.5.6 Instrumentos da Pesquisa.....	33
<b>Capítulo 2. O distrito do Pântano do Sul: cenários e aspectos históricos da ocupação à perspectiva da pesca artesanal .</b>	<b>49</b>
2.1 O Distrito do Pântano do Sul .....	49
2.2 Histórico da Ocupação do Distrito do Pântano do Sul.....	52
2.3 Armação do Pântano do Sul.....	57
2.4 A Pesca Artesanal e suas Dinâmicas: territoriais, sociais e simbólicas.....	64
<b>Capítulo 3. Um mar de conhecimento.....</b>	<b>69</b>
3.1 Marés do Conhecimento .....	69
3.2 Diálogos entre a Fenomenologia e a Geografia das Representações .....	73
3.3 Trajetórias dos Conceitos de cultura, símbolo e lugar.....	84
3.4 O Mar Sagrado nas Relações Simbólicas e Afetivas dos Pescadores Tradicionais.....	91
3.5 Histórias de Vida no Território, o Saber-fazer Pescador.....	97
<b>Capítulo 4. Na beira do mar nasce a geografia do pescador</b>	<b>109</b>
4.1 Mapeando a Pesca Artesanal e seus Atores .....	109
4.2 Nas Tessituras e Redes dos Pescadores .....	131
4.3 Do Saber-fazer Pescador na areia ao Saber-fazer Geografia .....	137

<b>Considerações finais.....</b>	<b>141</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>147</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>165</b>



## Apresentação

O mundo é o mar, maré de lembranças, lembranças de tantas voltas que o mundo dá  
(Maria Bethânia)

Tenho em mim a certeza de que a nossa própria vida encarrega-se de colocar-nos no caminho certo. Assim como todo rio que deságua no mar, como toda chuva fecunda a terra e como o sol nasce todos os dias, a vida também escolhe as pessoas certas para encontrarmos.

Foi dessa maneira que a trajetória dessa pesquisa aconteceu. No ano de 2012 mudei-me para Florianópolis-SC acompanhando meu marido em seu doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Não sabia ainda o que encontraria nessa ilha.

Meu percurso na Geografia, iniciou-se em 2008 com a graduação realizada na Universidade Federal de Goiás – UFG, onde tive a oportunidade de envolver-me com a iniciação científica, projetos de extensão e ampliar o universo do que considerava “o fazer Geografia”. Acredito que como todos, saímos da graduação com a sensação de dever cumprido, mas também com dúvidas.

Então, vi-me aqui, nesta cidade, com a possibilidade de continuar os estudos e aprofundar os conhecimentos não só sobre Geografia, como sobre o que é fazer pesquisa. E assim deu-se a trajetória no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC: iniciada através da disciplina, Recursos Didáticos aplicados à Educação Geográfica e Ambiental ofertada pela Prof.<sup>a</sup> Rosemy Nascimento. Mal sabia que seria o início de uma longa jornada. Resolvi matricular-me como aluna especial. Essa disciplina oportunizou reencantar-me com a Geografia.

Uma disciplina que permitiu abrir novos horizontes dentro do ensino, aprender novas metodologias e práticas didáticas dentro do universo dos diferentes recursos. Foi um período dinâmico e com uma abordagem bem proveitosa, onde tive contato com referências bibliográficas importantes e que nortearam todo o processo prático da disciplina, atividades com outros professores que também permitiram abrir conversas com áreas de conhecimentos diversos, como audiovisual, artes plásticas e educação ambiental.

A convivência com os colegas foi essencial para a disciplina, pessoas que motivaram e transferiram o seu saber - uma troca significativa - tudo bem direcionado pela Prof.<sup>a</sup> Rosemy.

A partir desse novo momento interessei-me pelo Mestrado. Aproveitei as leituras e o arcabouço teórico trabalhado ao longo do semestre para construir uma proposta. Após vários questionamentos, conversas e uma tentativa que vejo como uma boa estrela, a Prof.<sup>a</sup> Rosemy aceitou orientar-me de forma muito generosa, pois não conhecia meu histórico: eu, formada por outra universidade e com uma perspectiva diferente de sua área de pesquisa, ou seja, um relacionamento a ser lapidado.

Encaramos então o desafio ao escolher a linha de pesquisa em Processos Educativos, algo que não muito familiar, mas do qual aproximei-me durante o mestrado. Com alegria consegui ingressar no Programa, possibilitando a construção dessa pesquisa.

Pesquisa que nasceu com uma proposta totalmente diferente da apresentada, alterando-se durante o ano de 2013, gerada com muita atenção, diálogos e leituras, permitindo aproximar-me cada vez mais do que acredito e gosto dentro da Geografia: vivenciar o espaço geográfico envolvendo principalmente as diferentes formas de observá-lo e representá-lo por seus atores.

Durante o primeiro semestre de 2013, escolhi três disciplinas para cumprir, uma delas obrigatória: Epistemologia, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Leila Dias e Prof. Marcos Franciotti. Importantíssima, pois garantiu fundamentar melhor a pesquisa, o contato com autores bases para o desenvolvimento do conhecimento geográfico e científico.

Acredito que nesse primeiro semestre a dedicação maior foi às disciplinas e leituras. O projeto de pesquisa em si foi amadurecendo e adaptando-se ao próprio caminhar.

O segundo semestre de 2013 foi significativo, matriculei-me na disciplina Tópicos Especiais DRU/UCRN (Abordagens em Processo Educativos), ministrada com dinâmica bem interessante pelos professores: Ewerton Machado, Magaly Mendonça, Rosemy Nascimento e Ruth Nogueira, na disciplina: A Geografia das Redes e dos Territórios, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Leila Dias e no Estágio Docência junto à Prof.<sup>a</sup> Rosemy Nascimento com a disciplina Cartografia Escolar da graduação.

A dinâmica do estágio conseguiu incorporar diferentes percepções no meu cotidiano, observando a educação geográfica por um prisma muito mais amplo e diagnosticando que quando falamos de educação existe a necessidade de refletir sobre o processo, de aprimorar e reciclar nosso conhecimento acerca dos conteúdos didáticos e metodológicos no ensino.

Também foi gratificante, pelas oportunidades de entrar em sala de aula. Na área de ensino, tinha apenas desenvolvido atividades ligadas à Educação Ambiental em espaço não-formal. O contato com o universo

da educação é criar pontes afetivas de saberes, de forma muito cúmplice a Prof.<sup>a</sup>. Rosemy deu liberdade para que aprendesse essa dinâmica da sala de aula no Estágio Docência, modificando minha maneira de observar e analisar o ensino de Geografia.

Na disciplina de Cartografia Escolar tive contato com os alunos da graduação e suas expectativas em torno da Geografia, desenvolver planos de aula, estudar sobre o conteúdo dialogado, propor atividades e também falar sobre o meu trabalho, tive espaço para amadurecer nesse processo da fala e da exposição das minhas ideias em torno da pesquisa e da própria cartografia. Acredito ser uma disciplina especial para qualquer geógrafo que tenha a educação como missão.

Durante esses dois anos participei de eventos e palestras realizados no Departamento pelo Programa. Foram riquíssimos pela possibilidade de conhecer novas pesquisas e pessoas ligadas às diferentes áreas da Geografia e das Ciências Humanas. Desenvolvi artigos para publicações. Foram dois anos ativos e movimentados na minha vida acadêmica e pessoal.

Gestei dois projetos neste último semestre. Um que estamos parindo neste momento ímpar que coroa toda uma trajetória de busca e compartilhamento no meio acadêmico. E outro que está chegando para enriquecer o mundo e aprofundar meu saber, minha filha.

Finalizei este ciclo acadêmico não só com uma dissertação na bolsa, mas também com grandes ensinamentos e com uma gravidez. Espero poder fazer como Cora Coralina, quando diz *“feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”*.



## Capítulo 1. Navegando dentro da pesquisa

Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar. É ele quem me carrega, como nem fosse levar. [...] E quanto mais remo mais rezo pra nunca mais se acaba essa viagem que faz o mar em torno do mar.

(Paulinho da Viola)

### 1.1 Introdução

Contribuindo na ampliação do conhecimento sobre um território tão rico em símbolos, cultura e de um povo que narra sua resistência, seu trabalho e suas memórias sobre o mar, essa pesquisa pautou-se na possibilidade de investigar o universo dos pescadores tradicionais do Sul da Ilha de Santa Catarina, mais especificadamente da praia da Armação do Pântano do Sul. A dissertação foi dividida em quatro capítulos que contemplam as questões norteadoras da pesquisa.

Nesse primeiro capítulo apresentamos os pressupostos da pesquisa e os caminhos metodológicos para a construção dos resultados da dissertação.

O segundo capítulo apresenta os componentes da Geografia da pesca, o histórico e a caracterização dessa atividade na praia pesquisada, como construiu-se e mantém-se o território destes atores da pesquisa e quais são as principais transformações no universo do saber-fazer pescador.

Já o terceiro capítulo traz sobretudo o referencial teórico e as diversas abordagens conceituais que auxiliaram nesse caminho de observar, interpretar e representar os territórios pesqueiros. Visando contribuir para uma análise dos mapas mentais elaborados pelos pescadores, o capítulo aborda conceitos fundamentais para a pesquisa, como cultura, memória, lugar, território e simbolismo. Foram levantados estudos sobre os mapas mentais dentro da Geografia e de como tornaram-se um instrumento capaz de dialogar sobre os territórios, ampliando o entendimento sobre percepção e representação espacial.

Por fim, o capítulo quatro aborda os resultados da pesquisa dialogando com as referências bibliográficas e as narrativas dos pescadores. Apresenta ainda, a interpretação dos mapas mentais e suas diferentes formas, estruturas, usos e saberes utilizados na pesca; além de responder aos objetivos da pesquisa através das histórias de vida, trabalho e percursos que os pescadores vivenciam em seus territórios.

Espera-se que ao longo do trabalho realizado possamos contribuir com a divulgação deste patrimônio social, cultural e ambiental que é a pesca tradicional e debater caminhos para a valorização do pescador, como também estimular o seu saber-fazer na comunidade da Armação.

## 1.2 Problematização

Dentro do pensamento geográfico o espaço continua sendo objeto de estudo, assim como as imagens cartográficas dentro da Cartografia ainda suscitam diálogos e reflexões. Cada ponto de vista trazido para analisar determinado contexto contribui para desenvolvermos cognitivamente as representações sociais e espaciais do nosso cotidiano.

Na discussão entre a linguagem cartográfica e a Geografia, saltamos aos olhos os mapas mentais, instrumentos que ligados a esse campo do saber produzem uma leitura perceptiva do espaço geográfico, e abarcam dentro desta pesquisa uma interface nos diálogos entre a percepção e a representação espacial dos territórios pesqueiros estudados.

É dentro do universo dos mapas mentais que a pesquisa caminhou, no qual buscou através de um olhar geográfico compreender os diálogos entre o mapear-representar, o mapear-comunicar e o mapear-pertencer dos pescadores tradicionais da comunidade da Armação do Pântano do Sul, localizada no município de Florianópolis-SC.

Porque esse lugar? Porque esses atores? Os registros históricos, as transformações socioespaciais, as alterações culturais em áreas litorâneas e a grande concentração de turismo são decorrentes de diversos processos ligados à expansão urbana, fato que propicia uma modificação no modo de vida e produção das populações locais, alterando assim também a dinâmica territorial dos pescadores tradicionais.

Alguns desses processos alteram significativamente a forma como os moradores das áreas litorâneas passaram a relacionar-se com o seu ambiente, com os pescadores do Sul da Ilha não foi e não é diferente. Os espaços em Florianópolis-SC estão cada vez mais ocupados e sofrendo pressão por parte de um crescimento nem sempre benéfico para os envolvidos no processo, que por muitas vezes modificam e impactam os modos de vida, as paisagens e as organizações sociais.

O Sul da Ilha vêm sendo marcado por visíveis alterações ambientais e histórico-culturais ao longo dos últimos 40 anos. Por ser um espaço ainda com pouco adensamento populacional, em comparação ao norte do município - com áreas extensas ainda não ocupadas e com potencial de atrativos turísticos - têm se tornado cada vez mais cobiçado pelos empreendedores imobiliários e palco de disputas políticas.

Diante desta realidade reforça-se a necessidade de levantar, mapear e registrar o modo de vida, as memórias, os saberes e as técnicas da pesca artesanal que por vezes estão cada vez mais esquecidas. Afinal, como são as representações espaciais dos pescadores tradicionais da Armação do Pântano do Sul, no contexto cultural e na composição do seu território?

### **1.3 Objetivos**

O objetivo geral da pesquisa pautou-se em levantar através dos mapas mentais as diferentes representações espaciais dos pescadores tradicionais da localidade da Armação do Pântano do Sul. Com a prioridade de atender também os objetivos específicos, que são:

- Diagnosticar através dos mapas mentais e das entrevistas o saber-fazer tradicional dos pescadores;
- Analisar os mapas mentais dos pescadores quanto às suas representações espaciais e simbólicas;
- Interpretar através dos mapas mentais os territórios pesqueiros;
- Analisar as transformações socioambientais e culturais nos territórios pesqueiros.

### **1.4 Justificativa**

O eixo central da pesquisa é compreender o que são os territórios pesqueiros para os pescadores artesanais, o que os compõem e quais as dinâmicas que os representam. E justifica-se pela iniciativa de apresentar através da metodologia de mapas mentais as representações espaciais dos pescadores.

O enriquecimento dos trabalhos e análises feitas sobre a área de estudo, possibilita incentivar através do saber-fazer tradicional a realização de possíveis caminhos para mapeamentos participativos e possíveis levantamentos do patrimônio histórico-cultural imaterial desta praia.

Gerber (2013) afirmou, que os pescadores sabem interpretar cada sinal deste mar familiar: a cor da água, os batimentos das ondas, a força da corrente, são tantas marcas sensíveis para conhecer a natureza dos fundos, o estado da maré ou a cara do tempo, e ainda ressalta que sobre este espaço eles conseguem orientar-se com poucos recursos, e é isso que a autora explica que interessa-nos na comunidade em questão.

Pois sendo a cartografia também uma linguagem surgida anteriormente à invenção da escrita, onde as informações cartográficas serviam de base para tomada de decisões e encontravam soluções para os problemas cotidianos, vemos então que ela constituiu-se numa das prin-

cipais ferramentas usadas pela humanidade para ampliar os espaços territoriais e organizar sua ocupação; porque não, então, analisar uma cartografia dos pescadores? No entender do Prof. Castrogiovanni (2000, p.39):

Cartografia é o conjunto de estudos e operações lógico matemáticas, técnicas e artísticas que, a partir de observações diretas e da investigação de documentos e dados, intervém na construção de mapas, cartas, plantas e outras formas de representação, bem como no seu emprego pelo homem. Assim a cartografia é uma ciência, uma arte e uma técnica.

Por outras perspectivas a cartografia também é um instrumento de poder social, político, de resistência e controle. Seemann (2003) constrói o conceito de uma cartografia crítica, onde ele considera que por muito tempo, os mapas foram vistos como representações objetivas da realidade, sendo um modelo normativo da cartografia científica que apresentava os mapas como documentos não ideológicos, livres de valores e arbítrios.

Para o autor isto caracteriza-se como uma visão positivista. A realidade poderia ser expressa em termos matemáticos e os objetos mapeados seriam reais e objetivos, existindo independentemente do cartógrafo (HARLEY, 1989).

John Brian Harley (1932-1991) foi um geógrafo e historiador importante para a tradição cartográfica, desde o começo do ano de 1980 estimulou a elaboração de uma perspectiva diferente para a Cartografia, criticando o modelo vigente e dominante, abrindo o caminho para o surgimento de uma visão cartográfica que oscila entre uma “nova história da Cartografia” e a “história de uma nova Cartografia” (MENEQUETTE, 2002).

As transformações da construção de um conhecimento social e de um conhecimento científico também se dão no campo ideológico, no campo de movimentos sociais, de embates territoriais e de lutas de classes. É nesse enfoque e diante de inúmeras outras situações que a cartografia (re) significa-se, (re) inventa-se e resgata perspectivas de outros olhares que não são somente os clássicos.

A cartografia pode ser vista como um conhecimento social preocupado com o homem, oferecendo uma linguagem ímpar que é a linguagem visual para o uso social. O mapa sendo um de seus produtos deve ser articulado como linguagem visual dinâmica que contém inúmeros



significados culturais, e é mais frequente na vida das pessoas do que elas possam imaginar, conforme argumentam Pissinati & Archela (2009, p. 109):

Ao se tratar dos conceitos que envolvem a representação gráfica, a referência não é apenas para os mapas usados nos livros ou no meio digital. O traçado de um campo de futebol, o trajeto do quarto até a cozinha, a vista vertical a partir da janela de um prédio, a posição da mesa do professor em relação às carteiras da sala de aula, tudo isso requer um mínimo de conhecimento sobre localização, projeção, proporção e simbologia. Ao contrário do que muitos estudantes pensam, não é na escola que eles começarão a adquirir conhecimentos cartográficos. Na verdade, eles já trazem uma bagagem de conhecimento empírico que apenas será transformado em conhecimento formal, mediante a conscientização sobre o seu uso e sua nomenclatura.

Nessa perspectiva é que justificamos este trabalho e que percebemos quão importante e rico é o universo de conhecimento e diversidade das representações espaciais que determinado ator social ou grupo social observa e constrói de seus territórios. Quanto da vivência, trabalho, família e histórias contribuem e enriquecem ao pertencimento de um lugar.

## **1.5 Metodologia**

A pesquisa definiu-se como qualitativa, tendo como modalidades: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, história de vida oral e observação, requerendo alguns instrumentos como trabalho de campo, entrevistas semiestruturadas, diário de campo, aplicação de mapas mentais e registros fotográficos.

Uma pesquisa quando é qualitativa visa principalmente atender a um conjunto de características essenciais para ser denominada como tal. Neste sentido Godoy (1995, p.62) pontua:

- (1) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
- (2) o caráter descritivo;
- (3) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador;
- (4) enfoque indutivo.

A expressão “qualitativa” assume muitos enfoques no campo das pesquisas sociais, abrange uma visão interpretativa muitas vezes insipiente em pesquisas puramente quantitativas. Seu objetivo primordial para Maanem (1979, p. 520) é “traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado; entre teoria e dados; entre contexto e ação”.

Desta maneira há afirmativas que pesquisas qualitativas não seguem modelos fechados porque se propõem a verificar e analisar fatos complexos, trabalhando preferencialmente com palavras orais e escritas, com sons, imagens e símbolos (MOREIRA, 2002).

Para o estudo de caso diante do recorte temático proposto, foi importante trabalhar com a oralidade dos pescadores e com suas memórias, dificilmente conseguiríamos quantificar algo nessa perspectiva. A visão da pesquisa qualitativa atende, visto que a intenção é levantar os significados que estes pescadores dão à sua vida e ao território.

A pesquisa voltou-se para compreender os significados e características situacionais apresentadas pelos atores sociais, possibilitando dialogar com a realidade, porque de fato “partem do pressuposto que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores” (DEMO, 2001).

De modo que, a partir deste teor qualitativo, o trabalho exigiu uma interação da pesquisadora com os atores pesquisados. Segundo os autores Prodanov e Freitas (2009) essa interação entre o pesquisador e as pessoas implicadas na investigação visa elucidar os problemas da situação observada, contribuindo para aumentar o conhecimento dos pesquisadores e dos participantes.

A pesquisa está baseada na fundamentação teórica da Geografia Cultural, não só pela possibilidade de verificar *in loco* através da proximidade com os atores sociais, mas porque esse campo do saber também garante a fenomenologia como um dos caminhos que busca compreender os fenômenos como eles são em sua essência, partindo da investigação dos atos da consciência sobre a vivência de cada indivíduo ou grupo social.

A fenomenologia busca estudar o cerne das questões e segundo ela, todos os problemas devem ser vistos como definição das essências, considerando a percepção e a consciência espacial. Segundo Merleau-Ponty (1971, pg.1), a fenomenologia caracteriza-se por ser “[...] uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade”.

Assim, a pesquisa buscou dar este enfoque teórico-metodológico, acreditando que permite um entendimento do lugar vivido, do espaço e do tempo, de forma que alinhou-se à experiência que cada pescador tem na sua memória do cotidiano, demonstrando através de sua história a condição e a sua relação como é.

Os conteúdos deste mundo vivido, para Johnston *apud* Bertin (2013, pg. 108):

São únicos para cada indivíduo, pois cada um de seus elementos é o resultado de um ato de intencionalidade – seu significado é atribuído pelo indivíduo, sem o qual ele não existe, mas com o qual ele influencia o comportamento.

Como já exposto, algumas modalidades da pesquisa foram utilizadas para coletas e interpretações de dados referentes às percepções do território pesqueiro e das representações espaciais da pesca contidas nos mapas mentais dos pescadores tradicionais do Sul da Ilha de Santa Catarina. Nos tópicos a seguir, apresentaremos os atores sociais da pesquisa e os porquês da escolha dessas modalidades no trabalho.

### **1.5.1 Atores Sociais da Pesquisa**

Entrar em contato com os pescadores tradicionais é ter necessariamente contato com o mar, elemento da natureza que rege seu cotidiano de trabalho, fator simbólico que agrega valor afetivo aos territórios que cada pescador possui representado em suas memórias e práticas.

O uso da terminologia tradicional e não do termo artesanal associado ao pescador, justifica-se pela estreita relação deste pescador com o saber das suas tradições culturais, que é intrínseco a sua prática pesqueira cotidiana. Por mais que seu ofício caracterize-se de uma maneira artesanal, ele guarda em suas técnicas um saber que foi recebido de maneira oral e transmitido pelas gerações anteriores.

A trajetória de reconhecimento destes atores sociais é de muita luta por benefícios e direitos, a atividade da pesca artesanal e/ou tradicional ainda não possui uma definição precisa nos órgãos regulamentadores, impedindo esses pescadores de exercerem seu trabalho de maneira segura e tranquila. Por ser uma atividade diversa em seus modos de praticar, o esforço de realizar uma definição de maneira geral e detalhada é complexo.

Esta questão já é um desafio diante da realidade colocada, mas consideramos de muita importância registrar o modo de realizar-se esta

atividade na área de estudo a fim de garantir a valorização destes trabalhadores e trabalhadoras.

Os atores pesquisados foram selecionados contemplando algumas características: serem pertencentes e residentes da localidade pesquisada e de trabalharem na pesca tradicional. Ainda como motivos que levaram à escolha destes atores, destacamos os pescadores que atuam na comunidade por meio de associações e movimentos sociais, como também jovens pescadores que procuram seguir o ofício familiar, antigos pescadores e mulheres que vivenciam ou vivenciaram o cotidiano da pesca.

Durante a pesquisa entrar em contato com os pescadores foi significativo para também compreender os processos de transformações vividos nos territórios pesqueiros que cada um compreende à sua maneira. Estas transformações são transmitidas pelas memórias e relações afetivas que cada um desenvolveu ao longo de sua trajetória como sujeito no espaço. A seguir a Tabela 1 apresenta os dados referentes aos atores da pesquisa:

**Tabela 1- Dados dos Atores da Pesquisa**

Nº	Nome (*)	Gênero (**)	Idade	Estado Civil	Profissão	Tempo Pesca	Local
P1.	A.S.	M	47	Divorciado	Pescador	30	Armação
P2.	M.W.S.	M	43	Solteiro	Pescador	10	Armação
P3.	M.J.S.	M	71	Casado	Pescador Aposentado	40	Armação
P4.	L.N.S.	M	39	Casado	Pescador	25	Armação
P5.	J.M.S.	F	30	Casada	Pescadora	10	Armação
P6.	J.R.P.	M	57	Casado	Pescador	40	Armação
P7.	R.N.	M	39	Casado	Pescador	19	Armação
P8.	M.M.S.	M	44	Solteiro	Pescador	15	Armação
P9.	J.E.S.	M	52	Casado	Pescador	27	Armação
P10	N.J. S.	M	67	Casado	Pescador Aposentado	30	Armação

**Elaboração: DORSA, A.R. (2015). (\*) Foram mantidas apenas as iniciais dos nomes para guardar a identidade dos pescadores. (\*\*) F: Feminino e M: Masculino**

É importante esclarecer que quando usamos a denominação pescadores tradicionais, referimo-nos à forma como realizam a pesca a partir dos modos de fazer, saber, ser e pertencer. A pesca como elemento

central de suas vidas produz maneiras diferentes de representações e percepções de seus territórios.

### 1.5.2 Pesquisa Bibliográfica

O processo de revisão bibliográfica foi fundamental para a pesquisa, visto que diferentes obras puderam complementar o referencial teórico e permitiu realizar as interpretações e compreensões das observações, entrevistas e mapas mentais realizados nos trabalhos de campo.

Quando se trata de uma pesquisa pautada na interação dos conhecimentos do estudo de caso e conceitos geográficos é necessário investigar abordagens teóricas que contemplem uma visão ampla das temáticas aqui levantadas como os conceitos de território, memória, representação e percepção espacial. Que serão melhor dialogados ao longo da pesquisa e dos resultados obtidos através dos mapas mentais nos capítulos 3 e 4.

Segundo alguns autores define-se pesquisa bibliográfica como uma forma de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um determinado estudo ou problemática, afim de procurar respostas e soluções. Para Cervo & Bervian (1983, p.55), a pesquisa bibliográfica pode ser definida como a que:

[...] explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existente sobre um determinado assunto, tema ou problema.

Por meio das referências bibliográficas tem-se o conhecimento sobre a produção científica tornada pública e acessível. Gil (1999) considera que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante material já elaborado, principalmente livros e artigos.

Foi importante revisitar as referências bibliográficas sobre os temas tratados, pois acima de tudo essa pesquisa não deseja reinventar o que já está colocado, mas sim contribuir e aumentar o diálogo sobre a temática em torno da pesca artesanal e dos mapas mentais.

Diante disso observo que o processo de pesquisa constitui-se em atividade científica básica através da indagação e (re) construção da realidade, alimenta a atividade de ensino e à atualiza frente a realidade, já que “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (MINAYO, 2001, p. 17).

### 1.5.3 Pesquisa Documental

A utilização de documentos em pesquisa deve ser valorizada, pois a riqueza de informações que deles podem-se extrair e resgatar são justificados pelo seu uso nas ciências humanas, possibilitando a ampliação do entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Como exemplo Cellard (2008, p.295) expõe que:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente.

Outra justificativa do uso de documentos nesta pesquisa é o fato de que permite-nos o acréscimo da dimensão temporal à compreensão do social. A análise documental favoreceu a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros. (CELLARD, 2008).

A busca por documentos que elucidassem o processo histórico de ocupação, transformação e alteração do território na praia da Armação do Pântano do Sul foi importante, porque dessa maneira pode-se aproximar as informações retiradas da pesquisa bibliográfica e validá-las. Alguns dos documentos podem ser visualizados nos Anexos.

A pesquisa documental tornou-se um procedimento metodológico decisivo tanto nas ciências humanas quanto nas sociais, pois a maior parte das fontes escritas – ou não – são quase sempre a base do trabalho de investigação. Dependendo do objeto de estudo e dos objetivos da pesquisa, pode-se caracterizar como principal caminho de concretização da investigação ou constituir-se como instrumento metodológico complementar (SÁ-SILVA, 2009).

Nossa fonte documental principal venho dos próprios pescadores, na Armação tivemos contato especialmente da Associação dos Pescadores, onde foram analisados documentos, fotos e algumas produções bibliográficas encontradas com os monitores da Ilha do Campeche. Estes

documentos serviram para complementar as informações trazidas no capítulo 2.

#### 1.5.4 Observação

Para obter os resultados esperados, sem dúvida a observação foi usada durante a trajetória do trabalho, pois Lüdke & André (1986, p.26) afirmam que:

Na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. Além disso, as técnicas de observação são extremamente úteis para “descobrir” aspectos novos de um problema. Isto se torna crucial nas situações em que não existe uma base teórica sólida que oriente a coleta de dados.

Os mesmos autores consideram a observação um instrumento confiável, mas ressaltam que deve ser planejada e baseada em uma sistemática, pois requer determinar “o quê” e “como” observar. Para a realização da observação devemos preparar e escolher os instrumentos a ser utilizados no campo ou visita técnica, como o diário de campo, registros fotográficos, organização do roteiro, gravadores ou câmeras filmadoras.

Para outros autores a observação deve ser caracterizada como espontânea, informal, não planejada, porém além da simples constatação de fatos. Gil (1999, p.111), afirma que:

Em qualquer circunstância, exige um mínimo de controle na obtenção dos dados. Além disso, a coleta de dados por observação é seguida de um processo de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização e o controle requeridos dos procedimentos científicos.

Aqui, através da observação buscou-se compreender a realidade local, como os atores sociais relacionam-se com o território, considerar os patrimônios culturais (material e imaterial) e buscar interpretar as significativas transformações no modo de vida e na cultura da pesca. Itens esses pautados na relevância do que se é percebido e concebido pelo referido grupo social. Para tanto Lüdke & André (1986, p.22) expressam que a observação:

É a forma como os agentes colaboradores e transformadores atuam no ambiente. Usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. “Ver para crer”, diz o ditado popular.

Os autores acima citados afirmam que “ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados”. Utilizamos a entrevista no modo de história oral de vida, com recortes temáticos, em combinação com o diário de campo, os mapas mentais e os registros fotográficos.

A observação livre e direta propõe a descrição dos pescadores tradicionais e dos locais visitados além da reconstrução dos diálogos principalmente para compor o percurso da construção do conhecimento. Para as observações serem registradas é necessário a utilização de alguns instrumentos de pesquisa, que serão apresentados logo após o próximo tópico.

### **1.5.5 História Oral de Vida**

Na pesquisa referendamos um gênero de história oral que privilegia a experiência de vida daqueles que narram suas histórias, foi utilizada seguindo temáticas encontradas nos trechos das narrativas. Nas entrevistas buscamos as peculiaridades das trajetórias pessoais e da percepção de espaço, território, cultura, além da memória de cada pescador. Meihy & Holanda (2007) denominam a história oral de:

No caso da história oral de vida, o que a distingue é exatamente a independência dos suportes probatórios. As incertezas, descartabilidade da referência exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história oral de vida se espalha nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções.

Trazer a perspectiva da história oral de vida caracteriza-se principalmente por manter com ética e fidedignidade as memórias e os relatos



dos pescadores. Dessa maneira as entrevistas foram elaboradas como diálogos, os entrevistados deixam de ser “meros informantes”, para tornarem-se colaboradores atuantes e parte fundamental do projeto de pesquisa.

O uso deste referencial teórico metodológico aliado ao uso de mapas mentais proporcionam uma análise na pesquisa, onde o relato não é um elemento concreto sobre a realidade, antes é a reflexão do passado construída num presente, que é o momento do diálogo (MEIHY & HOLLANDA, 2007). O diálogo construído ao longo das entrevistas permite uma reflexão não só do pesquisador, mas principalmente para os atores entrevistados.

Os povos antigos já utilizavam elementos diversos para representar os territórios, desenhavam seus próprios mapas e orientavam seus caminhos, esse saber também estava ligado a transmissão do conhecimento pela oralidade. Antes mesmo da escrita já faziam-se mapas e contavam-se histórias. Por isso escolhemos a história oral de vida, visto a sua aproximação com essa dinâmica tradicional.

Mesmo sendo utilizada por teóricos diversos, o uso da história oral ainda causa divergências no campo metodológico. Mas, é considerada como um caminho para acessar a trajetória histórica das pessoas, centrando-se na memória humana e na sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido (MATOS & SENNA, 2011).

Podemos entender nesse caso a memória como a presença do passado, os autores acima consideram-na sendo a construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado.

A pesquisa não estava procurando a memória somente de um pescador, mas a memória de um pescador inserido no seu universo familiar e social, no seu território e na sua atividade, de tal forma que suas lembranças são permeadas pelas inferências coletivas. Para Maurice Halbwachs *apud* Matos & Senna (2011), toda memória é coletiva, e como tal, constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.

Considero que o uso da história oral de vida possibilita em uma pesquisa geográfica imprimir o tempo, pois enquanto método e prática do campo de conhecimento histórico, a oralidade reconhece que as trajetórias dos indivíduos e dos grupos merecem ser ouvidas como também as especificidades de cada espaço geográfico devem ser conhecidas, estudadas e respeitadas.

### **1.5.6 Instrumentos da Pesquisa**

- **Entrevistas**

Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com abordagem focada na história de vida de cada ator social pesquisado, por entender que são conversas entre duas ou mais pessoas com objetivos específicos em mente, esclarecida por Trivinos (2008, p.146) como:

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Entrevistas auxiliam na investigação dos atores sociais, pois garantem a obtenção de informações e fatos sobre aspectos identitários e memórias afetivas relacionadas ao ambiente e ao espaço vivido. Estes fatos nem sempre apresentam-se de maneira cronológica nas lembranças dos sujeitos. Muitos registros vêm à tona nas entrevistas de maneira espontânea, seguindo na verdade uma linha ligada à trajetória de vida do entrevistado.

A condução da pesquisa requer cuidados, pois o pesquisador não deverá induzir as respostas. A sua participação deve ser estimuladora e não de confronto. Trivinos (2008, p.146) garante que em entrevistas semiestruturadas o enfoque qualitativo é possível, pois:

Elas são resultadas não só da teoria que alimenta o investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa, não sendo menos importantes seus contatos, inclusive, realizados na escolha das pessoas que serão entrevistadas.

Existe uma vantagem na entrevista para uma pesquisa, ela garante a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de colaborador e sobre os mais variados tópicos (LÜDKE & ANDRE, 1986). Visando esquematizar as narrativas dos atores da pesquisa, optou-se por este instrumento, por ser básico e não de aplicabilidade rígida, permitindo ao entrevistador realizar adaptações. Moreira (2002, p.54) exemplifica:

O entrevistador pergunta algumas questões em uma ordem predeterminada, mas dentro de cada questão é relativamente grande a liberdade do entrevistado. Além disso, outras questões podem ser levantadas, dependendo das respostas dos entrevistados, ou seja, podem existir questões suplementares sempre que algo de interessante e não previsto na lista original de questões aparecer.

As entrevistas realizadas seguiram um roteiro de campo, questionário, roteiro de entrevista e um roteiro de aplicação dos mapas mentais, ambos encontrados respectivamente nos apêndices A, B, C e D.

Os roteiros primaram principalmente por incluir nas questões dirigidas para os pescadores fatos que respondessem nossos objetivos de pesquisa e que pudessem contribuir também para melhor apresentar o cenário da pesca tradicional nestes territórios.

- **Diário de Campo**

Outro instrumento relevante utilizado foi o diário de campo, chamado também de caderno de campo. Na minha trajetória de pesquisas ele tornou-se um instrumento de extremo valor à medida que possibilitou o registro de observações variadas, desde o desenvolvimento das entrevistas, bem como o registro do trabalho de campo e das adversidades enfrentadas na coleta dos dados.

O caderno de campo deve ser usado em qualquer momento do desenvolvimento de uma pesquisa. Meihy & Holanda (2007, p.152) abordam suas principais utilidades:

É nesse caderno que devem também constar às impressões, bem como as ligações feitas a partir dos vínculos com entrevistas anteriores e hipóteses levantadas para alcançar as futuras. O caderno de campo deve funcionar como um diário íntimo, em que são registrados os problemas de aceitação de ideias dos entrevistados, bem como toda e qualquer reflexão teórica recorrente de debates sobre aspectos do assunto.

A utilização do caderno de campo contribui para a captação dos temas tratados nas entrevistas, além de auxiliar no processo de transcrição das mesmas, pois registra aspectos, impressões e caracterizações que dificilmente seriam apreendidas apenas através da fala dos entrevistados.

- **Registros Fotográficos**

O registro fotográfico serviu para auxiliar nas observações e compor os mapas mentais dos pescadores tradicionais. Para Batista (2003) “a fotografia é um recurso que pode ilustrar um texto, mas, sobretudo, como um instrumento de pesquisa pode possibilitar ao pesquisador a construção do conhecimento decorrente da análise das imagens”.

Pode-se entender a fotografia como registro de um momento, de uma situação, de uma realidade vivida, vinculada as vezes ao sentido puro de beleza a fotografia pode ficar esquecida como valor documental e como recurso auxiliar em pesquisas. Mas, mostra-se de extrema utilidade nessa pesquisa pelo fato de produzir conhecimento por meio da subjetividade que a envolve.

Desta maneira, procura-se representar através das fotografias alguns momentos capturados da paisagem e do território dos pescadores registrados pela pesquisadora no decorrer dos trabalhos de campo a fim de expor as práticas de trabalho e cultura, como também as peculiaridades de cada sujeito pesquisado, pois como afirma Flusser (2002, p. 47) na fotografia “seu valor está na informação que transmite”.

Deve-se considerar que as informações contidas nas fotografias não são isentas, não são neutras; elas são impregnadas de significados, assim coloca Guran (2002, p. 104) “fotografar é antes de tudo atribuir (ou reconhecer) valor a um aspecto determinado de uma cena”.

Contudo, considera-se que um registro fotográfico além de expressar significados e sentidos diversos possui um valor documental. Pois ao observar um determinado contexto é necessário imaginar o seu texto e materializá-lo em imagem, com o fim de validar um aspecto particular de uma realidade.

Nesse sentido a fotografia carrega também um registro histórico e espacial. Kossoy (2000, p.26) diz que: “toda e qualquer imagem fotográfica contém em si, oculta, e internamente, uma história: é a sua realidade interior, abrangente e complexa, invisível fotograficamente e inacessível fisicamente”.

Assim, compreende-se que a imagem é a própria linguagem. Contudo, é fundamental que esteja em conexão com os contextos e agentes que a produziu, afinal ilustram e complementam o acesso de elementos que de outras formas poderiam passar despercebidos.

- **Mapas Mentais**

Averiguando que atualmente a prática e a difusão de mapeamentos participativos tornaram-se uma metodologia importante na área das

ciências humanas, envolvendo pesquisadores com comunidades tradicionais e partindo do princípio central que é o de motivar os atores sociais na construção da representação do seu próprio espaço. Procuramos utilizar os mapas mentais como uma metodologia inicial a esse processo participativo refletindo sobre seu uso e desdobramentos na Geografia.

Na pesquisa partimos única e preferencialmente da percepção espacial que cada pescador possui de seu território, sem interferências dos limites municipais, naturais ou mapas de seus bairros. Queremos saber como é e o que é o território para esses pescadores, através de suas memórias, histórias e de seus mapas.

Ao escolher o mapa mental de um pescador para analisar os territórios pesqueiros estamos privilegiando a sua visão de mundo, a sua representação individual daquele espaço. Talvez encontremos aí semelhanças, disparidades, ruídos ou marcas de influências diversas, mas procuramos neles um registro leal, sem edições.

É através destes mapas com símbolos e subjetividades que interpretamos e dialogamos sobre a percepção espacial de um território, que conhecemos a realidade da alfabetização cartográfica destes indivíduos, o que é importante para eles, quais suas referências e a imagem projetada daquele espaço no seu cotidiano.

O mapa mental pode representar a jornada pessoal de cada indivíduo, é a vivência expressada no papel, estes são os mapas que construímos ao longo da trajetória de vida com os lugares, paisagens e territórios experienciados. Em um dos trabalhos de Nogueira (2002), ela afirma que os mapas mentais são representações do real e são elaborados por um processo que relaciona percepções próprias visuais, audiovisuais, olfativas, lembranças, coisas conscientes ou inconscientes.

Esses mapas trazem representações espaciais que as pessoas produzem de lugares conhecidos. Essas representações podem ser do espaço vivido cotidianamente, construídos mentalmente a partir do presente ou do passado, de localidades distantes da realidade do indivíduo, ou ainda formadas por momentos sociais, culturais, históricos, políticos e econômicos.

Petchenick (1995), afirma estar surgindo um novo enfoque, formado através do processo mental do homem construído ao longo da vida. Para ela os mapas mentais não são simplesmente arranjos de mapas cartográficos tal como é a linguagem, os mapas não carregam os significados puramente, eles ajudam-nos a compreender o processo.

Afirma ainda que os mapas vão além do que pode-se observar através do olhar, “é uma representação integrada multimodal, englobando várias representações que ajudam a interpretar a realidade ao redor”

(PETCHENICK 1995). Os mapas mentais estão aí para revelar-nos como o espaço é compreendido e vivido.

De encontro com o pensamento de Teixeira & Nogueira (1999) acerca dos mapas mentais estamos falando de um conhecimento espacial que os homens adquirem de acordo com as imagens mentais que constroem ao viver e perceber o espaço. Os mapas mentais são para as autoras resultados da tradução de “imagens da estrutura espacial que cada homem vivencia”.

Diante destas discussões, a Geografia abriu e vem abrindo espaço para uma nova etapa em suas produções, valorizando o conhecimento cotidiano da humanidade.

Nos trabalhos de Kozel (2001) a autora explica que durante um bom tempo os mapas mentais foram assunto nas áreas da psicologia, mas logo tornaram-se elementos de análises em outras áreas. Tanto a antropologia, como a sociologia, arquitetura e urbanismo deram contribuições para as discussões na Geografia, área que atem-se principalmente às relações estabelecidas pelos homens com o espaço geográfico através das percepções mentais.

Por ter esse caráter aberto e abrangente dentro da pesquisa, a metodologia de mapas mentais possibilita o registro do espaço vivido pelos pescadores, valorizando não a técnica artística ou a destreza em desenhar e sim os símbolos e significados que cada mapa possui, que serão discutidos ao longo do trabalho.

Por isso descrevemos a aplicabilidade da metodologia não só dos mapas mentais, mas também da própria investigação em campo com as entrevistas no item dos procedimentos metodológicos.

Importante ressaltar que os estudos dos mapas mentais utilizados como referências na pesquisa, foram resultados de aplicações em ambiente escolar. Porém existem outros trabalhos com experiências significativas onde ocorreram a inserção de comunidades tradicionais e grupos sociais nas diferentes faixas etárias. O intuito do uso de mapas mentais é contribuir para a qualidade da pesquisa.

- 
- **Procedimentos Metodológicos para Coleta de Dados**

A pesquisa bibliográfica foi iniciada a partir do segundo semestre de 2013, tendo a preocupação de buscar inicialmente trabalhos já realizados na área de estudo, além dos trabalhos realizados a partir da metodologia de mapas mentais. Após esse primeiro momento, iniciamos as

leituras e fichamentos das obras bases de autores da Geografia, principalmente das áreas da Geografia das Representações e Cultural, Fenomenologia e Cartografia.

Ao final do semestre citado, levantamos concomitantemente as principais monografias, dissertações e teses já realizadas sobre a temática, com a finalidade de melhor situar a pesquisa. Além de comparar a atual realidade da área de estudo com os cenários descritos nos trabalhos anteriores. Os encontrados e utilizados, foram:

- “Mulheres e o Mar: Uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil. Rose Mary Gerber. (Tese Doutorado UFSC – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia Social), 2013”.
- “Estratégias de pesca e usos dos recursos em uma comunidade de pescadores tradicionais da Praia do Pântano do Sul (Florianópolis, Santa Catarina). Rodrigo Pereira Medeiros. (Dissertação Mestrado Unicamp – Instituto de Biologia), 2001”.
- “Justiça ambiental e a política de seguro-defeso na pesca artesanal: o caso da associação de pescadores da Praia da Armação do Sul. João Paulo Borges da Silveira. (Trabalho de Conclusão de Curso UFSC – Centro Socioeconômico, Departamento de Serviço Social), 2011”.
- “Pescadores artesanais: natureza, território, movimento social. Eduardo Schiavone Cardoso. (Tese de doutorado – USP), 2001”.
- “NATUREZA E PESCA: Um estudo sobre os pescadores artesanais de Matinhos – PR, Vanessa Marion Andreoli. (Dissertação de Mestrado – UFPR), 2007”.
- “Um lugar chamado Pântano do Sul: um estudo das territorialidades do lugar chamado Pântano do Sul, município Florianópolis, SC, no período de 1938 a 1998. Neli Eugênia Costa Pereira. (Dissertação de Mestrado UFSC – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Geografia), 2001”.
- “Imagens e linguagens do geográfico. Curitiba capital ecológica. Salete Teixeira Kozel. (Tese de Doutorado – FFLCH USP), 2001”.
- “O Processo de Percepção e Apropriação do Espaço nas Comunidades Marginais Urbanas: O caso da Favela do Parolin em Curitiba-PR. Helena Midori Kashiwagi. (Dissertação Mestrado – UFPR), 2004”.

- “Que Geografia Se Ensina? - Um Estudo sobre Representações de Geografia Segundo Alunos da 6ª Série do Ensino Fundamental. Wilson Galvão. (Dissertação de Mestrado – UFPR), 2007”.

A pesquisa de campo, abrangendo a observação na comunidade de pescadores foi iniciada em junho de 2014 e manteve-se até setembro do mesmo ano. Esse contato inicial trouxe-me segurança para entrar com maior conforto no universo dos pescadores tradicionais. Estes meses de inserção e observação na Armação do Pântano do Sul possibilitaram maior confiança entre pesquisadora e atores da pesquisa.

A coleta de dados foi iniciada através das entrevistas realizadas entre os meses de setembro a dezembro de 2014. Importante ressaltar que também aconteceram trabalhos de campo na praia do Pântano do Sul com a perspectiva de observar outra dinâmica de pesca, porém o contato mais efetivo deu-se na praia da Armação.

Os contatos com os pescadores foram realizados através de visitas domiciliares, na associação e na própria área da praia, proporcionando a exposição das narrativas referentes aos seus modos de vida, trabalho na pesca artesanal e sobre o lugar de vivência.

Todos os trabalhos de campo seguiram o roteiro e foram registrados no diário. Também foram feitos registros fotográficos dos pescadores e de suas atividades.

O processo de pesquisa documental iniciou-se com as primeiras visitas à Associação, às casas de pescadores mais antigos e bibliotecas. A busca por documentos e registros históricos realizou-se mediante contato com os próprios pescadores e pessoas indicadas pelos mesmos.

As entrevistas seguiram um roteiro com perguntas norteadoras. Foram todas gravadas em gravador digital e após a escuta foram selecionados trechos que compõem o recorte temático das histórias orais de vida, transcritos seguindo as normas propostas por Pretti (1999). Ver exemplos em anexo (A), e ao longo do trabalho.

Nas entrevistas realizadas percebeu-se no exercício da fala, muitas memórias retomadas a partir do elemento mar, trazendo para a pesquisa narrativas valiosas sobre a historicidade da localidade estudada. Na figura abaixo observa-se um momento do trabalho de campo. A fotografia é de uma das entrevistas realizadas com um pescador, morador a 47 anos da praia da Armação.





Figura 1 - Entrevista com o pescador, Armação do Pântano do Sul. Fonte: DORSA, A.R. 2015

O diário de campo foi utilizado de modo prático para anotar observações. Em cada registro indicou-se dia, horário, local e período de duração do trabalho de campo, com espaço aberto para outras observações.

Cada trabalho de campo é uma descoberta, cada lugar expressa uma vivência, cada gente, cada conversa, cada passo dado em direção ao objetivo da pesquisa são portas que abrem-se para a reflexão.

Geografia é paixão, estar em campo é a expressão máxima do fazer-geografia, observar atentamente, mas não apenas observar, e sim olhar com emoção cada gesto sem perder a reflexão, cada palavra, cada expressão do sujeito da pesquisa é conseguir conectar a essência do humano na construção do espaço geográfico. Reservo, a seguir, espaço para apresentar um dos trechos do meu diário de campo:

---

### ***Trecho do Diário de Campo:***

*A data de hoje é 03 de dezembro de 2014, indo ao campo pela terceira vez com o intuito de aplicar a metodologia de mapas mentais e realizar algumas entrevistas extras. O destino escolhido é a praia da Armação. Como a área de estudo fica relativamente perto da minha casa escolhi a bicicleta como transporte para fazer os trabalhos de campo, o que possibilita ver o trajeto de outros ângulos. Certamente alguns elementos da paisagem passariam despercebidos se fosse de carro ou ônibus.*

*Prefiro a aventura de pedalar, assim também posso sentir o vento, o ar, a brisa do mar, ver as ondas, o horizonte - tudo tão diferente do meu Cerrado, parece-me que isso auxilia na aproximação da pesquisa.*

*Hoje o dia está bonito, o sol saiu, os passarinhos voltaram a cantar, após dias chuvosos e vento forte, mas de mar calmo. Ao passar pelo mirante do Morro das Pedras, pude notar, quão grande é a natureza e sem pestanejar afirmo, o mar é exemplo máximo dessa grandeza, o azul da água perde-se no céu.*

*Sai de casa por volta das 7h, com o material de campo já organizado. Cheguei na Armação por volta das 7:30h, (gosto de chegar cedo,) é nesse horário que encontro os pescadores voltando do mar, cenas bonitas, cooperação nos barcos, peixes sendo dividido e entregues aos intermediários, pessoas caminhando na praia, a associação já movimentada com as prosas e discussões/brigas entre os pescadores.*

*Esse tempo na associação é mais agitado, início do verão! As embarcações estão recebendo nova pintura, os barcos ficam coloridos e recebem tratamento especial. Serão usados para levar os turistas para a Ilha do Campeche, pelo pescador que continua na sua lida cotidiana.*

*Nessas vivencias do campo, ainda estou aprendendo a ver “a cara do tempo”, por isso essa é a primeira pergunta que faço quando chego na praia e encontro um pescador, daí ele me fala, e já estou me habituando com os sinais que aprendo sobre o tempo*

*Hoje o dia está bom, o mar calmo, o vento era leste, mas logo que cheguei, um já dizia: - vai virar visse? O vento vai virar. Ou seja, ainda estou aprendendo, as vezes o site Clima Tempo mostra, mas as vezes a natureza responde de outra maneira.*

*Logo que chego na associação, encosto minha bicicleta, dou bom dia às pessoas, tiro as sandálias e piso na areia. É diferente quando você sendo alguém fora daquela realidade busca se aproximar, nada de calça jeans ou tênis, a praia é pé no chão. Chego na beira da praia e avisto alguns barcos voltando. Vejo também algumas embarcações maiores, e pergunto o que são? Um deles responde: - isso nega, isso é os atuneiros pegando nossas manjubinhas.*

*A disputa no mar é tão conflituosa quanto em terra. Os barcos que pescam atum em alto mar, geralmente buscam na faixa mais próxima da praia os peixes pequenos para usar na pesca industrial. O problema que os pescadores artesanais levantam é que além dos peixes pequenos levam os filhotes, futuros peixes que seriam bons para a sustentabilidade da pesca artesanal.*

*A abordagem para a entrevista e aplicação do mapa tem que ser maneira, pescador é bicho desconfiado, o ambiente é masculino, mulher*

*já é vista de outra maneira, é preciso calma e paciência: já fui duas vezes para falar com o Marcio, um pescador bem atuante na associação, mas esqueçam! Não é o meu tempo que vale, lá é o tempo dele. Ou seja, esperar! Hoje consegui.*

*Alguns dias atrás falei com o pai dele e sua irmã que também pesca, o seu Biniga, velho pescador, aposentado, que chegou até pescar baleia na no auge do seu comércio. Esperei o Marcio voltar do mar, sentei-me no banco de prosa, e lá fiquei conversando com outros pescadores, indagando sobre perguntas da minha pesquisa, sobre a legislação da pesca, os conflitos no mar, o reconhecimento da pesca, assuntos que mexem com a vida deles também.*

*Márcio chegou, e chamou-me para sentar mais próximo do rancho dele, um local, que parece um depósito ou pequena sala aonde guardam os apetrechos, redes e todo tipo de material de pesca. Sentamos no batente, e lá se começou uma prosa de mais de hora e meia. Ele é jovem, porém vivido, cerca de 40 anos, tem a experiência do pai, já trabalhou embarcado. Foi uma prosa importante, falou sobre os conflitos com as embarcações maiores.*

*Mas algo ali tocou profundamente quando perguntei se largaria a pesca por algum motivo, após tantas dificuldades levantadas na conversa ele responde: o mar é meu sustento, tudo que eu sou o mar que me deu, o que mar também deu a meu pai eu devo ao mar. Todos os dias eu venho, levanto cedo, e mesmo que a pesca não seja boa, nega, eu vejo o sol nascer, esse é o meu cobertor.*

*Aquilo fez-me perceber, olhando em seus olhos, que a cada ida ao mar, o Marcio aproximava -se dele mesmo, porque para ele não existe dissociação, o mar é seu mundo, o mar o fez, é o seu espaço sagrado.*

*Fiz a entrevista e consegui que desenhasse o que ele percebe ser o seu espaço de viver, o seu território. De maneira simples e humilde disse: - não quero te mostrar desenhando, vou te mostrar aonde é.*

*No final da conversa me convidou para uma saída de barco, ir ver a rede, participar de uma puxada de rede. Aceitei, marcamos para o sábado, às 5:30h da manhã. É assim, a vida da pesca é cedo, o trabalho se dá a cada nova aurora pois “há que se cuidar do broto para que a vida nos dê flor e fruto”.*

*Nessas alturas já eram quase 10:30h, aproveitei para passar na sala dos monitores da Ilha do Campeche e buscar alguns materiais antigos, recortes de revistas, uns livros com fotografias da Armação, o que me foi permitido pelo atual presidente da associação, o Joca. E lá fui, consegui tirar fotos, pesquisar nos livros, recolher informações.*

*Ao me despedir marquei para a tarde uma conversa com outros dois pescadores. Aos poucos vou conseguindo ganhar a confiança e o comprometimento de outros para a pesquisa. Na saída senti uma enorme gratidão pela manhã que vivi, tão rica de conhecimentos, de experiências.*

*O exercício de escutar o outro, de entrar em contato com outra realidade faz-me perceber o quanto a humanidade em sua infinita diversidade cultural é capaz de transformar um cotidiano. Como a sua força de trabalho impulsiona um lugar, como um elemento da natureza é capaz de fazer parte de um ser, que ele nem consegue distinguir aonde ele começa e aonde o sujeito termina.*

*Peguei minha bicicleta, fui almoçar, esperar para voltar. E quando cheguei novamente não hesitei em sorrir, olhar aquela gente, seus barcos, suas histórias, o mar envolvendo tudo isso, mesmo com tantas mudanças e conflitos na pesca, percebi que cada um que resiste e permanece nesse ofício é um guardador de memória, é um agente transformador daquele território. Eles sabem no seu íntimo que mesmo havendo outra opção ainda assim optariam pelo mar.*

---

### • **A Metodologia dos Mapas Mentais**

A aplicação dos mapas mentais deu-se em dois momentos, a preocupação foi em como apresentar essa proposta: seria feita após as entrevistas ou juntamente com elas? Na fase inicial não tive muita preocupação em seguir alguma metodologia já experimentada, quis fazer meu próprio caminho. O primeiro momento na praia da Armação foi através da própria Associação de Pescadores Artesanais.

O processo de aplicação da metodologia no início foi mais complicado. O que ajudou no entendimento da pesquisa para os pescadores foram os próprios mapas mentais já feitos por alguns deles e um mapa mental feito por mim.

Na confecção dos mapas houve interação entre pesquisadora e pesquisados e ao longo do processo foram realizadas perguntas segundo um roteiro (apêndice D) para nortear os mapas mentais, visto a dificuldade que muitos encontraram ao desenhar e as indagações feitas sobre o porquê do interesse em seus próprios desenhos.

A abordagem feita não foi invasiva. Percebi que como muitos dos pescadores não possuíam alfabetização, não os forcei ir além do que estavam dispostos - privilegiei o conforto na situação. Apresentei dife-

rentes materiais: giz de cera, canetas, lápis de cor, lápis grafite e canetas esferográficas. Não limitei o uso de papel, também não limitei uma área específica. A pergunta norteadora do mapa foi: qual é o seu espaço de trabalho e o que você considera como seu território de pesca?

Após esta fase inicial de aplicação dos mapas, a preocupação foi organizar e digitalizar todos com boa qualidade de visualização, para posteriormente serem interpretados seguindo as orientações propostas pela metodologia averiguada em outros trabalhos. A referência que melhor contemplou o trabalho foi a da Prof.<sup>a</sup> Salete Kozel e de alguns trabalhos orientados por ela.

Denominada de “metodologia Kozel”, a professora segue critérios para análise e interpretação, principalmente através do ponto de vista da comunicação e não por suas categorias acadêmicas e artísticas como diz a autora. Os parâmetros principais são cinco:

1 – Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; (como ícones diversos, letras, linhas, figuras geométricas etc.)

2 – Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem; (as formas podem aparecer dispostas horizontalmente, de forma isolada, dispersa, em quadros em perspectiva etc.)

3 – Os mapas como forma de representação cartográfica que evidencie a espacialização do fenômeno representado

4 – Interpretação quanto à especificidade dos ícones:

- Representação dos elementos da paisagem natural
- Representação dos elementos da paisagem construída
- Representação dos elementos móveis
- Representação dos elementos humanos

5 – Apresentação de outros aspectos ou particularidades reunindo-os em grupos temáticos ou conceituais conforme ilustrados nos mapas mentais. (KOZEL, 2001).

Embora a análise das representações nas cinco fases permita uma maior compreensão, a interpretação dos mapas mentais nesse estudo baseou-se principalmente nos símbolos contidos nos mapas e a sua relação com os relatos das histórias de vida dos pescadores.

Como os atores sociais envolvidos foram os pescadores tradicionais e a temática envolvida é pertencente à realidade dos núcleos pesqueiros, aconteceram diferenciações quanto aos elementos simbólicos presentes nos mapas. Por isso, a preocupação em unir o mapa mental ao conteúdo das entrevistas, seguindo a proposta já citada. Essa interpretação é mostrada mais precisamente no terceiro capítulo, onde apresentamos efetivamente o resultado do trabalho realizado com os mapas men-

tais.

A pesquisa visou utilizar somente os mapas mentais como fontes cartográficas para apresentar o território pesqueiro da localidade da Armação do Pântano do Sul, elaborados pelos próprios pescadores apontam uma perspectiva da realidade local.

Durante o processo de aplicação da metodologia percebemos que este processo cria condições para cada pescador cartografar sua percepção espacial do local que ele vivencia. Na análise dos mapas levamos em conta o processo de identificação dos saberes-fazeres tradicionais e dos símbolos que compõem a cultura pesqueira, legitimando a presença e o direito à conservação da pesca tradicional.

Muitos obstáculos foram enfrentados, da inserção no local à conquista da confiança dos pescadores e durante o processo de entrevista e explicação dos objetivos de pesquisa, foi preciso exemplificar em vários momentos do que tratava-se um mapa mental. Foi necessário entender e aceitar o tempo dos pescadores, diverso do tempo do pesquisador. Em muitas das entrevistas, o mais importante da conversa era dito com o gravador desligado naqueles momentos de descontração.

Após algumas entrevistas, percebi a hora certa de introduzir a proposta do mapa mental, ou seja, logo antes de começar o roteiro de perguntas voltadas para a história oral de vida. Nessa hora era produtivo fazer as perguntas norteadoras para instigar o pescador a desenhar e mostrar através do desenvolvimento do mapa o que significava cada elemento.

As perguntas que melhor direcionaram foram: como você mostraria o local de pesca? Como são as redes e como identificar? Quais os melhores locais para a pesca? Onde e em qual direção está localizada sua área? Como chegar no seu território de pesca?

Segui um princípio durante a aplicabilidade dos mapas mentais: perceber a disponibilidade do pescador em conversar e explicar sua dinâmica e deixar que esses elementos trazidos em sua fala fossem trabalhados juntamente com os mapas.

Alguns envolveram-se mais do que outros, com estes mais disponíveis dediquei-me em aprofundar as informações, para depois poder replicar e demonstrar já ter algum conhecimento sobre a pesca na localidade e poder conversar assim aproximar-me dos pescadores que ainda desconfiados com a pesquisa.

A seguir fotos do processo de pesquisa e aplicação dos mapas mentais.



Figura 2 - Da esquerda para direita: Pescadores desenhando o mapa mental e abaixo um grupo de pescadores reunidos após chegada de barco, momento que aguardava para conversar com um deles. Fonte: DORSA, A.R. 2014

Quanto à sistematização e análise dos mapas mentais seguimos basicamente, como já foi dito, a metodologia criada pela geógrafa Salette T. Kozel, que fundamenta-se nas teorias *sígnicas*<sup>1</sup> e na abordagem sócio-interacionista baktiniana para desvendar o significado dos signos de uma imagem, contribuindo nas análises espaciais e compreendendo a lógica dos atores, desde as aspirações individuais aos sistemas de valores dos grupos sociais.

A metodologia consiste nos três momentos citados acima e que seguimos durante o processo: 1) classificar os mapas pelas categorias ou parâmetros; 2) associar às entrevistas dos indivíduos, atores da investigação; 3) analisar os elementos identificados nos mapas mentais por

---

<sup>1</sup> Aqui a palavra *sígnica* refere-se ao sentido de signo e símbolo, atribuídos pelo ser humano ao meio. Para Araújo & Junior (2012, p.105) os signos e símbolos estão e fazem parte da totalidade do espaço geográfico, pois faz parte da natureza humana atribuir sentido e valorar afetivamente e subjetivamente os elementos concretos e abstratos constituintes do espaço geográfico

meio das teorias linguísticas, para compreender a intencionalidade dos significados das imagens, considerando o mapa mental como um texto.

A metodologia de Kozel (2001) mostra-se mais complexa, pois vai além da classificação dos mapas mentais ao alcançar a interpretação deles com os aportes das teorias sógnicas e linguísticas. Trata-se de uma metodologia elaborada a princípio, para as análises dos mapas mentais da pesquisa de doutoramento da autora, que continuou sendo utilizada, com adaptações, por outros pesquisadores da Geografia, Arquitetura, Turismo, demonstrando suas interfaces interdisciplinares (KASHIWA-GI,2011).

Nesta pesquisa específica também surgiram novas propostas de aplicabilidade facilitando o trabalho da apresentação e da investigação de pesquisa, que podem ser notadas ao longo da dissertação.



## Capítulo 2. O distrito do Pântano do Sul: cenários e aspectos históricos da ocupação à perspectiva da pesca artesanal

O pescador tem dois amor  
 Um bem na terra, um bem no mar  
 O bem de terra é aquela que fica  
 Na beira da praia quando a gente sai  
 O bem de terra é aquela que chora  
 Mas faz que não chora quando a gente sai  
 O bem do mar é o mar, é o mar  
 Que carrega com a gente  
 Pra gente pescar  
 (Dorival Caymmi)

### 2.1 O Distrito do Pântano do Sul

A presença significativa do mar no cotidiano e na geografia de um lugar pode apresentar-nos a própria história de um determinado povo, bem como a composição de uma paisagem e as diferentes formas de uso dos elementos naturais e culturais presentes nela.

O mar é um símbolo vivo no tempo e espaço, elemento mítico, de papel importante em diferentes épocas históricas. Ele “representa o curso da existência humana e as flutuações dos desejos e dos sentimentos” (Chevalier & Gheerbrant, 1992). Aqui ele compõe o universo afetivo do pescador, é ao mesmo tempo adorado e temido, sendo água em movimento. Para Diegues (1998, pg. 18) o mar é:

O lugar das transformações e do renascimento, simbolizando, também, um estado transitório, ambivalente, de onde surgem os monstros, e nesse sentido é a imagem do subconsciente, fonte de correntes que podem ser mortais ou vivificadoras.

O lugar da pesca é o mar, o pescador o vê como segunda casa, em muitas das narrativas o mar é exposto como lugar do seu sustento. A praia é a extensão desse território, é sua base, seu ponto de apoio. Aos poucos tecemos neste capítulo as tramas e redes da história da permanência destes atores no lugar:

[...] eu nasci, me criei nisso aí, todo dia eu pescava, a minha vida era a pesca, eu não tinha outra renda, eu não ia capinar um terreno ali pra ganhar aquele dia, eu ia pra pesca, o mar me dava pesca

[...] então é assim, imagina a vida era assim. (P3 – M.J.S. 2014 – informação verbal)

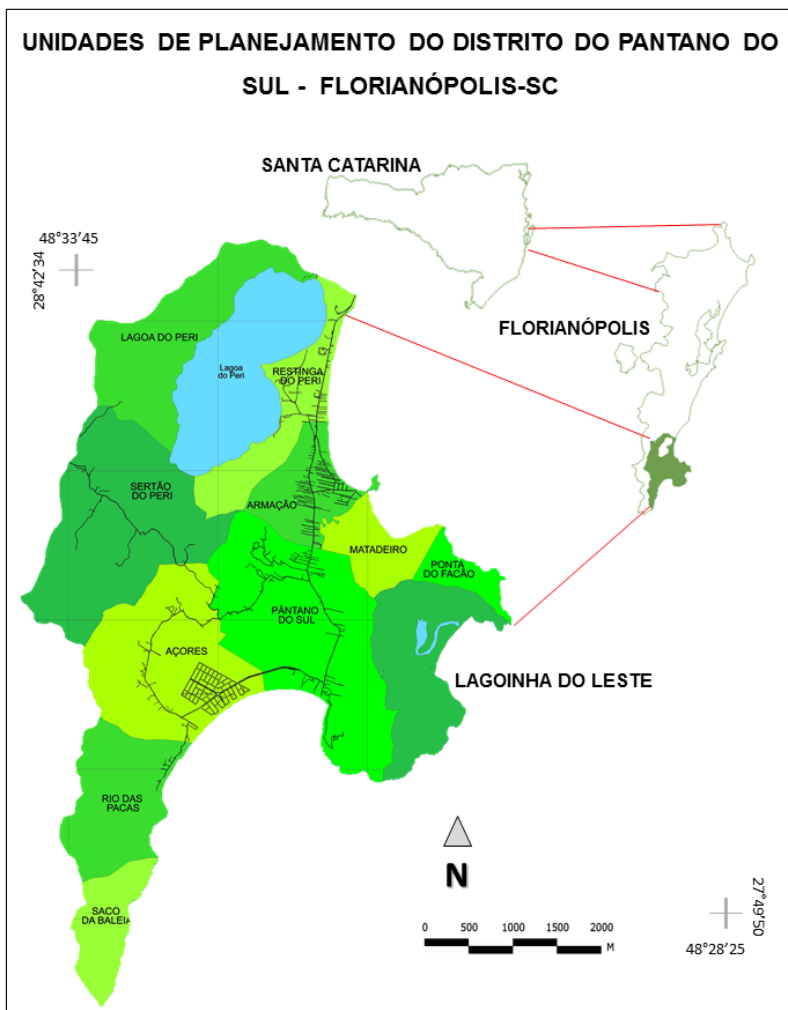
Através das histórias de vida, das conversas informais e trabalhos de campo foi possível perceber, assim como na fala do pescador acima, morador há 71 anos da Armação, como o mar é elemento presente nas lembranças do cotidiano. Por ser um dos elementos mais importantes para o pescador, pois é de lá que vem o seu sustento, o mar é a referência de pertencimento ao lugar. O pescador terá sempre o seu bem no mar e o seu bem na terra.

A reflexão sobre a pesca artesanal como atividade de subsistência e posteriormente econômica no Distrito do Pântano do Sul, foi necessária para compor os cenários de ocupação e transformação local. Privilegiamos as narrativas trazidas pelos pescadores repletas de subjetividade e diferentes percepções que promovem uma maior aproximação da realidade vivenciada nas praias do Distrito, marcadas atualmente pelo extensivo processo de urbanização, turismo e especulação imobiliária.

A comunidade da Armação, nossa área de estudo, localiza-se no Distrito do Pântano do Sul, correspondendo aproximadamente a 47,64 Km<sup>2</sup>, sua delimitação territorial foi criada e sancionada pela Lei nº 531, 1962. Os seus limites naturais são compostos por uma diversificada paisagem formada por restingas, dunas, maciços, praias, lagoas e áreas de preservação ambiental e permanente.

Podemos destacar que o Morro do Ribeirão abrangendo das pontas escarpadas até ao Morro da Lagoinha propicia um divisor de águas, compondo também a Bacia Hidrográfica do Pântano do Sul. Ressaltamos que o Distrito é abastecido pela Lagoa do Peri localizada a oeste da Praia da Armação.

A população do Distrito é de 5.824 habitantes, sendo que a Armação possui 2.610 habitantes, dados do último Censo Demográfico (IBGE, 2000). Apesar da pesquisa estar focada nesta comunidade que compõe o distrito, é importante destacar as outras que compõem as unidades de planejamento do distrito: Sertão do Peri, Lagoa do Peri, Restinga do Peri, Ponta do Facão, Costa de Dentro, Costa de Cima, Rio das Pacas (Praia da Solidão), Saco da Baleia, Lagoinha do Leste e as Praias dos Açores, Matadeiro, Pântano do Sul e Armação do Pântano do Sul.



Fonte: Mapa Físico-Político Florianópolis-SC e  
 Unidades de Planejamento PMF/IPUF, 2014  
 Projeção – UTM  
 Organização: Alice Regis Dorsa  
 AutoCad Map 2008

**Mapa 1 - Unidades de Planejamento do Distrito do Pântano do Sul**

**Elaboração: DORSA, A.R. 2015.**

O Distrito do Pântano do Sul é um mosaico de paisagens, em sua diversidade natural e humana. Observamos que mesmo com as mudanças e os aspectos urbanos é notória a existência de cenários de conservação ambiental, elementos culturais e sociais que compõem seu patrimônio histórico material e imaterial.

Observamos ainda práticas tradicionais em meio a tantas alterações do cotidiano dos habitantes do Distrito, e foi através delas que chegamos aos pescadores tradicionais da Armação. Por meio destas atividades cotidianas que estes atores vivem e reafirmam o seu espaço e seus saberes.

Para elaborar uma análise acerca dos territórios pesqueiros da comunidade entramos em contato com os pescadores para entender suas dinâmicas espaciais e representações.

## **2.2 Histórico da Ocupação do Distrito do Pântano do Sul**

A região litorânea catarinense, que engloba a área de estudo, teve seu processo de ocupação acentuado em meados do século XVIII após a chegada dos imigrantes açorianos - provenientes das diferentes ilhas do arquipélago de Açores - juntamente com as populações indígenas<sup>2</sup> presentes constituem as características socioculturais principais daquele momento, e posteriormente modificadas com a chegada de populações negras.

Esse povoamento açoriano está inserido dentro de uma conjuntura econômica e política da Coroa Portuguesa, em função de proporcionar um desenvolvimento produtivo e defender o território da colônia das investidas da Espanha em todo litoral sul.

Este imigrante ficou caracterizado como “colono-soldado”, aquele homem açoriano que ao mesmo tempo gerava produtos oriundos da agricultura e ocupava postos nas fortalezas construídas para defender a costa, impossibilitando a formação de produtores independentes e fortes para gerar uma economia material (Campos, 2009).

Essas investidas em território da Coroa Portuguesa dão-se pela posição geográfica estratégica da Ilha de Santa Catarina em relação aos

---

<sup>2</sup> Numa perspectiva mais geral, podemos situar os Carios (Karios, Carrioces, Carijós) na faixa litorânea do Estado, (LAVINA, 1999). O contato com os europeus até determinado momento era pacífica, porém os Carios sofreram com as ações dos bandeirantes vicentistas, em 1532 e os jesuítas com suas missões em 1596. A busca por mão de obra escrava indígena e a catequização fez com que os Carios migrassem para outras regiões do continente, ou fossem desaparecendo por mortes ocasionadas por doenças ou combates.

portos comerciais das principais cidades da época: Rio de Janeiro e Buenos Aires. Florianópolis, a então Desterro ficava na rota das grandes navegações pelo longo período do século XVI a XVII.

Segundo o estudo de Campos (2009), a chegada de 6.000 açorianos entre 1748 e 1756 marcou nova dinâmica cultural e socioeconômica. O contato com as populações indígenas e a modificada configuração e composição geográfica do relevo das áreas como o Pântano do Sul, fizeram com que os açorianos se adaptassem a nova realidade, passando a cultivar mandioca e produzir engenhos. Por conta da própria experiência no cultivo de trigo, os açorianos sempre desenvolveram a agricultura, o pastoreio e a pesca.

Este período foi marcado por extensos desmatamentos, causando o empobrecimento do solo. Conforme estendia-se a atividade agrícola, acelerava o processo de perda da cobertura vegetal da Ilha e a procura por terras férteis (CARUSO, 1983).

Concomitante ao processo de fixação dos açorianos, Florianópolis experimentava o apogeu e a expansão da pesca baleeira. Segundo Claramunt (2008), a indústria da pesca baleeira estabeleceu-se por volta de 1740 na costa catarinense, destacando seu papel no comércio nacional e internacional.

O primeiro núcleo baleeiro localizou-se na Armação de Nossa Senhora da Piedade, hoje atual município de Governador Celso Ramos. Na ilha instalaria-se um núcleo baleeiro, em 1772, na Armação da Lagoinha, atual Armação do Pântano do Sul, o Pântano do Sul também foi marcado pela pesca baleeira.

Tanto a Armação quanto o Pântano do Sul sempre tiveram uma forte influência da pesca e durante todo o período da colonização açoriana desenvolveu-se um sistema de pesca artesanal para subsistência, mesmo que o principal objetivo econômico destas localidades continuasse a ser a pesca de baleias, posteriormente a pesca tornou-se um sistema comercial com a chegada de famílias de outras localidades, como das praias da Pinheira e Ganchos, atual município de Celso Ramos, que já tinham a pesca como ofício.

Conhecidos como pequenas vilas ou freguesias, o formato destes dois núcleos pesqueiros originou-se no processo de colonização no século XVIII. A necessidade de acesso às áreas de cultivo e à praia evidenciou um traçado urbano orgânico constituído por ruas e caminhos de segmentos curtos, quase sempre terminando na praia ou ao final da encosta de um morro, compondo o desenho de “espinha de peixe”.

As estruturas urbanas destas praias tiveram uma evolução lenta e gradual. A área que compunha a vila (ocupação de casas e imóveis

comerciais) começou a ser modificada pelos parcelamentos dos terrenos. Atualmente as áreas comunais e agrícolas são as grandes “sobras” de terra à espera de valorização imobiliária, palco de disputas dentro na reformulação do Plano Diretor Municipal.

A configuração territorial que conhecemos como o atual Distrito do Pântano do Sul, presenciou processos desenvolvimentistas e sua população não permaneceu isenta de todas as transformações culturais, políticas e espaciais.

Alguns registros das décadas de 1960 e 1970 levantados pelo trabalho de Claramunt (2008) demonstraram a descoberta urbano-turística destas localidades acarretando um declínio das atividades agrícolas e o próprio território pesqueiro. A praia da Armação também sofreu impactos e a atividade pesqueira artesanal enfraqueceu.

Apenas em 1968, através de solicitação da comunidade é que a Praia do Pântano do Sul recebe a rede de energia elétrica, assim como outras localidades da Praia da Armação. Na época só parte da população teve acesso, porém dúvida a chegada da energia elétrica alterou significativamente o modo de vida, tornando por exemplo possível a conservação do pescado.

Posteriormente, outros aparelhos urbanos estatais foram implementados nas áreas de estudo como escolas, posto policial, posto médico e a concessão para o transporte coletivo. O interessante é que até então a ida ao centro de Florianópolis caracterizava-se como uma viagem à outra cidade. A narrativa de um morador da Armação descreve o trajeto antes e depois da chegada do transporte público:

[...] não existia carro, ônibus, ou taxi que levasse para Florianópolis, olha só eu aqui falando Florianópolis, mas era como se a gente fosse mesmo pra outra cidade, era tudo tão demorado, existia só um caminhão que levava, saía de manhã, de madrugada e voltava mesmo só no outro dia, era difícil, e não era todo dia não, tinha dia certo. Para eu ir visitar meus parentes no Norte, levava quase três dias. Daí chegou o transporte de ônibus, a sc, melhorou um pouco... bem pouco, porque também não tinha essa quantidade de horários. Demorava cerca de três horas para ir e para voltar mais três. Vê se não é ir pra outra cidade? Inda hoje, só saio daqui quando tem uma necessidade muito grande.

Florianópolis é longe! (risada). (P10 – N.J.S. 2014, informação verbal)

A fala foi captada no momento de descontração da entrevista quando conversávamos sobre sua vivência na Armação e o cotidiano antes de todo o crescimento urbano. Essa narrativa traz aspectos de outras falas dos pescadores entrevistados demonstrando a Armação como uma localidade isolada e separada da configuração política-administrativa de Florianópolis.

As viagens até o centro de Florianópolis são descritas como algo desgastante, alterando o humor do pescador por ficar longe do mar, mesmo que um dia, muda sua natureza:

Trabalhei de cobrador, acho que nem dois meses na época que só tinha um ônibus, nem era como hoje. Tinha um campeonato de futebol aqui no Matadeiro, organizado aqui pelo amigo que tem um bar, e eu disse que ia jogar. Na verdade tava era querendo arrumar um jeito de volta pra pesca, mas minha mãe na época num quiria. Então num fui no primeiro dia trabalhar, que era o campeonato. Fui jogar, minha mãe veio com o fiscal lá do transporte me buscar na praia, eu disse que não ia trabalhar naquele dia... [...] no outro num fui também, daí o fiscal e minha mãe foram de novo, e disse: - eu não vou, pra ônibus não volto. Sei que depois daquele dia, nunca mais peguei um ônibus, não fico parado esperando ônibus. Já voltei do Rio Tavares andando até aqui, mas não peguei ônibus. Eu mesmo não conheço o Terminal (aqui ele se refere ao Terminal de Integração do Rio Tavares), nunca entrei ali. Tem uns 20 anos que num pego ônibus, ir pra cidade é me deixar doido.” (P4 – L.N.S. 2014, informação verbal)

Esse relato reflete que mesmo diante das transformações urbanas e do próprio ritmo de vida, os moradores e pescadores mantêm o modo pacato de viver, a necessidade de negar-se “ir ao centro” ou “a Florianópolis” permite identificar na subjetividade e memória uma resistência ao urbano, ao ritmo acelerado de um centro comercial ou ao transporte

público. Fatos estes que alteraram a vida da população, mas que também não deixam de ser reconhecidos como melhorias na qualidade de vida.

Os pescadores e moradores alegam em suas falas o reconhecimento das facilidades a partir do sistema viário implementado entre os anos de 1979 e 1982. Neste período foram feitos alguns investimentos como: a pavimentação das SC-401 (centro-aeroporto), SC-405 (aeroporto-Ribeirão da Ilha – Pântano do Sul) e SC-406 (costa leste da Ilha, Ingleses-Lagoa da Conceição-Pântano do Sul), possibilitando um impulso das atividades turísticas e a busca da população por trabalho em outras localidades, tornando o ritmo e a dinâmica social mais urbana nas praias do Sul da Ilha.

A partir dos anos 90, toda a ilha presenciou esse desenvolvimento das atividades e estruturas para o turismo. Claramunt (2008) ressalta que os novos ares de um “progresso” perduraram até os anos 2000, trazendo a valorização das terras frente à especulação imobiliária. Sabe-se que o turismo promoveu fortes alterações nos territórios das praias.

As comunidades presentes nestas duas praias que pesquisamos modificaram-se para atender às novas atividades, muitos terrenos passaram por parcelamentos, construções de pousadas, casas para aluguel e restaurantes, mudando significativamente a paisagem. Ainda as casas à beira da praia começaram a transformar-se em estabelecimentos comerciais, intensificou-se a venda de terras, ocupações em área irregulares e a verticalização dos imóveis formaram um novo cenário na paisagem.

Muitos foram os investimentos privados em função do turismo. O Balneário dos Açores, um dos primeiros empreendimentos, um loteamento planejado, iniciou o processo de alteração da paisagem original.

Mesmo diante da intenção que era a regularização do uso e ocupação do solo dos Balneários, a Lei 2.193 criada em 03 de janeiro de 1985 que estabelecia um Plano Diretor específico para balneários não conseguiu disciplinar a concentração de terrenos vinculados ao capital privado. Uma especulação imobiliária que nem sempre leva em consideração as demandas da população local. As terras que eram comunais e as que são protegidas pela legislação ambiental são vistas como grande reserva de mercado para os investidores, gerando conflitos de interesses nas comunidades.

Muitos relatos colhidos ao longo da pesquisa evidenciaram a crescente procura por terrenos e a venda dos mesmos para investidores de outras localidades como: Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. Muitos dos moradores da Armação afirmam que a maioria das casas construídas na orla da praia foram vendidas ou construídas irregu-



larmente. Alugadas na temporada de verão (dezembro a março), ficam fechadas, transformando assim a dinâmica que existiu naquele local.

Mesmo diante deste processo histórico de ocupação e das transformações urbanas, culturais e territoriais, os núcleos pesqueiros presentes na Armação e Pântano do Sul mantêm a sua importância por corresponder à identidade local, perpetuando ainda que subjetivamente em seus modos de vida a permanência da cultura dos ancestrais indígenas e açorianos.

A pesca, mesmo sendo uma atividade econômica para uma parcela da população residente das praias, tem seu território cada vez mais limitado, não só no mar como também em terra.

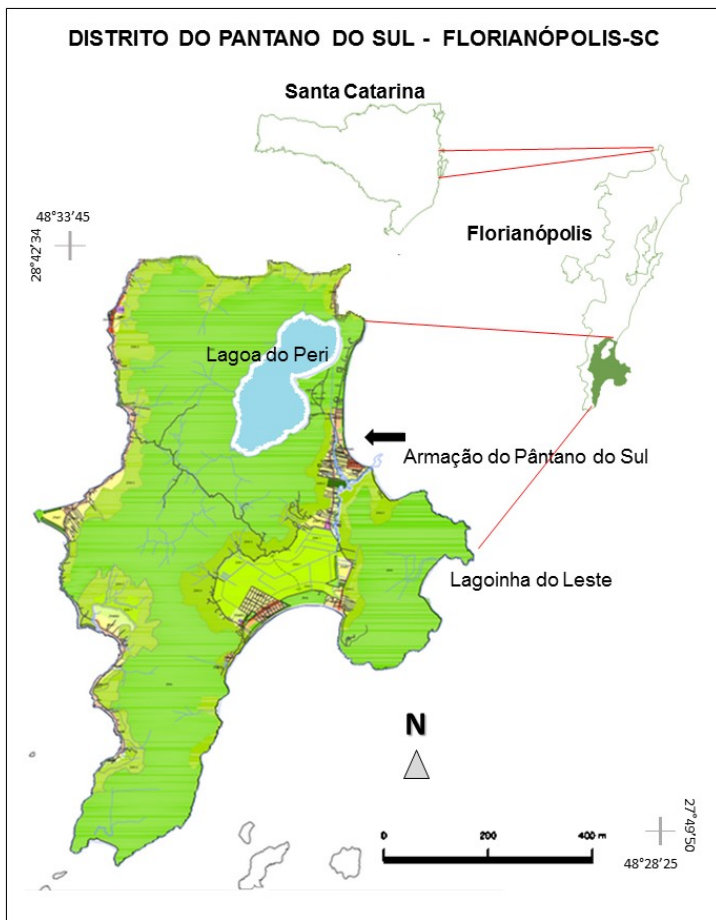
As crescentes atividades do turismo ocupam a área da praia para lazer e serviços, impossibilitando as manobras de pesca e a permanência dos ranchos de pesca, estimulando a evasão de parte dos pescadores da atividade e desestimulando os jovens a inserirem-se nesse ofício.

A seguir, a partir das observações, das anotações do diário de campo, narrativas dos pescadores, dados históricos e pesquisas ligadas às praias da Armação e Pântano do Sul faço um breve relato sobre seus cenários: socioespacial e cultural à luz da pesca artesanal.

### **2.3 Armação do Pântano do Sul**

O Sul da Ilha, juntamente com o Campeche e Pântano do Sul, a praia da Armação integra um dos maiores núcleos pesqueiros da região. Antigamente era uma praia essencialmente de pescadores, muito pela sua importância no auge da pesca baleeira que entrou em declínio no final do século XIX, mas hoje tem uma população diversificada, entre nativos e moradores que vieram de outras localidades, em sua maioria aposentados (as).

A ocupação da Armação, anteriormente, era maior em seu centro, próxima à praia e nas encostas dos morros. Atualmente vemos que as ocupações estenderam-se pelos morros acima e também à margem de toda a SC-406, chamada de Rodovia "Seu Chico" Francisco Thomaz dos Santos quando aproxima-se dos limites do Pântano do Sul



Fonte: Mapa Físico-Político Florianópolis-SC e  
Plano Diretor – Micro zoneamento Detalhado PMF/IPUF, 2014  
Escala: 1:10.000  
Projeção – UTM  
Organização: Alice Regis Dorsa  
AutoCad Map 2008

**Mapa 2 - Localização da Área de Estudo.**  
**Elaboração: DORSA, A.R. 2015**

Muitas das terras foram parceladas próximas à praia e os nativos

acabaram por ocupar as encostas dos morros. A orla da praia da Armação sofreu grandes alterações devido às ressacas, a mais intensa no ano de 2008, levando casas e diminuindo a faixa de areia. Existem divergências nos discursos de moradores quanto aos benefícios e as alterações na paisagem, quanto a colocação de uma barreira de contenção para evitar novos desastres naquela localidade. Um dos pescadores relata:

Tudo que é do mar uma hora ele leva. E é assim, e foi assim quando aconteceu essa ressaca em 2000 e poucos, nem me lembro, (o outro pescador do lado lembra-o, afirmando ser 2008). [...] É 2008. Pois então nega, na época a gente era meio bobinho, e vendemos, muitos venderam esses terrenos por radinho de pilha para a turistada. Muito gaúcho e paulista, construíram as casas. Nois aqui sabemos que a vida toda na Armação o mar repuxava, tinha ano que era mais, ele alcançava mais a areia e depois voltava, tinha ano que era menos. E nois sabia que ele ia voltar, daí foi aquele saragaço, televisão, político, uma correria. Colocaram as pedras, tá vendo onde tá o mar e a areia (apontando para a orla da praia), voltou. Mas sabe como é nega (faz gesto com os dedos como se referisse a dinheiro) tudo ali era rico, agora pensa se é casa de pescador, num tava era nem aí. (P8 – M.M.S 2014, informação verbal)

Esse é um relato que coloca a barreira de pedras na orla da praia como uma alteração significativa na paisagem. Estes fatos são mais recentes e serão trazidos ao longo do trabalho sob a ótica dos mapas mentais. O foco aqui é conseguir transmitir a atmosfera dessa praia que abriga em suas ruas, nos bancos da praça, na areia as memórias e vivências desses agentes simbólicos e temporais que criam a identidade de um território.

Não há dia sem que um visitante chegue à Armação e não encontre pelos menos dois senhores sentados conversando em seu bom sotaque cantado ao lado da Igreja de Sant’Ana e São Joaquim, antes Capela, ou na sua lateral, no lote do Cemitério sob um frondoso guarapuvu que sombreia as prosas.

A igreja construída de frente para o mar, em 1772 com argamassa misturada ao óleo de baleia na então Armação de Nossa Senhora Santa-na da Lagoinha guarda ainda resquícios da arquitetura e técnicas da época, documento dessa atividade que manteve a Ilha de Santa Catarina como grande exportadora dos produtos oriundos da exploração e caça de baleias.

Armação leva esse nome pela sua origem, as armações eram como aldeias construídas junto às praias, compostas de uma casa grande, capela, moradias, alojamento, engenho de frigar e reservatórios de óleo, armazém e oficinas, cais, rampas e paredes que atingiam a beira do mar. Algumas dessas construções tornaram-se ruínas ainda presentes apesar do avanço do mar.

Posicionando-se na calçada da Igreja e olhando para o mar, o que mais chama atenção, no primeiro momento, são os variados barcos, todos coloridos. Após, avistamos a Ponta das Campanhas – extensão no relevo da praia da Armação e marco de divisa entre a praia do Matadeiro – ao lado direito juntamente com uma passarela fixada em algumas pedras para dar acesso a essa localidade como também aos trapiches e o galpão que pertence à Associação Couto de Magalhães para Preservação da Ilha do Campeche. Ao lado esquerdo, caminhando com o olhar para o final da praia localizamos a Ilha do Campeche, tombada pelo IPHAN no ano de 2000 como Patrimônio Arqueológico e Paisagístico Nacional, essa é a paisagem em primeiro plano do horizonte.

No segundo plano conseguimos enxergar a cabine dos Salva-Vidas, alguns comércios, dois restaurantes, ruas nas laterais da Igreja, um deck que dá acesso ao calçadão e a praia, um estacionamento. Este basicamente é o centrinho da Armação.

Na av. Antônio Borges dos Santos, principal via de acesso ao centrinho da Armação, avistamos a Associação de Pescadores Tradicionais da Armação do Sul, instalada em 1989, com o intuito principal de regularizar e organizar os transportes feitos para a Ilha do Campeche, ao lado das ruínas da antiga Companhia de Pesca.

Caminhando em sua direção, ao fundo, vemos que a rua acaba bem em frente ao Rio Sangradouro que desemboca no mar, daí avistamos a trilha que leva até à Praia do Matadeiro. De longe ouvem-se conversas, homens consertam e trançam redes, bicicletas paradas com caixas de feira nas garupas, algumas mulheres, carros de peixarias, turistas circulando, surfistas em direção às ondas, alguns idosos, monitores da Ilha do Campeche e a sensação de estar entrando em um outro universo naquele bairro pacato.

A construção da associação é bem interessante: consegue conectar-se tanto à rua como à praia, devido à necessidade de acesso e fluxo contínuo de pedestres e carros, possibilitando a circulação de uma diversidade de pessoas, e também pela própria estratégia do ofício da pesca em necessitar essa proximidade com o mar. A construção ocupa um lugar central no bairro.



Figura 3 – Vistas da Associação de Pesca da Armação. Fonte: DORSA, A.R. 2014

No cotidiano da associação há sempre uma agitação, uma conversa animada, uma discussão por conta dos passeios de barco ou pontos de vistas diferentes sobre os assuntos discutidos. As pessoas da comunidade vão até lá para saber do tempo, colocar as informações em dia, buscar peixe para o almoço, olhar o mar ou estão ali mesmo só de passagem. Tornou-se um entroncamento cultural, símbolo da identidade local e ponto de referência da pesca.

Neste local que a maioria das entrevistas foram realizadas, com os pés na areia, registrando cada momento singular da história oral de vida destes senhores do mar. Tudo cheira mar, cheira peixe e cheira labor, a vida desta praia mistura-se com a vida destes pescadores. A pesca e seus elementos por mais transformados permeia a memória dos entrevistados e consegue ser o ponto chave na oralidade trazida por eles.

Na Armação, menos que a vizinha praia do Pântano do Sul, desenvolveu-se também a atividade agrícola e os engenhos de farinha, em

relatos de moradores antigos é forte a vivência e os trabalhos ligados à terra.

O trabalho nos engenhos era sazonal, pois tudo dependia do ciclo de plantio e colheita. Basicamente era configurado em um sistema familiar. As terras de uso comunal também serviam para a plantação da mandioca e outros cultivos, era o local do coletivo, do social. Para Almeida (1989, p.166), as terras comunais caracterizam-se como:

[...] formas residuais ou sobrevivências de um modo de produção desaparecido, configurada em instituições anacrônicas que imobilizam aquelas terras, impedindo que sejam colocadas no mercado e transacionadas livremente.

A partir da colocação do autor caracterizamos essas terras como um território descontínuo<sup>3</sup>, por sua função as terras comunais mantiveram-se preservadas em grande extensão e com dificuldades legais para serem ocupadas, delimitadas ou nominar seus donos. Muitas foram tomadas como áreas da União e vendidas para investidores imobiliários, que aos poucos foram ocupadas, áreas de planície principalmente, vemos na paisagem essas áreas mais próximas do limite com o Pântano do Sul.

Através dos trabalhos de campo realizados, todos de bicicleta saindo do Campeche, com paradas na Armação, observou-se mudanças na paisagem. Primeiro pelo próprio relevo, uma planície sedimentar marinha e pela diversidade de vegetação existente.

Ao longo do caminho percebe-se lagoas, como a Lagoa do Peri, localizada no Parque Municipal do mesmo nome, restingas, dunas, banhados, manguezal, pequenos rios e córregos que incisam os bairros, praias e costões destacando o da Praia do Matadeiro. Ao chegar mais próximo da área do Pântano do Sul observam-se grandes áreas residuais de agricultura e pecuária, antigamente comunais e hoje mais delimitadas, porém que continuam ocupadas para atividades de agricultura e pequena criação de gado, e ainda uma zona urbana estabelecendo-se e outra mais adensada que consiste basicamente nas primeiras ocupações próximas à praia.

---

<sup>3</sup> Para Souza (1995), seria uma territorialidade com baixa definição, onde existisse no espaço concreto usos sobrepostos disputando a mesma área de uso, não possibilitando delimitar ou demarcar um território.

Aos poucos a Armação foi modificada, deixando de ser aquela pequena vila, restrita à atividade da pesca, para tornar-se atrativo turístico, dar lugar aos restaurantes, pousadas e serviços de comércio.

Este modo de fazer do turismo atividade comercial ou mesmo de criar mecanismos para desenvolver outras atividades na localidade, caminhou de maneira gradativa, acompanhando as mudanças em Florianópolis. Concomitante a esse processo a comunidade continua produzindo o seu próprio tempo, espaços foram alterando-se, a população cresceu e diferentes culturas inseriram-se no território.

Apesar dessas alterações na paisagem e na própria dinâmica, o mar continua sendo o lugar do trabalho, produzindo na comunidade sua identidade. As recordações dos tempos antigos, as experiências dos mais velhos, a trajetória que cada pescador relatou está atrelada intimamente a essa permanência no lugar.

A rotina da pesca na Armação é para admirar. Logo cedo, antes mesmo do sol nascer, os pescadores lançam-se ao mar com suas “bateiras” (barco pequeno de madeira) na esperança de boa pesca. O sol nasce, e as areias são tomadas por camionetes de peixarias e de atravessadores, aqueles que levarão o peixe para o comércio. A prosa e o trabalho não dão trégua. Na época em que o verão se aproxima, e a temporada de passeios começa a aumentar, os pescadores melhoram seus barcos, reativam suas cores e os consertam.

Chegar na Armação é vivenciar ainda uma comunidade que conhece seus moradores, pelos diferentes graus de parentescos, todos nativos se conhecem e mesmo os moradores vindos de outras localidades e fixaram-se são inseridos nesse cotidiano familiar. Transparece nas narrativas que mesmo nas diferenças, existe um auxílio mútuo para que as tradições, cultura e história do lugar sobrevivam.

A pesca é um fio condutor de convivência social e estabelece o modo de vida desta comunidade. E o mar sempre será o elemento mais forte dentro desse universo simbólico do pescador. Mas nas conversas com os pescadores percebi como o vento e suas oscilações, também são elementos vivos dessa cultura, não só porque é ele que dá o sinal de um *mar bom para peixe*, mas porque é o elemento que une a comunicação entre os pescadores e representa o lugar, está sempre presente nas conversas.

Foi também através da prática de conversas descontraídas que muitas das entrevistas foram realizadas: na sala, cozinha, no rancho e nas areias, observando o modo de trabalho, possibilitando desenvolver uma relação de confiança para aplicar a metodologia dos mapas mentais, trazidos como resultados da pesquisa.

## **2.4 A Pesca Artesanal e suas Dinâmicas: territoriais, sociais e simbólicas**

Desde o início da pesquisa foi necessário investigar como a pesca tornou-se essa atividade tão importante e significativa para a construção de um território como o da Armação do Pântano do Sul. Não só porque é um meio de produção do espaço, mas por envolver diferentes relações sociais, simbólicas e políticas.

Não cabe aqui fazer um histórico da pesca no mundo, e sim utilizar o simbolismo e os significados empregados nesse ofício milenar para construir a partir das narrativas e história oral dos pescadores entrevistados a representação que esse trabalho tem para a formação de uma identidade.

Por essa pesquisa constituir também um esforço de refletir sobre as políticas públicas e territoriais estabelecidas para os pescadores tradicionais, foi necessário levantar alguns pontos de vista dos conceitos e da caracterização que diferentes setores produzem acerca da pesca artesanal. São eles, a definição jurídica vigente, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e Pesca, os movimentos sociais organizados e os próprios trechos que contém a definição pelos pescadores nas entrevistas registradas.

Para abordar a pesca artesanal e suas dinâmicas, utilizaremos paralelos entre três vertentes: o território, o social e o simbólico. Portanto, parece-nos indispensável esclarecer tais conceitos, definindo algumas premissas e refletindo as relações entre eles para melhor qualificar o debate no âmbito da pesca tradicional.

Consideramos que as ações estabelecidas do homem sobre a natureza nem sempre partem da existência prévia de conceitos já formulados por esses atores, mas podem ser configuradas a partir das relações sociais, suas racionalidades, intencionalidades, objetivos de produção social e simbólica como também pelas condições geográficas ambientais que possibilitam determinado tipo de exploração da natureza.

Nesse sentido, Godelier (1984) considera que no centro das relações sociais também existem representações simbólicas, sendo que elas não existem apenas no pensamento, mas conseguem ser expressas numa linguagem que representa seu processo de transmissão. A partir daí podemos ligar este pensamento do autor aos sistemas de representação espaciais que serão apresentados nos mapas mentais produzidos pelos pescadores.

Para o autor, o processo de formação de um trabalho, uma atividade profissional, comporta elementos simbólicos por meio dos quais os



homens agem não somente sobre a natureza visível, mas sobre a parte simbólica que constitui o trabalho, ou seja, uma realidade tão real quanto as ações materiais sobre a natureza.

Diegues (1990), considera as representações como meios pelos quais os homens reinventam seus mundos, reforçando ou transformando os mundos de seus antepassados e conseguem estar intimamente ligadas com o fluxo da vida social, e porque não dizer, a um lugar vivido, um território construído.

No Brasil e no litoral catarinense existem diferentes formas pelas quais a pesca organiza-se diferindo-se entre si. No trabalho de Andreoli (2007), aponta-se um estudo realizado com pescadores no litoral brasileiro, onde as atividades pesqueiras profissionais são divididas em três categorias: de subsistência, artesanal e industrial, as duas últimas com finalidade comercial.

Para Diegues (1995) em estudo realizado com pescadores tradicionais da Amazônia e litoral norte do Brasil, a pesca estaria definida em três categorias úteis para entendermos como se organizam os pescadores.

A primeira delas seria a pesca de *subsistência*, quase inexistente no território brasileiro, a segunda trata da pesca dentro dos *moldes de pequena produção mercantil*. Essa forma de organização supõe uma divisão social do trabalho, tendo características familiares, e a tecnologia utilizada possui um baixo poder de predação, e a terceira seria a *empresarial-capitalista*, que está voltada totalmente para a produção de mercadoria e a relação é definida nos moldes empresa e pescador empregado - os setores são organizados verticalmente diferentemente da prática na pesca artesanal onde existem sistemas horizontais e cooperativos.

Dentre essas definições de organização da pesca a que mais assemelha-se à dos pescadores tradicionais da Armação, é a de *pequena produção mercantil* com características de pesca artesanal. Diegues (1995) divide os pescadores em dois subtipos: o pescador-lavrador e o pescador artesanal.

O primeiro considera a pesca como uma atividade complementar, esta restringe-se aos períodos de safra, e geralmente suas embarcações não são motorizadas, usadas também como meio de transporte. É uma prática de pesca antiga, e está associada ao campesinato. O outro subtipo é o pescador artesanal, que configura-se como um novo tipo de trabalhador. Diegues (1995) o define levando em conta cinco motivos:

- I. A pesca aqui passa a ser a principal fonte de renda do pescador, exigindo então uma partilha diferenciada entre os tripulantes da embarcação;
- II. Os patrões das embarcações exigem uma parte maior na divisão do pescado, notando-se uma divisão social do trabalho bem mais elevada;
- III. A particularidade desse tipo de pesca, é o conhecimento mais específico e aprofundado sobre o ambiente marinho e costeiro que os anteriormente usados pelo pescador-lavrador;
- IV. O quarto motivo que o autor aponta refere-se ao avanço tecnológico, como é o caso das embarcações motorizadas, redes de náilon, novas formas de armazenamento do pescado;
- V. Finalizando, o quinto seria a comercialização realizada pelos pescadores Tradicionais, que, aos poucos, abrem terreno para firmas de compra de pescado.

Sintetizando tanto as ideias de Andreoli (2007) quanto as de Diegues (1995), a diferença básica entre esses dois subtipos de pesca é que os pescadores tradicionais têm essa atividade como principal fonte de renda. A última forma pela qual o trabalho produtivo na pesca se organiza dentro das categorias propostas por Diegues (1995) é a pesca *empresarial-capitalista*, voltada totalmente para a produção de mercadoria.

O presente trabalho detém-se apenas na categoria do pescador artesanal/tradicional, procurando caracterizá-la em seus aspectos legais, sociais e econômicos ao longo dos trabalhos de campo e da aproximação com as revisões bibliográficas sobre a temática.

Caracterizamos a pesca artesanal sob a terminologia *tradicional*, por entender que os pescadores tradicionais fazem parte deste cenário, uma vez que o “conhecimento tradicional é a forma mais antiga de produção de teorias, experiências, regras e conceitos, isto é, a mais ancestral forma de produzir ciência” (MOREIRA, 2007).

Opta-se neste momento não enfrentar as discussões em torno da semântica da palavra. Entendemos que o caminho a ser seguido é exatamente o de demonstrar a peculiaridade desta comunidade local, respaldando seu modo de vida e prática da pesca.

Diegues (1995) assinala que o termo “comunidades locais” pode ser utilizado como os termos “populações tradicionais”, “sociedades tradicionais” ou “comunidades tradicionais”, que revelaria a existência de diferentes escolas antropológicas sobre o tema. Devido a abrangência da terminologia, iremos utilizar o termo “pescadores tradicionais” com o intuito de englobar estes dois universos, o artesanal com o tradicional.

Como já mencionado, reconhecemos nas culturas e comunidades tradicionais uma relação estreita com a natureza, relação essa que “constrói um modo de vida” (DIEGUES, 2006). Esse modo de vida permite a sobrevivência dessas populações e cultura. Diante de tantos estudos e trabalhos em torno das populações tradicionais, cada vez mais torna-se relevante o papel destes para a conservação e uso sustentável dos recursos naturais.

As comunidades tradicionais estão inseridas cada vez mais nos diálogos em torno da biodiversidade a partir da tentativa de superação das teses preservacionistas fundamentadas em estratégias de separação entre homem e natureza, firmando a intenção de que uma comunidade que detém o conhecimento e o modo de vida singular tem o direito de manter-se em seu território utilizando seus meios sem sofrer como consequência, práticas danosas ou predatórias.

Moreira (2007) ao citar Sarita Al-Bagli lembra que essas populações possuem conhecimentos, práticas agrícolas e de subsistência adequadas ao meio em que vivem e possuem um papel de “guardiães do patrimônio biogenético do planeta”, porém as sucessivas agressões ao ambiente natural em que vivem têm conduzido à perda de sua diversidade sociocultural.

A representação de natureza que as comunidades de pescadores tradicionais possuem, “resultam de um longo período de ajustamentos culturais nos quais os valores, imagens e percepções são desenvolvidas em relação ao meio ambiente natural”. (DIEGUES, 1995, p.251).

No contexto da pesquisa a tradição da pesca artesanal é interpretada como algo em movimento, um amplo e rico conhecimento passado de geração a geração. O saber tradicional dos pescadores tradicionais é cumulativo, produzido por gerações sucessivas e evoluindo a cada passagem; é empírico, pois confronta-se com o teste da experiência diária e as intempéries do tempo, e é dinâmico, uma vez que transforma-se em função das mudanças socioeconômicas, tecnológicas e físicas.

A pesca artesanal aos moldes de uma atividade familiar ou de pequena produção é sem dúvida uma atividade tradicional, responsável pela identidade de muitas comunidades litorâneas e ribeirinhas, além de ser uma fonte geradora de renda para muitas famílias, cerca de 600 mil pessoas em todo território brasileiro (Ministério da Pesca e Aquicultura, 2010) e é uma forma de manutenção da cultura e modo de vida de um povo.



### Capítulo 3. Um mar de conhecimento

A água arrepiada pelo vento  
 A água e seu cochicho  
 A água e seu rugido  
 A água e seu silencio  
 A água me contou muitos segredos  
 Guardou os meus segredos  
 Refez os meus desenhos  
 Trouxe e levou meus medos  
 [...] Cachoeira, lago, onda, gota  
 Chuva miúda, fonte, neve, mar  
 A vida que me é dada  
 Eu e água  
 A água  
 Lava as mazelas do mundo  
 E lava a minha alma  
 (Caetano Veloso – Eu e Água)

#### 3.1 Marés do Conhecimento

Uma pesquisa necessariamente precisa de um referencial teórico para fundamentar seus resultados e análises acerca de uma determinada temática. Foi pensando sobre o território e o lugar como conceitos e categorias geográficas que o segundo capítulo dialoga com outros autores e análises para compreender o universo dos pescadores tradicionais e suas representações espaciais.

Unido a essas categorias geográficas, trago também os conceitos de cultura e símbolos para analisar as informações expressadas através da memória nas histórias de vida narradas e nas representações dos mapas mentais, chaves metodológicas que foram importantes para a pesquisa.

Ao longo desse processo de leitura e revisão bibliográfica, questionei-me sobre de que maneira essas categorias contribuíam para a pesquisa em si, qual a relevância que a cultura e os símbolos exercem na organização de um lugar e na transformação deste em um território. Em uma pesquisa mais ampla ficou claro que tais categorias geográficas e sua gama de diversidade nos trabalhos já desenvolvidos na Geografia contemplam algumas respostas dos resultados levantados na pesquisa.

Para tanto apresento abaixo um esquema gráfico de como estão relacionados os autores e suas reflexões a partir dos conceitos chaves e de suas abordagens teóricas.



Figura 4 - Esquema Gráfico para exemplificar o uso das abordagens teóricas, conceitos e autores. Elaboração: DORSA, A.R (2015)

Destaco os trabalhos de Yi-Fu Tuan (1980,1983), Edward Relph (1976,1979) e Ane Buttimer (1982) no campo da categoria lugar; autores como Claude Raffestin (1993), Marcos Saquet (2013), Marcelo Lopes de Souza (1995), Milton Santos (1997,2008) e Rogerio Haesbaert (2004) para o território e suas dinâmicas. Além de outros trabalhos que me referenciarão para analisar cultura e símbolos, dentro das obras de Roberto Lobato Córrea (1996,1999, 2003, 2010, 2012) e Zeny Rosendahl (2002, 2003, 2010) Clifford Geertz (2008), Denis Cosgrove (1998) e Jorn Seemann (2003).

Os trabalhos desenvolvidos no campo da geografia das representações, de acordo com a linha da Geografia Cultural e Humanista, também contribuíram, destacando-se os de: Salete Kozel (2001, 2005, 2007, 2008, 2013), Maria Amélia Nogueira (2004, 2008), Sylvio Fausto Gil Filho (2003) e Angelo Serpa (2005).

Muitos desses autores organizaram a obra “Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista”, livro publicado em 2007, sob o trabalho do Núcleo e Estudos em Espaço e Representação (NEER), análises que auxiliaram na fundamentação da pesquisa.

O trabalho supracitado direcionou-me a obras conceituadas nas análises das representações espaciais e sociais, como as de: Serge Moscovici (2003), Antoine Bailly (1998), Ernst Cassirer (2001), Edgar Morin (1996) e Paul Claval (1999, 2011). Os diálogos entre esses autores

apresentaram visões contraditórias e, às vezes, até difusas na Geografia, contudo, ambos defendem uma ruptura epistemológica, ampliando os horizontes do conhecimento geográfico e contribuindo para novas análises nesse campo do saber.

Nesse sentido, “a geografia das representações avança no processo de análise de diferentes vertentes dos fenômenos sociais, tendo em vista que os atores sociais têm seus percursos individuais marcados por significados, valores e escolhas pessoais” (VARGAS, 2008). Assim, Kozel e Galvão (2008) consideram que é possível compreender a lógica dos atores, individualmente ou ligados aos valores sociais, demonstrados em dado espaço social e cultural. Esses arranjos estabelecidos e refletidos trazem respostas para os questionamentos encontrados ao longo das análises dos mapas mentais.

Os autores afirmam que é necessário privilegiar as representações das sociedades, pois “desde as épocas mais remotas, as sociedades se expressam acerca de seus espaços vividos por meio de representações” (KOZEL; GALVÃO, 2008). Os meios eram bem diferentes do que hoje vemos, mas tivemos que passar pelos “blocos de rochas, paredes de cavernas, pergaminhos, papiros até chegar ao papel e, hoje, no formato digital” (KOZEL; GALVÃO, 2008). Essa reflexão permite entender que os processos das civilizações são mutáveis e que cada um traz uma perspectiva para ampliação do conhecimento nas diferentes ciências.

As referências citadas anteriormente suscitaram algumas questões relevantes que a pesquisa discutiu, principalmente sob o enfoque da Geografia Humanista e Cultural que tem seu aporte teórico fundamentado na fenomenologia. Esse viés de pensamento considera o lugar não apenas como mera localização, mas como fenômeno experienciado pelas pessoas que vivem nele. Muito bem abordado por Bailly e Scariati (1998) ao afirmar que:

O homem é ator geográfico, o lugar é seu espaço de vida, todas as relações aí se misturam num labirinto de ligações veiculando nossos sentimentos, nossas memórias coletivas e nossos símbolos... O sentido do lugar reflete a qualidade percebida de um espaço [...] esse sentido do lugar é essencial na identificação humana.

Dessa forma, o lugar torna-se uma categoria valiosa para a pesquisa. Tuan (1983) o considera como um dos conceitos que define a natureza da geografia, pois é possível percebê-lo a partir das experiências que dele se tem. A partir dessas experiências vivenciadas pelo corpo

e através dos sentidos que o tornamos visível. Dentro dessa experiência dita pelo autor, expressa-se uma relação, acima de tudo, afetiva, simbólica e emocional.

Ainda em Tuan (1983), é observado o lugar sobre duas lentes: a do lugar como uma localização e a que ele prioriza sendo o lugar como um componente único do espaço. Retomando esse fio teórico, o mesmo autor traz as ideias de Relph (1976), que explica os espaços contendo lugares e que os lugares são os espaços mais imaculados dos homens, uma localização não o define por si só, mas é a relação dialógica que se tem nele através do mundo vivido que possibilita ao sujeito desenvolver o pertencer.

Muitos teóricos alinham o lugar com a cultura, os símbolos e a memória, através da contínua renovação desses elementos. A Geografia Cultural considera o lugar por diversas óticas, inclusive através do simbolismo e dos significados que esses códigos expressam. Então, como os símbolos se inserem no lugar?! Como eles são impressos na memória? Como eles se tornam imagens do lugar vivido?

O inesperado sempre pode acontecer, já que esta pesquisa não viu responder essas questões apenas com uma entrevista ou um mapa mental, mas sim através do processo de experiência de investigação, de contato e de afetividade com os sujeitos pesquisados.

Para compreender tais impressões marcadas pela cultura, é necessário também utilizar uma linguagem apropriada, pois dentro desse grande espaço geográfico, que cabe tanto à paisagem como ao lugar e ao território, é preciso que haja uma comunicação eficiente. Cosgrove (1998, p.108) acrescenta que tais símbolos “são produtos da apropriação e transformação do meio ambiente” pelos seres humanos.

Os símbolos presentes no lugar permitem também enxergar a relação que os sujeitos possuem com ele. Ainda para Cosgrove (1988, p.109), isso confere em um método de leitura detalhado do próprio lugar, assim:

Os dois principais caminhos para isto são o trabalho de campo e a elaboração e interpretação de mapas. Ao desenvolver tal conhecimento pessoal inevitavelmente é gerada uma resposta altamente individual. É uma resposta, ou respostas, das quais precisamos estar cientes não para antecipá-las na busca da “objetividade”, mas, em vez disso, de modo que possam ser refletidas e honestamente reconhecidas nos textos de nossa geografia.



Os múltiplos lugares identificados e que estão sendo observados através desses caminhos citados por Cosgrove na área de estudo, permite interpretar que a cultura tradicional desses atores é marcada pela identidade da pesca e está intrinsecamente ligada a seus saberes, fazeres, suas festas, seus ritos religiosos, ranchos, barcos e símbolos.

Grande parte do conhecimento adquirido pelos pescadores é através das práticas tradicionais do manejo na pesca transmitidos para as gerações através da oralidade. Para Diegues (2006, p. 206), a noção de território é uma das mais importantes características que marcam esses grupos tradicionais. O território pesqueiro, ocupado durante gerações, não é definido somente por sua extensão ou pelos recursos naturais existentes nele, mas também pelos símbolos que representam essa ocupação ao longo do tempo.

O domínio do espaço, e aqui o caracterizamos como o mar, e as regras de uso desse espaço consistem em uma territorialidade específica construída pelos pescadores na realização da pesca e na apropriação dos elementos naturais presentes na própria demanda (DUMITH, 2011, p. 70). Isso é relevante para a pesquisa por propiciar que, na análise dos mapas, o elemento mais recorrente seja o próprio mar, ou seja, ora ele é território simbólico, ora ele é um espaço político e demarcado ou ele é apenas a via de acesso à pesca.

Então, entender esses dois conceitos, a cultura e os símbolos dentro da Geografia, nos conduz para uma melhor interpretação e análise desses lugares e da construção dos territórios pesqueiros, duas categorias essenciais nesta pesquisa, uma vez que se busca elaborar um diagnóstico sobre a percepção que o pescador tem do seu espaço. Essas são as marés que nos levam ao conhecimento e ao processo de apresentação dos resultados obtidos ao longo da pesquisa.

### **3.2 Diálogos entre a Fenomenologia e a Geografia das Representações**

Neste trabalho, objetivou-se criar um diálogo entre os estudos teóricos que ligam a Geografia Cultural e Humanística à vertente fenomenológica, destacando os conceitos de lugar vivido e das representações espaciais presentes também nos estudos da Geografia das Representações.

Para Amorim (1999), a fenomenologia só se consolidou como uma filosofia madura e aceita universalmente na primeira metade do século XX, porém sabemos que alguns autores na geografia já haviam começado suas pesquisas utilizando esse caminho para fundamentar a análise.

Referindo-se aos estudos dos espaços vividos, o autor destaca que a partir dos anos 60 e 70 a fenomenologia garantiu um papel mais significativo na Geografia, tornando-se tema fundamental para a corrente da Geografia Humanística, procurando-se embasar nas experiências concretas do homem e encontrar nessas experiências uma orientação que não as limitasse a uma simples sucessão, o que ela então propôs foi uma análise mais profunda das vivências intencionais da consciência para perceber qual é o sentido dos fenômenos que acontecem no mundo. (KOZEL, 2001, p. 133).

Para a autora, a geografia humanística se estrutura incorporando às suas análises e aos traços do antigo humanismo, como a visão antropocêntrica do saber, a abordagem holística, que, por sua vez, considera “o homem como produtor de cultura, não apenas pelas análises das propriedades objetivas, mas também pela subjetividade e significados, transformando-o em lugar”. (KOZEL, 2001, p. 133).

O que ela nos diz é que o resgate do homem e de seus valores através do viés humanista garante as tradições autênticas, desvirtuadas pelo racionalismo e cientificismo (KOZEL, 2001, p. 132), destacando que é nesse sentido que a Geografia também consegue estabelecer ligações com as outras áreas do conhecimento:

Como a Arte, a História, Sociologia, Antropologia, Psicanálise, Psicologia e Linguagem, buscando subsídios para as interpretações culturais, o que torna imprescindível a reunião do maior número possível de elementos referentes a valores e significações de um grupo. Muitos desses estudos não são considerados como científicos por diferir em termos metodológicos, pois estas análises vão além dos domínios do racional, atingindo as significações do simbólico.

Por isso compreende-se que a Fenomenologia ao aproximar as ciências de nosso cotidiano, analisa os acontecimentos a partir de experiências, relativas à percepção do mundo e de seus objetos, ou seja, só se chega à experiência através da busca pelas essências ou variáveis imaginárias, nas quais essas essências são significações produzidas, isto para nós é o que nominamos de percepção, pensamento, memória e a própria imaginação, que propicia uma característica universal, intersubjetiva e absoluta. (HOLZER, 1997).

Quando os autores voltados para os estudos na fenomenologia começaram a buscar uma concepção de mundo para essa análise, perceberam que ela se diferenciava da concepção cartesiana positivista, e que

em seu cerne estava o relacionamento de maneira integral do homem com seu ambiente.

Nos estudos da Prof.<sup>a</sup> Salete Kozel (2001, p. 132), ela cita os precursores em introduzir a fenomenologia dentro da geografia, influenciando principalmente os humanistas, e destaca que os trabalhos de Edward Relph:

[...] foram um dos primeiros a apresentar os conceitos da Fenomenologia associados à Geografia, buscando uma nova perspectiva para entender a constituição do mundo, onde a fenomenologia apresentava condições ideais para o projeto humanístico, principalmente de forma de resgatar os aspectos esquecidos pela geografia tradicional.

Já na obra de Yi-Fu Tuan, ela ressalta que sua preocupação estava em demonstrar o contato entre o mundo e as significações, apresentando a essência dos conceitos de espaço, homem e experiência, e posteriormente se fundamentado nas obras de Bachelard, sugerindo uma análise geográfica voltada para a categoria lugar baseado na relação de amor do homem pela natureza, criando o conceito de *topofilia*, definido como sendo “o elo afetivo existente entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico e *topofobia*<sup>4</sup>, que corresponde ao oposto.” (KOZEL, 2001, p. 135).

A Geografia Humanística, ao incorporar a fenomenologia, buscava renovar os estudos dentro da geografia, dando ênfase a esse aporte teórico mais humanístico, que garante às suas análises enfatizar as marcas culturais e sociais. Por tanto, ela garantia que os estudos das percepções pudessem congregar as subjetividades intrínsecas no cotidiano vivido, além de incluir também as construções simbólicas produzidas no espaço, o que contrapunha aquele pensamento da racionalidade de se medir o espaço por estudos topológicos. (KOZEL, 2001, p. 112).

Conforme as referências trazidas por Kozel, a vertente humanística da Geografia se solidifica a partir de estudos ligados à Geografia do Comportamento, que tinha inicialmente a sua linha teórica ligada ao esclarecimento dos comportamentos espaciais dos indivíduos, por meio da percepção e da memorização visual relacionado ao seu ambiente.

Surgindo as primeiras noções de cartas mentais ou cognitivas, que visa a compreender os significados das experiências humanas e conse-

---

<sup>4</sup> Topofobia representa o inverso de Topofilia, tendo em vista que o radical *fobia* remete à aversão, tornando-se o lugar do medo, da repugnância. A familiaridade, nesse sentido, “engendra afeição ou desprezo”, como pontua Tuan (1980, p. 114).

quentemente o mundo vivido. Essas primeiras noções também se originaram dentro desse processo em buscar alternativas de análises para os modelos mais cartesianos de compreender o espaço e suas relações, e tiveram como sustentação até hoje a Geografia das Representações tendo como aporte também a Geografia Cultural e Humanista, e se consolidando dentro dos estudos que utilizam os mapas mentais.

Os trabalhos hoje desenvolvidos de certa forma foram impulsionados pela gama de trabalhos desenvolvidos na década de 60 em diferentes áreas do saber, como psicologia, antropologia, geografia e arquitetura. Nesta última, destaca-se os estudos de Kevin Lynch (1980), que visava a avaliar a qualidade visual das cidades por meio da percepção das pessoas sobre o seu entorno, onde o mesmo constatou, por meio de mapas mentais e outras técnicas, que elas tinham visões próprias sobre os lugares, territórios e dos seus cotidianos, assim os mapas mentais anunciavam a abertura de um novo caminho no desvendar dos símbolos de uma cidade. (KASHIWAGI, 2011, p. 186).

Atualmente essa corrente de conhecimento na Geografia cunha seus estudos buscando os sentidos atribuídos ao concreto e ao subjetivo da realidade objetiva e projetada pelos indivíduos e suas comunidades. Nogueira (2004, p. 125) ressalta que os estudos recentes apontam os mapas mentais como metodologia de investigação nos debates de percepção ambiental, percepção de paisagens e nos trabalhos de antropologia.

Essas duas grandes áreas, cultural e humanística, ligadas aos significados simbólicos, às representações do mundo e às suas interpretações, norteiam o objeto de estudo das ciências sociais e humanas como a antropologia, a sociologia e a psicologia, mas é na Geografia que essas duas grandes áreas possibilitam uma dimensão espaço-temporal quanto à organização social. Como Gil Filho (2003, p. 03) aborda:

Muito mais que uma observação ou opinião sobre o mundo, o ato de representar é a expressão de uma internalização da visão de mundo articulada que gera modelos para organização da realidade [...]. O espaço de representação refere-se a uma instância da experiência originária na contextualização do sujeito. Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível e nos projeta no mundo, desta maneira, articula-se ao espaço da prática social e de sua materialidade imediata.

Portanto, consideramos que o instrumento da cartografia cognitiva, o mapa mental, conforme a metodologia proposta por Lynch (1980) e a de Kozel (2001), foi de grande valia para interpretar a organização espacial e social dos territórios pesqueiros pesquisados.

A busca para a construção de um mapeamento como este, parte sem dúvida das representações individuais dos pescadores (identificando-se os pontos comuns entre as diferentes representações individuais), seguindo a sucessão “meu” (representação individual), “nosso” (representação coletiva de nível intermediário, específica para cada grupo) e o “território pesqueiro” sendo representação coletiva de nível superior (TUAN, 1983).

Na construção desses mapas mentais que abrangem o nível simbólico, o tempo passa a ser uma categoria de análise chave. Nesse sentido, tempo e espaço formaram o substrato das representações; espacialidade e temporalidade fundindo-se para dar vida ao todo simbólico, e expressar através da oralidade, a memória e a afetividade que os pescadores possuem com o seu território.

Isso nos leva a pensar sobre como a experiência e a percepção do homem sobre a terra faz parte do seu cotidiano. Um cotidiano de experiências que já foi posto na Geografia como objeto de estudo primordial. Yi-Fu Tuan (1980) lembra que a “Geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas”

Também acredito que a Geografia vem avançando seu entendimento sobre o espaço geográfico de uma maneira a não reduzir à sua dimensão apenas real, concreta e formal.

No Brasil, esta percepção mais subjetiva do espaço dentro da Geografia, eclodiu na década de 1970, tendo seus estudos permeados por uma visão dos fenômenos imateriais, ligando a ideia de representação ao espaço vivido e não ao espaço puramente limitado, temos estudos valiosos refletindo sobre os espaços sagrados.

Este espaço vivido onde permeia toda a perspectiva dos mapas mentais é compreendido por Bonnemaïson (2002) sob o ponto de vista da experiência, formado “pela soma dos lugares e trajetos que são usuais a um grupo ou indivíduo”. (BONNEMAISON, 2002, p. 110).

Dentro deste ponto de vista trazido pelos autores, percebemos como a cartografia possui uma trajetória significativa dentro da história das ciências, todo o percurso até a sua institucionalização foi mediante aos interesses políticos e científicos. Hoje vemos uma busca pela democratização cartográfica e pela participação popular na definição do seu espaço social, garantindo a legitimação da mesma em reivindicar seus territórios.

Em relação ao processo político dentro da cartografia, temos como exemplo a cartografia histórica de Portugal, que até meados de 1800, garantia que os mapas permanecessem quase sempre manuscritos, portanto, sendo considerados documentos raros, que ficaram limitados ao universo da não divulgação, impondo-se que seria um segredo militar para bem da defesa nacional.

Já na cartografia histórica brasileira, Vergara e Capilé (2011, p. 02) ressaltam a procura dos aspectos da imparcialidade na cartografia, e destacam que por trás de cada cartógrafo existe um patrono, compreendendo que o mapa em alguns momentos:

Possui necessidades externas a ele, e se torna uma ferramenta para a manutenção do poder governamental para gerenciar suas fronteiras, comércio, administração interna, controle de populações e força militar, através de um discurso social, ideológico e retórico.

Essas características citadas pelos autores possibilitam entender a própria institucionalização da cartografia brasileira iniciada no século XIX, que tornou a figura do agente produtor de mapas difusa e obscura. Mesmo assim, é possível interpretar as diferentes intenções subjacentes às atividades cartográficas da Comissão da Carta Geral do Império (CCGI), de 1862 a 1878, e de outras entidades. Esse período motivou o aceleração e a adaptação das ações da CCGI em organizar as fontes cartográficas e delimitar suas ações. Para Vergara e Capilé (2011, p. 15):

A necessidade de uma concentração das iniciativas cartográficas em uma instituição, em particular, não-militar, facilitou esse momento, tornando o governo imperial o principal patrono do mapa nacional. Dessa forma, a Comissão superou tais obstáculos e tornou-se o embrião para futuras atividades cartográficas, e o ponto de convergência com os mapas do passado e as iniciativas do futuro.

Assimilando muito das ideias de David Harley, os autores Vergara e Capilé (2011) afirmam que para o estudo dos mapas é importante superar o “positivismo cartográfico” de modo a não somente investigar e catalogar os mapas segundo suas características técnicas e de produção, hoje as iniciativas por mapeamentos participativos ou que contemplem uma visão subjetiva e menos concreta são mais difundidas, não estão ligadas necessariamente às exigências administrativas muitas vezes

colocadas pelos órgãos cartográficos, processo esse iniciado em período já relatado.

Hoje a cartografia aliada aos elementos da geografia das representações pode ser um instrumento eficaz de mapear e identificar grupos sociais pouco reconhecidos, dando-lhes visibilidade, no que diz respeito a sua história, conflitos, reivindicações, cultura e saberes, contribuindo para a construção da própria realidade de um território.

Não daria para pensar em representação social ou espacial, sem antes pensarmos no que também entendemos por percepção, intimamente elas estão interligadas dentro do processo individual que cada pessoa produz ao longo de seu cotidiano com suas atividades espacialmente localizadas e temporalmente vivenciadas.

Para François Laplantine (2001, p. 26), o termo representação é esclarecido como:

O encontro de uma experiência individual e de modelos sociais num modo de apreensão particular do real: aquele de uma imagem-crença. (...) esta imagem-crença tem sempre uma tonalidade afetiva e uma carga irracional. É um saber que os indivíduos de uma sociedade ou de um grupo social elaboram em relação a um segmento de sua existência ou de toda sua existência. É uma interpretação que se organiza em relação estreita ao social e que se torna, para aqueles que a aderem, uma realidade ela mesma. Assim, é próprio de uma representação nunca se colocar como tal e de ocultar suas distorções e as deformações que ela veicula inelutavelmente.

Pensando dessa forma, a força que as representações imprimem na vivência de cada um pode se tornar mais real do que a própria realidade, não sendo apenas um reflexo, mas uma parte integrante das construções humanas. Nesse sentido, Dias (2003, p. 50) afirma que elas não se encontram pairando acima das cabeças, mas dentro, pois é na prática cotidiana que as representações constroem significados, inclusive aquele que chamamos de realidade.

Neste trabalho, entende-se que a percepção se mostra como uma forma de encontro do homem com o mundo e com o outro, é um termo que possui uma riqueza em sua dimensão, aqui optamos em trabalhar com as escalas do “lugar-vivido” sendo aquele lugar apreendido como o mundo-vivido do pescador e o “lugar-território” sendo o lugar individual

exposto através da oralidade e dos mapas mentais que compõem o território pesqueiro da comunidade pesquisada.

Opta-se, nesse viés, pelo fato de compreender que aliado à essas percepções também se elaboram as representações, sendo elas construídas, reconstruídas ou até mesmo esquecidas, como cita Duarte (2006, p.133): “A cada ir e vir da comunicação, novas representações são criadas, algumas morrem, outras nascem, e tudo isso vai reconfigurar a materialização das territorialidades e das afeições com seu espaço de vivência”.

Por isso, é necessário entender que o comportamento social e as memórias individuais não são limitados pela percepção, pois são diversos os processos cognitivos que formulam as complexas estruturas das representações socioespaciais. Dentro dessa cognição, podemos ir da vivência à experiência, do percebido ao vivido, verificar quais os mecanismos implícitos na produção de um espaço pelo poder ou pelos agentes hegemônicos, como a mídia e o que essas dinâmicas são capazes de produzir na percepção de cada sociedade (SERPA, 2008).

Para saber como se dá essas inter-relações entre lugar-vivido e lugar-território, é necessário saber que todo espaço social é uma dimensão do espaço geográfico. Por que a percepção de cada indivíduo é importante para a construção de uma determinada representação espacial? Em nossa memória, quais imagens permanecem? Ou o que esquecemos? E por que esquecemos? Como nos orientamos nos espaços? Por que conseguimos elaborar um mapa a partir de nossas imagens mentais?

Nesse bolo da construção de imagens do lugar ou do espaço urbano, por exemplo, existe a dimensão individual e coletiva, muitas das vezes elas se cruzam. Ferrara (1990) explica que desse cruzamento surge um método que ao mesmo tempo é afetivo e cognitivo, pois são as vivências e as experiências pessoais que conferem valor e qualidade às formas urbanas visíveis. Assim, numa mesma paisagem, diferentes observadores encontrarão material de percepção adaptado ao seu modo individual de olhar o mundo.

No trabalho de Serpa (2005), ele esclarece o diálogo feito pelo geógrafo Roger Downs e o psicólogo David Stea ao questionarem se os mapas mentais são uma representação confiável e fidedigna da realidade e eles concluem que não pode haver convergência total entre a realidade e as representações da realidade. Mas, que nossas imagens mentais são um modo de apreender e representar o complexo mundo que nos rodeia, uma estratégia (cognitiva) de apreensão da realidade.

Para os autores, toda imagem ou representação é seletiva: formas e tamanhos podem ser deturpados, relações espaciais podem ser trans-



formadas, em alguns espaços apreendemos muitos detalhes; em outros, nossas representações e imagens podem se constituir em versões empobrecidas da realidade (DOWNS; STEA, 1982).

São essas seleções que fazemos que possibilita também os sujeitos desafiarem o espaço e suas formas para compreendê-los, sendo o espaço multidimensional e em intenso processo de conflitualidade e interação, consideremos sua identidade como Santos (1996, p. 50) o aborda: “espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

O espaço geográfico de Milton Santos é onde se realizam todos os tipos de relações. Para começarmos a pensar o lugar-vivido e o território-lugar dos pescadores, precisamos entender que o espaço, assim como o lugar e o território é, sobretudo, uma construção.

Nessa lógica de Santos (1997), o espaço envolve dois elementos: o objeto e a ação, dentro de uma relação dinâmica, composta pelos sistemas de objetos e os sistemas de ação. Sendo o sistema de objetos o que chamamos de “fixos”; e o de ações seriam os “fluxos”. Nos fixos são atribuídos uma característica aos elementos que os compõem e nos fluxos são as informações que circulam com base nos fixos que lhes servem de referência. Fixos e fluxos tornam o espaço um elemento que remete ao lugar, pois são eles que redefinem e recriam as condições ambientais e sociais de cada lugar.

Assim, o espaço caracteriza-se pela percepção inicial, ou como também chama de “impacto polissensorial”, enquanto o lugar se constrói a partir da consciência desta percepção, na qual objetos e ações adquirem qualidade, adquirem valor. O espaço transforma-se em lugar quando qualquer representação imagética, sonora ou verbal do espaço implicar na seleção e organização peculiar de objetos e ações. Esta transformação ocorre fundamentalmente através do uso. (FERRARA, 1993).

O que vemos de diferente no lugar e na sua construção são os fortes elementos culturais penetrados na vivência e na experiência dos indivíduos: o lugar-vivido, aquilo que os liga a sua identidade.

É no lugar que os objetos e as ações adquirirem valor e fazem a história de quem os experimenta e lhes atribuem esse valor. Essas relações criam uma gama de leituras do espaço, que conforme o campo de forças em disputa pode ser dominante ou não, criando leituras socioespaciais, e produzindo um espaço geográfico e ou social específico: o território.

Podemos entender o território como o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder. Através das ideias defendidas por Claude Raffestin (1993), esse poder é conferido pela receptividade dos elementos envolvidos, é um espaço de conflitualidades. Em relação à sua terminologia, Côrrea (1996) aborda que o território deriva do latim *terra e toriun*, que denota ao sentido: *terra pertencente a alguém*.

Compreendemos que Côrrea (1996) nos fala de um pertencimento que não se vincula necessariamente à propriedade da terra, mas à apropriação, trazendo para o cenário um território vinculado a uma geografia que aborda os sentimentos e simbolismos atribuídos aos lugares, uma apropriação atrelada à identidade de grupos e à afetividade espacial, gerando o que chamamos de lugar-território.

Por isso, também, consideramos que ao território pesqueiro se atribui esse sentido de lugar-território, entendendo que ao descreverem seu lugar de trabalho, constroem a partir de suas memórias representações de um território não só limitado por fronteiras ou conflitualidades, mas um território marcado pelas relações de pertencimento, identidade e cultura, impregnados por suas experiências na pesca.

Esse sentido de lugar-território também vem de encontro com o que chamamos de mundo-vivido, pois é a partir dessas experiências, ora individuais ora coletivas, que o pescador vivencia o seu lugar.

Esse conceito de mundo vivido surge com a aproximação da geografia com a fenomenologia e o existencialismo apontando um novo campo epistemológico. Buttimer (1982) nos orienta que os dados primários para a percepção estão ligados ao comportamento e a uma relação “corpo-mente”, ampliados pela experiência, essa relação se expande para “pessoa-mundo”.

Nesse sentido, Relph (1979) chama a atenção para um mundo-vivido cultural, pelo fato de nossa vida diária, estar cheia de significados para nós: espaços, ruas, edifícios, paisagens, o que faz parte do “mundo social e cultural” repleto de intersubjetividade, diferindo-se do “mundo natural” que nos é dado e está pré-determinado antes de nascermos, Kozel (2013) aborda que estes mundos se distinguem apenas tematicamente, pois na experiência estão inter-relacionados.

Para entendermos como essas duas escalas de lugar se relacionam e estão interligadas, gerando as representações espaciais, lançamos mãos da explicação de Tuan (1980), onde ele aborda que a percepção se dá através dos sentidos (mecanismos biológicos), entretanto a cultura influencia a forma como percebemos, construímos uma visão de mundo e das atitudes em relação ao ambiente.

Para o autor, as características culturais dos diferentes grupos humanos interferem no modo de perceber o ambiente, são os seres humanos que atribuem significado e organizam o espaço de acordo com os símbolos que constroem a partir de sua percepção, o que ele destaca é como a cultura é fator preponderante, sendo que a cultura é desenvolvida unicamente pelos seres humanos, influenciando intensamente o comportamento e os valores humanos, ou seja, a apreensão do espaço está ligada a diferentes perspectivas que se fazem presentes na visão de mundo de cada ser humano.

Para Kozel (2010, p. 5), as experiências que os seres humanos têm dos elementos do espaço se constituem de maneira diferencial no momento de sua representação, e é através da multiplicidade de sentidos que um mesmo “lugar” possui para os grupos que o habitam que o espaço é percebido através do que ela denomina como imaginação criadora, o que resulta nas representações deste mundo-vivido por seus sujeitos, conferidos neste trabalho através dos mapas mentais, assim a autora conclui que:

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, é um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto os mapas mentais são considerados como uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano, passando por seu aporte cognitivo, sua visão de mundo e intencionalidades.

Compreender ou pelo menos registrar a percepção dos pescadores tradicionais da Armação do Pântano do Sul através de suas representações e memórias torna-se pertinente na pesquisa por considerar que as relações que esses sujeitos possuem como seu espaço vivido são processados a partir do sentimento de pertencimento e dos valores a ele atribuído.

Como considera Tuan (1980), os significados de percepção e a atitude assumida perante o mundo é formada por uma longa sucessão de percepções e de experiências, ressaltado que a experiência e visão de mundo desempenham importante papel no desenvolvimento da percepção, pois o contato direto com o ambiente permite ao indivíduo construir seu espaço perceptivo, justificando, assim, a importância da percepção no estudo dos lugares. (XAVIER, 2007, p. 34).

### 3.3 Trajetórias dos Conceitos de cultura, símbolo e lugar

Para compreender o universo em torno dos territórios pesqueiros, foi preciso retomar algumas análises sobre os elementos que também o compõe. O que se procura aqui é uma análise teórica sobre a construção e o uso desses conceitos na Geografia. A partir do estudo das principais teorias que subsidiam o embasamento nas ciências humanas, propõe-se um panorama breve através de reflexões já defendidas por autores consagrados na área da Geografia Humanista e Cultural.

Nossa argumentação tem início com os estudos desenvolvidos ao longo do processo do pensamento geográfico e da influência de outras ciências, permitindo compreender a relação existente entre o conhecimento geográfico e a própria organização da sociedade humana, a fim de embasar a nossa pesquisa diante desse círculo conceitual. Damos ênfase ao estudo das teorias na fenomenologia que subsidiam o entendimento desses conceitos aplicados aos estudos do espaço geográfico.

A Geografia passou e tem passado nos últimos períodos, por uma cadeia de transformações, principalmente dentro de suas concepções teórico-metodológicas. A introdução de novos paradigmas, provenientes das ciências sociais, bem como a retomada de alguns diálogos tradicionais no campo do saber, todos sob a luz de novas lentes, possibilitam aos geógrafos criarem caminhos maiores dentro do conhecimento geográfico.

Em resposta às transformações da geografia tradicional para os caminhos de uma geografia crítica, humanista, fenomenológica e cultural, surgiram novas propostas teóricas para compreender o espaço geográfico, propiciando sem dúvida uma maior aproximação do geógrafo frente aos problemas referentes à organização do espaço pela e na sociedade contemporânea.

Podemos perceber essa guinada na Geografia pela crescente necessidade de realizar estudos sobre essa organização do espaço, suas características socioambientais, culturais, simbólica e afetiva produzidas num determinado espaço e num determinado tempo.

A complexidade dos processos de produção e ocupação do espaço no momento histórico atual, onde as sociedades estão cada vez mais ocupadas em crescer e desenvolver meios para sustentar sua economia, principalmente à interface sociedade/natureza, relação cada vez mais globalizada, coloca em pauta a importância das atividades que envolvem a gestão do território garantindo a manutenção e a defesa de comunida-

des tradicionais que mantêm modos de vida singulares com suas culturas.

Nesse sentido, ressalta-se a importância do conhecimento geográfico enquanto saber estratégico relacionado ao espaço. Como sabemos, os espaços são produzidos por forte influência de suas relações simbólicas e culturais. Mas o que são esses símbolos e cultura inseridos em um lugar, ou como podem fazer parte da construção de um território?

É notório que o acúmulo dos processos sociais interage e interfere no ambiente, observados principalmente nas estruturas e ações do presente e do passado construídos nos espaços-temporais e fixados no lugar através de culturas e símbolos herdados, como afirma Massey (2000, p. 274):

Mas o resultado real deste argumento é que o tempo precisa do espaço para ele mesmo avançar; tempo e espaço nasceram juntos, junto com a relação que os produz. Tempo e espaço tem que ser pensados juntos, pois eles estão inextricavelmente entrelaçados. Neste caso, a primeira implicação deste ímpeto de considerar a temporalidade/história como genuinamente aberta é que espacialidade tem que ser integrada como uma parte essencial deste processo da contínua criação de novidade.

É necessário que seja percebido o tempo no movimento do espaço. Para esta pesquisa é fundamental anotar a relação dos pescadores com os elementos que remetiam ao passado da vida nas praias e os elementos da natureza que compõem o seu dia a dia de trabalho no mar. As percepções dos fatos ocorridos também são importantes. Assim, cada ator da pesquisa, pode demonstrar como o lugar expressa no território pesqueiro a sua função e a permanência de suas memórias. Loiola (2007, p. 10) complementa que:

[...] a forma da cultura material, a paisagem e a memória resultante de processos socioambientais tornam-se portadoras de signos em sintonia com o modo de pensar e agir de um povo. Quando indagadas, essas sucessivas marcas revelam as práticas espaciais pretéritas e permitem interpretar a função dos elementos, sua estrutura, bem como inferir sobre os processos socioambientais. Tornam-se memórias espaço-temporais.

Os vestígios das práticas e dos modos de vida permitem entender o processo histórico-cultural presentes na paisagem do território pesqueiro, possibilitando que a pesquisa analise também os símbolos e as memórias, elementos do conjunto das interações entre o espaço e o tempo.

Tanto o lugar como a paisagem guardam em si as marcas de um tempo, de uma história, refletida em sua composição espacial, que para Santos (2006, p. 53) é traço comum a “combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais, sendo resultado da acumulação da atividade de muitas gerações”. Por isso, a necessidade de se fazer não só o registro cartográfico, mas também oral dos atores da pesquisa, contribuiu muito para conhecer a cultura desta região na sua forma material e imaterial.

O caminho da Geografia Cultural delineada por Carl Sauer e Denis Cosgrove, exemplifica muito a noção de “heterotopia” de Duncan *apud* (CORRÊA, 2003), na qual existe uma pluralidade epistemológica, teórica e temática. A Geografia Cultural é demarcada por duas escolas, a de Berkeley e a da nova Geografia Cultural que trabalha acerca das formas simbólicas.

Para Corrêa (2010), a cultura pode ser definida sobre três eixos: abrangência dos fenômenos considerados, o papel da cultura na sociedade e segundo o papel que desempenha no processo de mudança. Corrêa (2003, p.13) ainda considera que a cultura:

[...] é liberada da visão supra-orgânica e do culturalismo, na qual a cultura é vista segundo o senso comum e dotada de poder explicativo. É vacinado também contra a visão estruturalista, na qual a cultura faria parte da “superestrutura”, sendo determinada pela “base”. A cultura é vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada.

Essa abordagem trazida por Roberto Lobato Corrêa permite entendermos que todo o processo de construção na Geografia Cultural traz consigo um interesse pela investigação de uma pluralidade de temas relacionados aos diversos elementos culturais dentro de uma sociedade. Para McDowell (1996, p. 159):

A geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano,

representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas.

Apesar dessa citação ter cerca de 20 anos, ela se mantém atual e acompanha toda a transformação da abordagem cultural na Geografia. Pelo olhar humanista, os geógrafos encontram subsídios necessários à reflexão sobre a própria existência e, por conseguinte, sobre os fenômenos do mundo vivido.

McDowell (1996 apud ZANATTA, 2007) considera que o fator cultural torna-se tema central do humanismo, reaparecendo como elemento imprescindível para uma nova compreensão da produção e reprodução das culturas através das práticas sociais que ocorrem ao nível espacial de maneira diferenciada. Essa abordagem humanista na geografia cultural garante também, no processo, a valorização da experiência, da intersubjetividade, dos sentimentos, da intuição e da compreensão.

Para Levy (1997, p. 28), a convergência entre a Geografia cultural e a humanista posiciona-se no fato da abordagem cultural acrescentar a dimensão individual, e a humanista reforçar o sentido da cultura preocupando-se com a realização do homem, respeitando sua dignidade pessoal e por isso, a defesa do conceito de lugar nesse sentido para a pesquisa - não estamos querendo construir um panorama de mapas mentais calcados apenas na experiência coletiva, mas sim garantir que cada mapa mental componha esse território pesqueiro, respeitando cada representação espacial expressadas por esses atores sociais.

A aproximação da cultura ao conceito de lugar também se firma pela importância que a corrente humanista na Geografia aborda sobre o assunto. É no lugar que estão as representações do cotidiano, do imaginário e das representações pessoais como cada um vê o seu lugar e como cada lugar é capaz de compor um território ou uma paisagem, Tuan (1996) explica:

[...] o lugar é o espaço que se torna familiar às pessoas, consiste no espaço vivido da experiência. Como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano é uma tarefa para o geógrafo humanista, para tanto, ele apela a interesses distintamente humanísticos como a natureza da experiência, a qualidade de ligação emocional dos obje-

tos físicos as funções dos conceitos e símbolos na criação de identidade do lugar.

Em relação à importância do lugar para este estudo, devemos ater-nos também a dois de seus componentes fundamentais: a identidade e a estabilidade. O primeiro refere-se ao espírito, aos símbolos que marcam as faces dos homens e os ligam à sua memória de vida; o segundo é do sentimento do lugar, ou seja, a topofilia ao lugar, termo utilizado por Tuan (1980), onde “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal”.

Dessa forma, a experiência trama as diferentes maneiras que uma pessoa pode se ligar ao lugar. Também foi trabalhado nessa pesquisa os “lugares de memória” caracterizados pelas noções da aceleração da história e ruptura do elo entre a memória e a história. Holzer (1999) afirma que o lugar deve ser:

[...] um centro de significados e por extensão um forte elemento de comunicação de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despido de sua essência espacial, sem a qual torna-se outra coisa, para a qual torna-se “sic” outra coisa, para a qual a palavra lugar é, no mínimo, inadequada.

Um lugar é algo inacabado, está no processo de constante alteração, acessível e em movimento. Tuan (1980) analisa as diferentes maneiras como as pessoas sentem e conhecem o lugar. Para ele, o lugar é segurança. Nogueira (2002), afirma que o lugar é parte essencial da identidade, como sujeitos

[...] a Geografia poderia antes de trazer uma caracterização acabada do lugar, procurar investigar e interpretar o saber que cada um traz e que é adquirido na relação de vida com o lugar. [...] para o homem, a realidade geográfica é primeiramente o lugar em que estão, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe chama sua presença. Esse lugar está sendo compreendido por nós para além de seus aspectos físicos e geométricos, aqui compreendido como lugar da vida.

Por ser assim, consideramos que os diferentes pontos de vista apresentados até aqui pelos estudiosos do lugar na Geografia, auxilia na interpretação dos mapas mentais, instrumento necessário da pesquisa para a compreensão dos lugares, uma vez que, através dessas represen-



tações, pode-se compreender as experiências e vivências, como também interpretar os diferentes símbolos contidos desse fruto cartográfico.

A dimensão simbólica em um determinado lugar esclarece-nos muito das experiências vivenciadas por seus atores e construtores. O simbólico tem enorme papel dentro da cultura, e da própria cartografia, um ícone em uma determinada legenda pode ser apenas um símbolo, mas em um processo de mapeamento participativo pode ser uma figura que expressa uma cultura ou um conflito de natureza simbólica daquele lugar.

O significado é anterior às formas simbólicas, e ele possui construções intelectuais que visam a dar sentido às diversas esferas da vida, são o fundamento de todo o conhecimento. Criados e recriados pelos diferentes grupos sociais, os significados são expressos em símbolos que constituem os traços fundamentais do ser humano. (CORRÊA, 2012, p. 135).

As formas simbólicas podem ser expressas de maneira material ou imaterial, como a forma escrita, oral e a linguagem, que pode ser criada e recriada. As formas materiais são infinitas, vão desde um costume religioso a uma receita ou vestimenta. (CORRÊA, 2012, p. 136).

Essas formas simbólicas se tornam espaciais quando estão diretamente ligadas ao espaço por fluxos e fixos, ou seja, itinerários e localizações. Elementos estes que podem compor os lugares simbólicos, carregados de manifestações culturais e populares, com significados políticos, sociais, religiosos e étnicos.

Os lugares que foram representados nos mapas mentais pelos pescadores tendem a serem lugares simbólicos vernaculares, Boyer *apud* (CORRÊA, 2012), nos esclarece que os lugares podem ser retóricos ou vernaculares, o que os diferenciais são as práticas simbólicas: o primeiro remete aos oficiais, lugares de marco e cerimônias cívicas, onde a população é espectadora. Os lugares vernaculares são palcos das práticas simbólicas populares, marcados por uma tradição popular e com conexões identitárias. Para Corrêa (2012, p. 40):

[...] os lugares simbólicos resultam de complexo processo de criação, interno ou externo, para o qual há várias tensões que envolvem diferentes agentes sociais criadores e usuários de significados. Desse processo, resultam a preservação ou transformação, parcial ou não, dos lugares simbólicos e a ressignificação de seu *status* político, religioso, étnico ou histórico, que pode ou não incluir sua mercantilização.

Por isso, pensa-se que é pertinente à “ciência do espaço” o estudo das formas simbólicas pelo conteúdo geográfico que se acredita existir nelas. Ao entendermos que o campo cultural em sua complexidade possui simultâneas geografias como lócus de representação e vivência, dotamos as formas simbólicas de um *status* perceptivo peculiar. (OLIVEIRA; SOUZA, 2010, p. 9).

Os autores ainda consideram que as formas simbólicas são caminhos para economizar as investigações metodológicas na compreensão dos intercâmbios culturais e ambientais, porque elas tendem a (re) significar lugares específicos e conectá-los a projetos de sentido mais amplo.

Para Cassirer (2001), “as formas simbólicas são os estados progressivos do aparecimento da consciência”, podemos entendê-las como criações constantes na sociabilidade humana, sendo um pouco difícil enquadrá-las dentro de um padrão único. É da natureza humana simbolizar os mundos, sejam eles interiores ou exteriores.

Os símbolos fazem parte da história da humanidade antes mesmo de sabermos escrever. Carl G. Jung (2002) explana que os símbolos possuem uma carga de significado inconsciente – referente à ordem pulsante dos desejos representativos das afeições e aversões ao meio e aos outros –, a carga de significação está muito além de um contato imediato e primário com o que se está considerando na categoria simbólica.

O termo, símbolo, possui uma importância no âmbito das ciências humanas como um todo. De acordo com Jung (2002, p. 20):

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. [...] assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato.

Os símbolos possuem extrema importância dentro da cartografia, podendo ser de dois tipos aqueles contidos na “gramática cartográfica” ou os de ordem subjetiva, vinculada às percepções e aos sentidos atribuídos pelas pessoas a essa linguagem supostamente objetiva que é a representação gráfica. (MARTINELLI, 2003).

Porém, a utilização dos símbolos e da simbologia não está calçada em uma gaiola, faz parte também de uma reflexão sobre a “geografi-

cidade” das formas simbólicas, entendendo-as dialeticamente como modelagens das manifestações culturais de um lugar. Sejam elas materiais, imateriais ou comunicacionais, com linguagens verbais e não verbais, ganham significação expressiva para decodificação dos territórios.

E é esse processo de codificação e decodificação formulado através de nossas percepções e transformado em representações espaciais vinculadas aos mapas ou à linguagem é o que se espera discutir no próximo tópico do ponto de vista das relações simbólicas e afetivas que se constroem no espaço, contribuindo para entender o processo de formulação dos mapas mentais, ferramenta metodológica para a pesquisa.

### **3.4 O Mar Sagrado nas Relações Simbólicas e Afetivas dos Pescadores Tradicionais**

A dimensão simbólica de um determinado lugar, as relações que seu povo estabelece e as próprias formas de representar estão ligadas através desse fio condutor chamado memória. Tudo quanto há na Terra é gravado por seus elementos, o solo grava em seus horizontes a sua composição, as rochas são formadas e em suas estruturas geológicas conseguem apresentar uma cronologia, a humanidade mede seu tempo em dias e gravam suas memórias por datas, mas a água é símbolo de lembranças e afetividades, um elemento aqui gerador das memórias desses pescadores.

Em todas as narrativas, o elemento água representado pelo mar esteve presente como fonte de pertencimento ao lugar. As vozes desses sujeitos permitiram um encontro com o mar, chamado de: tudo, sagrado, ganha pão, meu sustento, minha sobrevivência, lar, casa e morada. Dentro do mar sagrado, suas memórias afloraram como as marés em dias de lua cheia.

Um dos trechos colhidos em entrevistas chamou atenção pela afetividade dessa lembrança que estava guardada, e quando perguntado qual o valor do mar na vida, e quais histórias que ele poderia dizer sobre aquele lugar, o pescador respondeu surpreso, como mostra a transcrição:

O mar? Ele é minha casa! Não existe pescador sem mar, é como se não existisse aquela pessoa que planta sem terra. Como é que seria um pescador sem mar? Minha vida pode não ser lá das melhores, nos agora estamos sempre enfrentando as dificuldades que tem também a vida no mar, mas saber que todo dia, todo dia, posso pegar meu barco e ir ver minha rede, já é uma segurança. Posso

não ter uma casa, mas tendo meu barco e esse mar, já vejo que é minha casa. Tem tanta história que pra contar, ficaria aqui o dia todo nega! Mas na época que trabalhei embarcado conheci um pescador, tinha mais de 70 anos já, e tava pra se aposentar, e ele se aposentou, não aguentou nem dois meses, disse que não conseguiu dormir sem o balanço do mar. Penso que quando ficar mais velho vou ser assim. Não há lugar que eu me sinta mais seguro se não for dentro do mar. Não tenho medo, tenho respeito... (P.8 – M.M.S, 2014 – informação verbal)

Buscar interpretações, símbolos ou conceitos que abarquem a noção de memória e lembrança é importante, mas aqui essa memória vivencial também é um fator de registro e comprovação de que o mar é o elemento fundamental para a construção desse território, compreende a dimensão e a ligação do pescador entre a natureza.

Essa dimensão espacial e suas ligações também podem ser explicadas por essa perspectiva do sagrado vinculado à perspectiva humanística da geografia que ressalta a familiaridade com o lugar e a experiência compartilhada, a natureza está intrínseca ao homem.

No caso dos pescadores tradicionais, percebemos que o tempo presente é outro, é um tempo cósmico, ele é o mediador com a natureza, tanto na pesca com o menor emprego de tecnologias e de capital, como na sua apropriação da natureza que se expressa através de conhecimento e trabalho. Nas palavras de Santos (1997), “o processo de trabalho exige um aprendizado prévio, o homem necessita aprender a natureza a fim de poder apreendê-la. Quando aprende, apreende; quando apreende, aprende”.

O conhecimento do pescador é a pesca, e a pesca permite ao pescador conhecer o mar, e tudo que envolve a dinâmica do mar. Ele aprende sobre os ventos, águas, marés, relevo submarino, correntes, hábitos de peixes, entre tantas outras formas e características presentes na natureza, assim ele consegue formar sistemas cognitivos próprios para a interpretação, apropriação e representação desse lugar.

É através desse conhecimento que o pescador constrói sua história de vida e seus territórios, e consegue o fazer através dos símbolos que o representam.

A espacialidade do sagrado advém do domínio da emoção e do sentimento do ser no mundo, o sagrado aqui pode ser entendido como uma manifestação cultural, afirmada no lugar, no espaço, no território, na paisagem ou na região, ela ocorre no tempo sagrado, recriando-se e sendo vivenciada por um povo.

As relações estabelecidas pelos pescadores com o mar permitem que analisemos esse universo simbólico contido nos mapas mentais, ambos os mapas foram feitos a partir da visão frontal para o mar. Por estarmos na praia, todos os pescadores se dirigiram à frente do mar, evidenciando que aquele elemento seria o mais importante para a sua localização.

Nesse sentido, Diegues (1998, p. 48) ressalta a particularidade da gente do mar em seus trabalhos, como o modo de vida dos pescadores se torna específico e marcado por práticas sociais e culturais, sendo essas construções resultado da relação com um meio tanto físico quanto socialmente instável e imprevisível, ele aborda que:

O mar, espaço de vida dos pescadores marítimos, é marcado pela fluidez das águas e de seus recursos, pela instabilidade contínua provocada por fatores meteorológicos e oceanográficos, pela variação e migração das espécies, seus padrões de reprodução, migração etc. A vida no mar é também marcada não só por contingências naturais, mas por temores e medos, acidentes e naufrágios, pela flutuação dos preços, pela extrema precibilidade do pescado que, uma vez capturado, deve ser vendido rapidamente, o que obriga o pescador a acertos particulares de comercialização que, usualmente, lhe são desfavoráveis.

Todo esse cenário da vida do pescador ajuda a entender como ele faz a sua leitura de mundo, a Geografia é uma forma de leitura do mundo. Quando Ruy Moreira diz que uma realidade observada, recortada e analisada pelos geógrafos é um dos tipos peculiares de compreensão da natureza, podemos compreender também que um pescador possui a sua forma de recortar e observar a sua realidade, quanto mais variada for às formas de se ver o mundo, tantas outras variadas maneiras de interpretá-lo existirão. (MOREIRA, 2007).

Daí essa necessidade de compreender o mar como elemento simbólico e afetivo para o pescador. O que podemos ver é que no âmbito da sua percepção mais sensível, o contato imediato e primário com a realidade, aqui destacamos essa realidade sendo esse território pesqueiro e

seus símbolos, posteriormente a reflexão do real pela mente produzirá as imagens dotadas de diferentes significados. (ARAUJO; JUNIOR, 2012).

É por meio desses processos que os elementos representados estão ligados ao que se vê ou ao que se deixa mostrar, através da simbolização, o representado é a imagem, o signo criado com a intenção de conter em si a significância que faça jus à sua posição utilitária, instrumental, cultural, histórica, política ou econômica. (BAUDRILLARD, 1991).

Por assim compreendemos o que são esses espaços e suas representações, para o pescador o mar é aqui o seu mundo vivido, e ele o representa através de seu saber, memória, fala e imagens, Gil Filho (2003, p. 3) aborda:

O espaço de representação refere-se a uma instância da experiência da espacialidade originária na contextualização do sujeito. Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível e nos projeta no mundo. Desta maneira, articula-se ao espaço da prática social de sua materialidade imediata [...] Deste modo, é a percepção do indivíduo o que edifica o conhecimento do espaço e, assim, estrutura um segundo espaço. Contudo, o pensar e a ação do sujeito perpassam a possibilidade de haver representações de caráter social.

A representatividade social e espacial segundo o que explica Gil Filho (2003) manifesta-se em diferentes formas do encontro entre sujeito e objeto, sendo que o sujeito é quem cria as visões representacionais do objeto. A concretude da subjetividade representada se dá no espaço habitado, daí a necessidade da elaboração e aperfeiçoamento de uma fenomenologia da espacialidade na tentativa de compreender esta construção do espaço simbólico. (DUARTE; MATIAS, 2005).

O que podemos compreender através das narrativas dos pescadores, é que essas representações espaciais estão intrinsecamente ligadas aos próprios sistemas de percepção criados ao longo da experiência e trabalho realizado no cotidiano da pesca, no mar. Geistdoerfer (1989, p. 07) explica que esse elemento da natureza recebe sua dimensão humana ao passo que:

As práticas socioculturais da gente do mar, o conjunto de comportamentos, reúnem aquilo que denominamos por 'técnico', 'simbólico', 'social', 'econômico', 'ritual'. Essas práticas são marcadas, de maneira original, por essas 'propriedades natu-

rais' do mar, socializadas pela aplicação dos diferentes sistemas. Mas segundo o valor social, econômico ou simbólico que as comunidades dão ao mar e aos seus recursos, o conjunto de práticas socioculturais dessas comunidades pode ser marcado de forma diferenciada.

Os aspectos simbólicos presentes nas práticas socioculturais dos pescadores variam de lugar para lugar, porém o espaço marítimo ou o mar é o *locus* de vida, um ser vivo com o qual é preciso muitas vezes se reconciliar antes de nele adentrar.

Algumas comunidades de pescadores desenvolveram mitos e ritos relativos ao mar e aos seres que nele habitam. Desde muito antes, os mares e oceanos eram espaço de terror criados pelos navegadores e suas cartas, alguns desses mitos permanecem, sereias, bruxas e monstros, ou histórias de grandes naufragos permeiam ainda no imaginário. Nas sociedades atuais, esses mitos parecem estar desaparecendo, do ponto de vista coletivo, mas alguns deles ainda persistem do ponto de vista individual como traz o relato de um pescador quando questionado sobre o que tinha visto de diferente quando estava no mar:

– Você quer dizer algo assim que tem gente que não acredita? Sim! [...] vais dizer que é história de pescador, mas eu acredito, acredito porque vi com esses olhos, e nunca me esqueci. Naquela época não existia esse sonar, esses equipamentos que têm hoje nos barcos, então eu ainda era novo, tava aprendendo a ver o mar, a cor do mar. Eu sei que o que eu vi, eu nunca mais vi de novo, num era gente, peixe ou bicho de mar, eu conheço bicho de mar, muitas vezes se vê lontra por aí... Eu lembro que era cedo, sempre acordei cedo, eu fui na beira do mar, e vi que a cor tava diferente, era esse verde azulado, tava assim como se fosse pedra, brilhava, parecia prata, bem ali na costa das campanhas, eu vi algo me chamando, eu vi que num dava pra pegar, eu penso que vi a luz de algo de Deus, eu acredito no que vi. (P.6 – J.R.P, 2014 – informação verbal).

Este é um dos únicos relatos que colhi que contém esse traço de uma percepção voltada para algum mito, muitos dos pescadores pergun-

tados pela existência desses seres míticos, não acreditam ou não tiveram uma experiência ligada a esse universo. Porém, ressalta-se que o mar ainda é um elemento que desperta esse fascínio, em alguns estudos voltados para a simbologia marítima, o mar representa a própria volta do ser ao seio materno, ao útero. As águas salgadas seriam ligadas ao feminino para Carson (1957, p. 20) em um dos estudos intitulados “*O Mar que nos Rodeia*”, essa atração pelo mar se reflete na semelhança de composição, em sais minerais do sangue humano e da água do mar:

[...] peixes, anfíbios, répteis, pássaros com sangue quente, mamíferos, cada um deles carrega em suas veias um fluido salino que combina o sódio, o potássio e o cálcio quase na mesma proporção que a água do mar. Esta herança remonta a milhões de anos, quando nossos ancestrais passaram do estado unicelular ao pluricelular, elaborando um sistema circulatório, no qual o líquido era constituído pela água do mar.

Nesse sentido, Diegues (1995) aborda que ao contrário do que ocorre com o estudo dos mares pela ciência moderna-positivista, por largo período da história da humanidade os oceanos não eram simplesmente uma realidade físico-biológica, mas povoados por seres humanos e não-humanos, por monstros e divindades, e somente para uma ciência reducionista o oceano é uma realidade somente material, despovoada de seres humanos e seus símbolos.

Essa concepção trazida por Diegues (1995) de um mar simbólico é presente nas comunidades de pescadores tradicionais, onde elas mantêm um contato estreito com o mar e dele retiram subsistência, apresentando uma percepção complexa do meio-marinho e seus fenômenos naturais.

Esses pescadores tradicionais apresentam um amplo conhecimento empírico adquirido pela observação dos fenômenos, porém de um outro lado algumas das explicações para fenômenos ou pelas formas que um determinado peixe se apresenta também passam pela representação simbólica e pelo imaginário desses povos do mar.

Observar o mar como elemento central para os pescadores garante para a pesquisa compreender o que compõe o território pesqueiro da Armação do Pântano do Sul, além de poder realizar um diagnóstico sensato das transformações que tangem as dimensões cultural, social e ambiental dessas localidades.



O que buscamos aqui é elucidar que dando voz às percepções e representações espaciais de comunidades tradicionais podemos desenvolver ações de preservação e conservação para esses espaços, isto não é tarefa fácil, Falcão (1984) alerta que “preservar não é homenagear um passado imóvel”, mas é garantir que ele seja lembrado e conservado, seja refeito no presente, buscando que espaços e pessoas vivenciem a sensibilidade de bens culturais e naturais.

### **3.5 Histórias de Vida no Território, o Saber-fazer Pescador**

Discutir sobre o saber-fazer do pescador passa, principalmente, por entender o que é um saber-fazer *tradicional*, e aqui esse termo está ligado ao princípio da contextualização em torno das populações tradicionais e suas histórias de vida, aqui registramos esses saberes e fazeres através das narrativas emergidas pelas entrevistas realizadas.

Tendo como viés a história oral de vida, reunida por temáticas, aqui expressas pelos temas: pesca tradicional, mar, saber pescador, fazer pescador, reconhecimento e cultura, serão apresentados os citados menos a temática mar que foi tratada acima no tópico anterior como formas de práticas e saberes tradicionais.

Ao longo dos diálogos sobre a história de vida dos pescadores e de seus saberes-fazer, aproveitaremos para melhor elucidar essas temáticas trazidas para a pesquisa. Entendemos até aqui que os pescadores tradicionais da Armação do Pântano do Sul possuem um modo de vida e uma cultura que possibilita uma simbiose com o seu ambiente, e que mantém um conhecimento sobre sua dinâmica, unidos ao um conjunto de crenças e costumes.

Para Diegues (1986) o termo *tradicional* refere-se ao ato de preservar os costumes de antepassados distantes, ou seja, reconhecer uma cultura que se adaptou e que soube extrair o melhor do meio ambiente. Por isso dizemos que os elementos culturais exercem influências na constituição de um lugar e de sua respectiva identidade, apresentando marcas e símbolos que permitem a sua população sentir-se pertencida, estabelecendo relações de afeto com um determinado costume ou saber.

Para o autor citado, os saberes tradicionais estão relacionados principalmente com a construção do lugar através de objetos geográficos harmonizados com a natureza local.

Claval (2011) alerta que a manutenção e a perpetuação desses saberes vêm através de um papel essencial desempenhado pela oralidade e por sua transmissão. Dessa forma, o que constitui as particularidades do saber-fazer tradicional são as experiências com a natureza que possibili-

tam que suas informações e conhecimentos sejam memorizadas com pouco esforço.

Como trabalhamos no tópico anterior, o mar sagrado, pode ser entendido como um elemento importante na relação entre o pescador e a natureza. Esse elemento remete à sua ligação com o território, definido como uma porção da natureza ou pelo próprio espaço geográfico sobre o qual os pescadores reivindicam e garantem a todos, ou a uma parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso sobre a totalidade ou parte dos recursos naturais aí existentes que ele deseja ou é capaz de utilizar. (GODELIER, 1984).

Essa porção da natureza, que podemos entender como o mar, fornece, em primeiro lugar, a natureza do homem como espécie, mas também: os meios de subsistência; os meios de trabalho e produção; e os meios de produzir os aspectos materiais das relações sociais. (GODELIER, 1984).

Para definirmos o território pesqueiro, então, não bastou somente identificar através dos mapas mentais o que eles compreendiam como a extensão ou limite, mas foi possível através de suas histórias de vida perceber que eles não dependem somente do tipo do meio físico, mas também das relações sociais existentes.

Para os pescadores tradicionais pesquisados que exploram o mar, ele possui marcas de posse, geralmente locais de boa produtividade, são descobertos e guardados cuidadosamente pelo pescador. Essas marcas podem ser físicas e visíveis, como: os locais aonde fixam uma parte de sua rede, pedras e rochedos que recebem nome. Ou essas marcas também podem ser invisíveis, como: os parcéis ou lajes, denominados como locais em geral submersos onde há certa abundância de peixes no fundo.

Esses locais são marcados, nomeados e memorizados através de um sistema próprio que foi desenvolvido através dos pescadores mais antigos, que foram repassando para as futuras gerações. A travessia pelo mar até chegar às redes também é algo repassado pelos mais antigos, como um mapa do caminho através de sistemas de triangulação de pontos para o qual os pescadores usam alguns acidentes geográficos da costa, picos de morro ou até mesmo os limites impostos pelo relevo marítimo.

Para Diegues (1993), o território dos pescadores artesanais ou tradicionais se torna muito mais vastos que para os agricultores, o que seria sua “posse” é mais fluído do que um pedaço de terra. Apesar disso, essa “posse” que seria aqui as áreas de pesca são mantidas e respeitadas por uma lei de ética entre os pescadores.

Alguns pescadores possuem lugar fixo, suas redes de cerco são fixas em lugares, porém as redes que são colocadas diariamente, seguem o sistema de “quem chegar primeiro coloca no lugar”, e o que vem depois não a coloca na frente, mas procura posicionar de uma maneira que o peixe não escape da outra rede, e assim vice-versa.

Nos relatos, disseram que essa realidade vem mudando, principalmente no período do verão quando os pescadores da Armação reclamam da falta de respeito daqueles que não são “pescadores de verdade”, como mostra o trecho a seguir:

[...] pescador de verdade é aquele que pesca no inverno, no verão, quando tem peixe e quando não tem. Aqui tá cheio de bombeiro, policial aposentando e gente que quer fazer passeio. Então vem aqui, e não tem respeito pela gente, acha que pode colocar seu barco no mar, escangalhar toda a nossa rede, colocar a rede em lugar que não pode e pegar o peixe. Então isso dificulta nossa vida que já não é fácil né querida, não vê aí na televisão, um monte de carteira dada pra quem nem é pescador, recebendo o seguro sem nem estar no mar. Dizer que é pescador é fácil né, quero ver é vir aqui no inverno e pesca. (P.1 – A.S, 2014 – informação verbal).

O que percebemos é que os conflitos vivenciados pelos pescadores também passam pela disputa de seus territórios, se não são por questões como as ditas acima, são pelas inúmeras investidas de embarcações maiores, como os atuneiros (barcos de pesca industrial de atum) que invadem o limite da pesca artesanal por falta de estrutura ou da própria convivência de alguns pescadores.

Os barcos industriais retiram toda a manjuba (peixes pequenos que são servidos de isca para a pesca industrial) em volume grande, o que serviria para a pesca artesanal quando estivessem mais desenvolvidos, além de facilitar um desequilíbrio ambiental do ecossistema marinho.

Dessa maneira, vimos que um aspecto relevante na definição de culturas tradicionais como as dos pescadores é a existência de um sistema de manejo dos recursos naturais marcados pelo respeito aos ciclos naturais, e pela sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies.

Esses sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, por intermédio dos costumes, crenças e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais.

Por traz desses sistemas entendemos que existe um conhecimento tradicional, definido como um conjunto de saberes e fazeres a respeito do mundo natural, cultural e, às vezes, com aspecto sobrenatural transmitido oralmente de geração em geração.

Allut (2000), referindo-se ao conhecimento dos pescadores artesanais, defende que “o saber de certas profissões e ofícios constitui um corpo de conhecimentos que transcende ao que geralmente entendemos por conhecimento vulgar ou leigo”.

Percebe-se claramente na visão dos pescadores entrevistados, a importância desses conhecimentos adquiridos na prática, através da luta diária, da experiência, dos desafios. Esses saberes possuem características marcantes, uma vez que se configuram na observação contínua e vivida lado a lado com a natureza.

- **Pesca Tradicional e Saber-fazer pescador**

Esse fazer da pesca está presente desde muito antes dela ser nomeada como artesanal ou industrial, e pesca faz parte da história da humanidade.

Como uma atividade extrativista, ela compôs, e ainda compõe, muitas das dietas alimentares dos povos no mundo. O pescar, como um fazer, remonta a um saber, o saber construído por homens e mulheres através do processo de apropriação da natureza, essa natureza é apreendida por técnicas e sistemas criados pelos próprios pescadores, Cardoso (2001, p. 24) explica que:

A natureza é objeto de trabalho do pescador. Peixes, crustáceos, moluscos, marés, correntes, compõem o universo natural apropriado pelo fazer pesqueiro e sobre o qual o pescador constrói seu conhecimento. Além de um processo econômico, a apropriação da natureza na atividade pesqueira é um processo de conhecimento construído na prática do pescador.

A pesca artesanal contempla em sua realidade conceitual uma abordagem bem mais ampla do que caracterizada como uma atividade realizada aos moldes da pequena produção mercantil, com baixo poder

de predação, sendo praticada autonomicamente, empregando força de trabalho familiar ou não, com produção destinada para subsistência e mercado. (DIEGUES, 1983).

A pesca artesanal envolve uma diversidade de modalidades técnicas, modos de apropriação dos recursos pesqueiros, produção e distribuição do pescado, por isso aqui optamos em categorizar a pesca realizada na localidade da área de estudo como *pesca tradicional*.

Por essa diversidade e pelos diferentes conflitos políticos em delimitar o que é ou não a pesca artesanal é que se torna difícil categorizar uma identidade única do pescador artesanal. Em recentes discussões organizadas pela Oficina Regional da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) para América Latina e Caribe, foi apresentado dentro de três modalidades um conceito que englobasse essa categoria de pesca artesanal, uma dela se categoriza como *pesca artesanal tradicional*:

La pesca artesanal tradicional se practica com embarcaciones también tradicionales. Los pescadores mantienen sus hábitos y costumbres bastante arraigados, regularmente su movilidad es escassa y por ser dueños em muchos casos de los médios de producción se mantiene en la actividad a tempo completo, aunque sus ingresos sean bajos. Em años recientes, esta modalidad de pesca ha experimentado certo desarrollo com la introducción de motores fuera de borda cada vez más potentes, el empleo de redes agalleras de monofilamento, el uso de nuevos materiales em la construcción de las embarcaciones y mejoras em la instalaciones de desembarque y manipulación de los productos pesqueros. Em muchos lugares los pescadores artesanales tradicionales también han experimentado mejoras económicas mediante la venta de sus productos para restaurantes y cadenas de supermercados nacionales o para la exportación. (FAO, 2000).

A pesca tradicional hoje se vê cada vez mais pressionada pelas políticas públicas e de gestão de seus territórios frente ao avanço da pesca industrial, que acirram o comércio de pescado e a conservação do ambiente pesqueiro.

Os pescadores são pressionados por um mercado dominado de atravessadores ou, como eles dizem, intermediários que subtraem a ren-

da e o preço do pescado. Assim, percebem que ao longo do tempo seus espaços de vida são reduzidos em função da especulação imobiliária no litoral, e com dificuldades de se manterem unicamente na pesca buscam outras formas para agregar na renda da família.

Diante desses conflitos, alguns pescadores alegam que o sistema de pesca tradicional estará fadado a acabar, outros afirmam que a pesca nunca vai acabar, o que vai acabar é esse modo de fazer a pesca e do pescador tradicional.

Porém, nas últimas estatísticas do IBGE a pesca artesanal/tradicional representava 50% da produção pesqueira brasileira, responsável por 75% do valor gerado na pesca (IBGE, 1991). O que percebemos é que parte da produção nas localidades estudadas é comercializada, mas a outra parte também serve para a subsistência familiar. Em alguns casos, as esposas também participam fazendo filés de peixes para comercializar.

Em relação à produção pesqueira, quando perguntados sobre as maiores dificuldades enfrentadas pelos pescadores, tanto na Armação como Pântano do Sul, além das citadas como conflitos existentes, um dos principais entraves é que as grandes embarcações possuem redes com malha muito pequena, o que arrasta desde peixes pequenos até toda a biota que mantém o ecossistema.

Esse processo realizado pela pesca industrial prejudica os pescadores artesanais, uma vez que os peixes pequenos que poderiam pescar e vender são mortos e desprezados pela pesca industrial. Segundo os pescadores entrevistados, o pescado está mais escasso principalmente por esse fator, associado também à quantidade da pesca dessas embarcações, Horochovski, (2007) exemplifica:

Podemos definir, em poucas palavras, a pesca industrial como uma produção que se caracteriza pela dissociação entre pescador e pescado, como na lógica do mercado capitalista. Já quando na pesca artesanal o pescador não é dono da embarcação e nem mesmo das redes, não deixa de dominar todas as etapas que estão ligadas ao processo de seu trabalho, diferenciando sua atividade das demais, principalmente da pesca industrial, já que em todas as etapas ele tem o poder decisório.

Na pesca tradicional são utilizadas embarcações de pequeno a médio porte, adquiridas em estaleiros, com propulsão motorizada ou não, algumas embarcações são construídas pelos próprios pescadores, utilizando matérias-primas naturais. Também não existe nenhuma sofis-

ticação nos apetrechos e insumos utilizados, geralmente comprados nos comércios locais. (MALDONADO, 1993).

De uma maneira geral, os pescadores utilizam equipamentos básicos de navegação, sonares e radares de pequeno porte e de pouca precisão, as embarcações geralmente possuem uma estrutura capaz de produzir pequeno ou médio volume de pescado, devido ao espaço, os pescadores não estocam grande quantidade de peixe no seu interior.

Quando perguntados sobre as principais técnicas ou formas de pesca realizadas por eles, citaram as seguintes:

1. Redes de arrasto – malhas variando de 1 a 6 cm entre nós opostos; puxadas pela popa e pela tripulação, sempre de fundo, utilizadas para a pesca da tainha.
2. Redes de emalhe – malhas variando de 5 a 40 cm entre nós opostos, operando com algumas formas particulares: "caceio", de superfície ou de fundo, a qual fica à deriva; e "fundeio", rede presa ao fundo por pontas de ferro. Uma variação de caceio relatada é o cerco envolvendo a disposição da rede em semicircunferência havendo a produção de estímulos sonoros (remo, motor) para a movimentação dos peixes de encontro à rede e ela fica fixa ao rochedo ou pedra que possa ligar ao ponto no mar. Podemos observar o desenho no mar através de bambus cortados que boiam sob o mar. São redes fixas em lugares escolhidos pelos pescadores.
3. Tarrafas – apresenta doze diferentes tamanhos de malha, de 2 a 18 cm entre nós opostos, utilizadas, sobretudo, nos estuários e na boca das baías. Apesar de alguns pescadores mais velhos e que se aposentaram ainda utilizarem, os pescadores ativos relataram que só as utilizam para diversão.



Figura 5 - Rede de cerco na Armação, localizada nos rochedos da ponta da Praia do Matadeiro. Fonte: Dorsa (2014).

Quando perguntados por que permaneceram na pesca artesanal diante das dificuldades e dos conflitos citados por eles e pelas investidas da pesca artesanal, um dos entrevistados respondeu:

[...] sou dono do meu barco, sou dono da minha rede, eu faço meu tempo, não preciso de patrão, eu até já trabalhei embarcado, mas é muito sofrimento, ficar longe de casa e muitas vezes ter que entender que não é você quem faz as regras. Posso até não ganhar tanto quanto ganharia na pesca industrial, mas eu acho o mais certo, e é isso que eu faço, isso que meu pai me ensinou. Eu penso que mais pra frente posso até mudar de vida, mas vou querer continuar pescando. (P.8 – M.M.S, 2014 – informação verbal).

A pesca tradicional é o dia a dia do pescador, eles seguem os movimentos próprios da natureza, portanto, o tempo do pescador é medido pelos ciclos da natureza; dependem muito desse fator e por ele se perdem vários dias de trabalho.



Segundo Diegues (1995, p. 92), “daí, como em todos os países do mundo, a pesca artesanal ser uma atividade cíclica com períodos de maior ou menor intensidade de trabalho, com horas de espera e horas de extenuante esforço físico”.

Por essas características da pesca tradicional entendemos que o trabalho do pescador obedece a um tempo ditado pelo ritmo natural, bem diferente do ritmo imposto pela urbanização, o tempo do relógio. É diante dessa realidade que os pescadores constroem seu saber-fazer pescador.

Nessa perspectiva de respeito ao tempo cíclico dos pescados e das próprias estações durante o ano, uma das vivências importantes para os pescadores do Pântano do Sul é a temporada da pesca da tainha, que ocorre entre os meses de maio a julho, é tempo de celebração e cooperativa na comunidade.

Na pesca da tainha, os pescadores desenvolvem diferentes posições, uma delas é o olheiro: aquele que observa e identifica de um lugar mais alto os cardumes e avisa os demais companheiros da localização. Só após esse aviso ocorre o arrasto, é um movimento que depende de sincronia e rapidez.

Na praia, ocorre o arrasto onde há participação da comunidade, e por visitantes que se interessam pela dinâmica. Hoje a pesca da tainha é patrimônio cultural imaterial em Santa Catarina. Segundo Diegues (2004), a pesca da tainha constitui muito mais do que uma pesca temporal, porque ela se apresenta cheia de relações simbólicas para todos que estão envolvidos, expressadas nas relações de troca, na partilha da safra, vivendo o ápice na expectativa em torno da quantidade de tainhas.

Esse é um momento de envolvimento da comunidade, que trabalham nos preparativos das canoas e redes, crianças e jovens olham atentos o movimento com o intuito de aprenderem. No Pântano do Sul as mulheres se organizam para limpar e estocar as tainhas, e os mais velhos se envolvem para reviverem suas memórias enquanto a famosa benzeadeira abençoa os barcos e os pescadores. O inverno deixa de ser um período de frio e resguardo na época da tainha se torna o tempo de união, partilha e solidariedade.

Já em tempos de verão, a pesca diminui seu ritmo, pois os pescadores para complementarem sua renda, optam em intensificar os passeios de barco explorando as paisagens e os lugares turísticos. A pesca continua, mas em menor escala, até o final de março a atenção dos pescadores está voltada para o turismo. O que propicia um investimento dessa renda em melhores equipamentos para a pesca ou em investimen-

tos imobiliários, e também garantem uma reserva para o período de entressafra.

Apesar da pesca ser um domínio predominante de gênero masculino, na pesquisa tivemos contato com uma pescadora, filha de pescador, que iniciou sua prática na pesca com 15 anos, acompanhando o pai e o irmão. Historicamente, segundo Horochovski (2007), pela divisão sexual do trabalho da pesca, a coleta do pescado é praticamente um privilégio masculino, as mulheres exercem outras atividades na pesca, sendo a maior parte dessas relacionadas ao beneficiamento primário do pescado, como descascar e limpar camarões e peixes.

Pelo fato das mulheres se inserirem no setor pesqueiro, suas atividades acabam por vincular-se à pesca. Para Maneschy (2000), as mulheres nas comunidades pesqueiras são mantidas à sombra da sociedade que estruturou a desigualdade entre os sexos. Quando perguntamos à pescadora sobre como é o trabalho e a relação estabelecida no ambiente masculino ela nos respondeu:

[...] eu sofri, hoje não sofro mais, muita gente diz que não sou pescadora, porque há dois anos não pesco, entendeu? Tive um filho, não posso mais fazer o horário como eu fazia, mas sempre pesquei. Estudei até o ensino médio, obrigada, porque sempre soube que meu lugar era no mar, desde o meu avô. Tenho outras irmãs, mas que não quiseram aprender. Mas desde pequena meu pai levava eu e meu irmão pra conhecer o mar. Na época que tava mais na ativa, chegava na associação e fazia meu trabalho nem ligava pro que falava, e se me enchessem muito, respondi de igual pra igual. Porque é assim, eu faço tudo igual a eles, então tem que respeitar. (P5 – J.M.S, 2014 – informação verbal).



Figura 6 – P.5 –J.M.S, participando da pesquisa e realizando o trabalho com os mapas mentais. Fonte: Dorsa (2014).

Percebe-se que as mulheres, em geral, na pesca enfrentam problemas semelhantes conforme relata a pescadora, mesmo não sendo pescadoras. Existe um preconceito que discrimina as mulheres na atividade da pesca propriamente dita nos países de cultura mais machista.

Esse preconceito geralmente é cultural, considerando que a pesca seja uma atividade para homens, enquanto as mulheres fazem parte do universo que seria uma extensão do trabalho masculino, seu espaço fica voltado para os afazeres domésticos e beneficiamento do pescado.

Sobre a experiência na pesca, os pescadores com mais anos de prática, e já aposentados, narram com mais propriedade sobre os conhecimentos adquiridos a partir da observação e da oralidade entre as gerações, sobre como adquiriram tal conhecimento de observação do tempo e das condições no mar. P3 – M.J.S relata: *“com muita ida ao mar, quebrando a cabeça, ouvindo meu pai e os outros pescadores, com muita queda e força, a gente aprende mesmo e não esquece”*.

Ao perguntar aos pescadores mais novos o que é necessário para se tornar um bom pescador, conhecer a cara do tempo, eles afirmaram que é somente pela experiência:

[...] hoje querida, qualquer um pode dizer que é pescador, tu se quiseres, é só fazer a carteira, é tudo uma roubalheira, não tem fiscalização, por mais que a pessoa vá lá fazer sua carteira, você tem que saber como é. Até passa, mas é na hora de ir pro mar, chega e não sabe pescar. Eu só aprendi pescando. (P7 – R.N, 2014 – informação verbal).

O valor desses conhecimentos populares e tradicionais nem sempre são validados pela ciência, muitos dos pescadores afirmaram sobre não serem valorizados e reconhecidos no âmbito do poder público e que falta retorno dos pesquisadores das universidades para transformar essas pesquisas para algo prático no cotidiano.

Por isso, a necessidade de ampliar as pesquisas no sentido de serem cada vez mais participantes e envolverem os próprios pesquisados no processo de construção dos resultados. Diante da realidade e diversidade dos pescadores tradicionais percebe-se que existem possíveis caminhos para levantamentos e registros desses territórios marcados pelo saber-fazer tradicional e pela dinâmica social que abarcam a identidade cultural de uma determinada comunidade.

## Capítulo 4. Na beira do mar nasce a geografia do pescador

Não é o conhecimento do real que nos faz amar apaixonadamente o real. É o sentimento que constitui o valor fundamental e primeiro. A natureza, começamos por amá-la sem conhece-la, sem vê-la bem, realizando nas coisas um amor que se fundamenta alhures. Em seguida, procuramo-la em detalhe, porque a amamos em geral, sem saber por quê [...]. E se o sentimento pela natureza é duradouro em certas almas, é porque, em sua forma original, ele está na origem de todos os sentimentos.

É o sentimento filial.

(Bachelard - A água e os sonhos, 1989.)

### 4.1 Mapeando a Pesca Artesanal e seus Atores

Dialogamos com uma cartografia baseada nas experiências cotidianas destes atores que compõe um território de resistência, permeados entre os conflitos do urbano e das tecnologias com a tradição e os saberes apreendidos pela oralidade das gerações anteriores que já pescavam seus peixes neste mesmo mar.

É um capítulo voltado para a compreensão de como as imagens dos lugares tornam-se representações através das percepções individuais e coletivas, os mapas mentais têm seu destaque, pelo fato de refletirem a visão de mundo através da cultura e identidade, trazendo em debate o modo como a sociedade constrói o espaço geográfico.

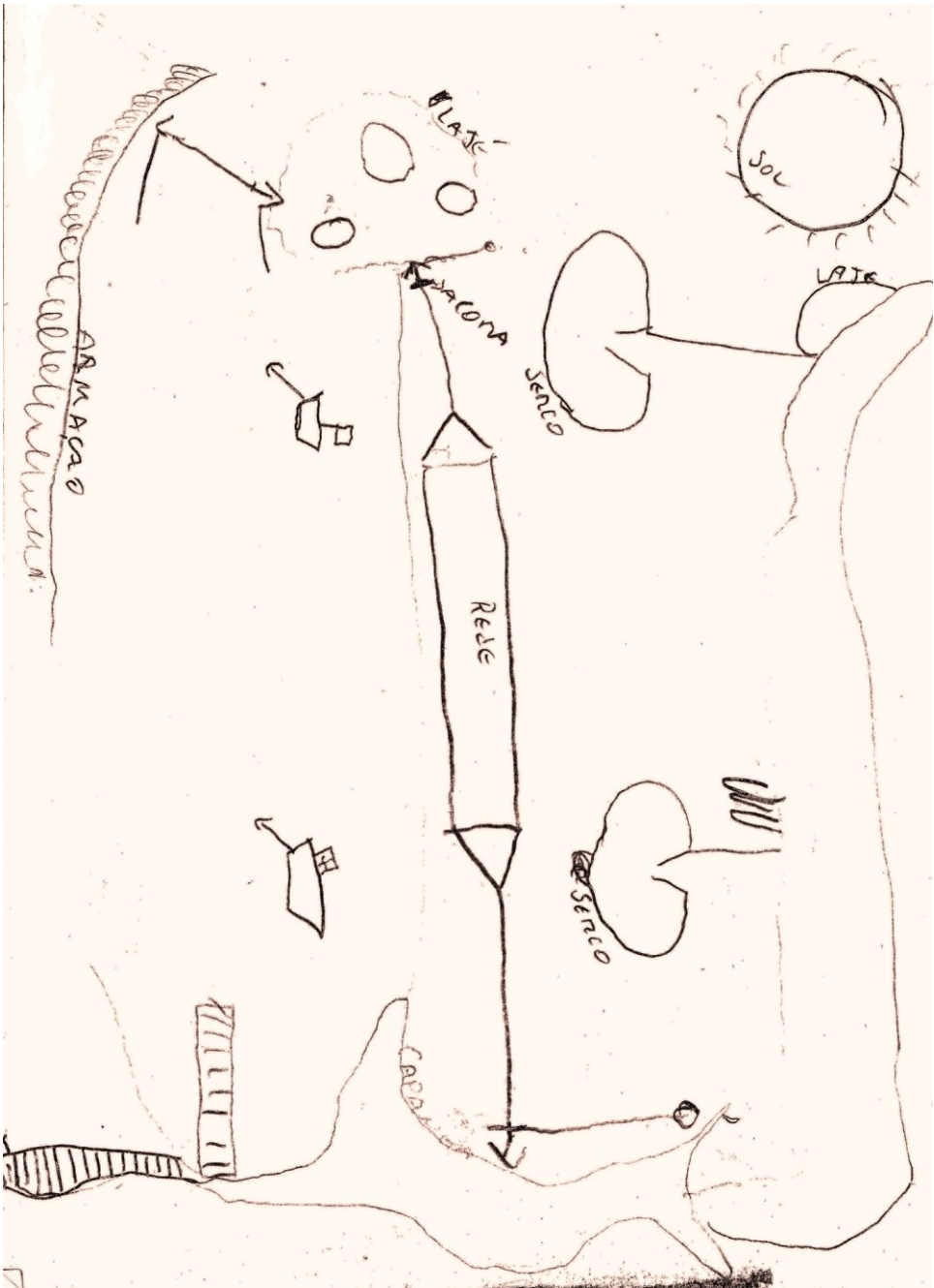
A seguir serão apresentados os mapas mentais dos pescadores tradicionais da Armação do Pântano do Sul, seguindo uma numeração com referência ao pescador-autor do mapa. Optou-se por essa organização para propiciar ao leitor uma melhor resolução da imagem e do tamanho dos mapas mentais. Vale ressaltar como dito na metodologia dos mapas mentais exposta neste trabalho no capítulo um que na confecção dos mapas houve interação entre pesquisadora e pesquisados e ao longo do processo foram realizadas perguntas para nortear os mapas mentais, visto a dificuldade que muitos encontraram ao desenhar.

A abordagem feita não foi invasiva, foram utilizados diferentes materiais: giz de cera, canetas, lápis de cor, lápis grafite e canetas esferográficas. Não limitei o uso de papel, também não limitei uma área específica. A pergunta norteadora do mapa foi: qual é o seu espaço de trabalho e o que você considera como seu território de pesca?



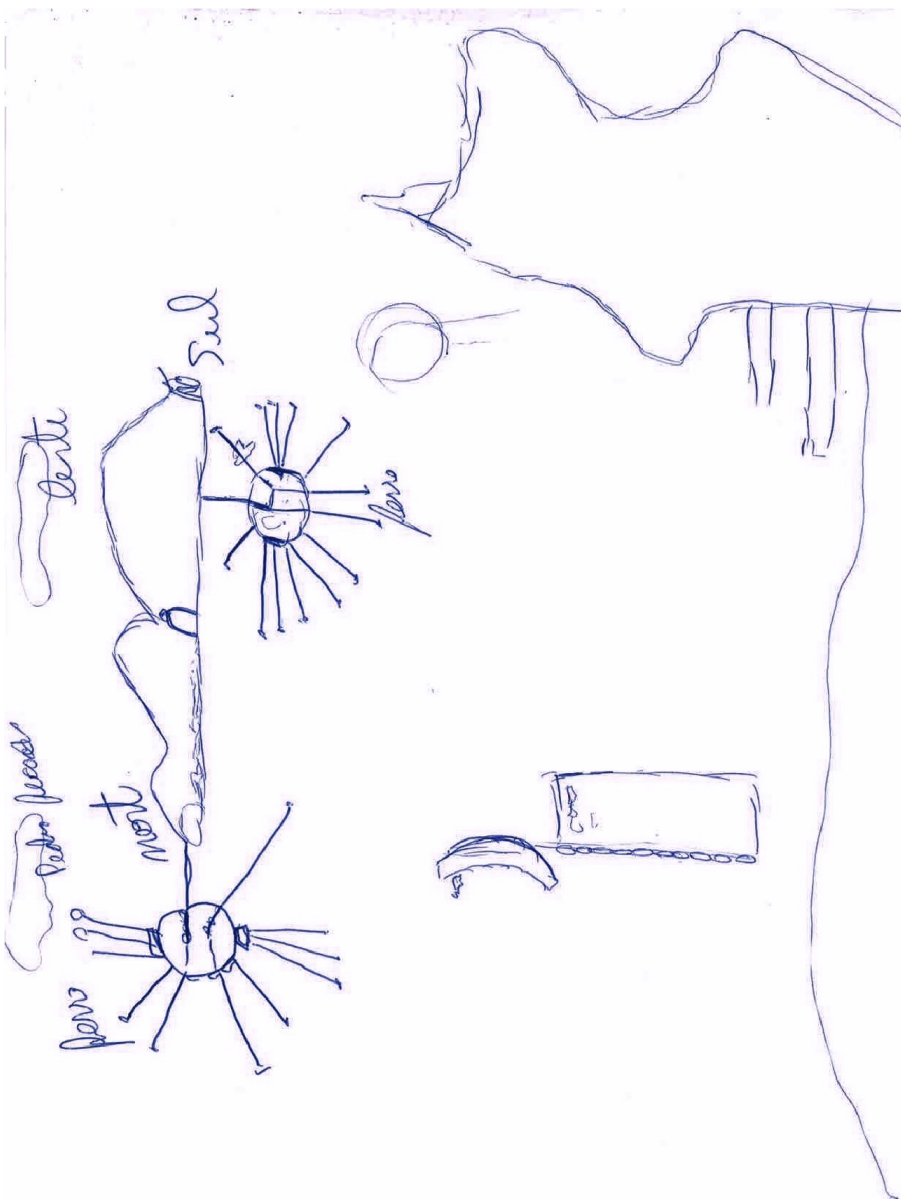
**Mapa 02. P9 - (J.E.S.)**

Mapa 03. P8 - (M.M.S.)





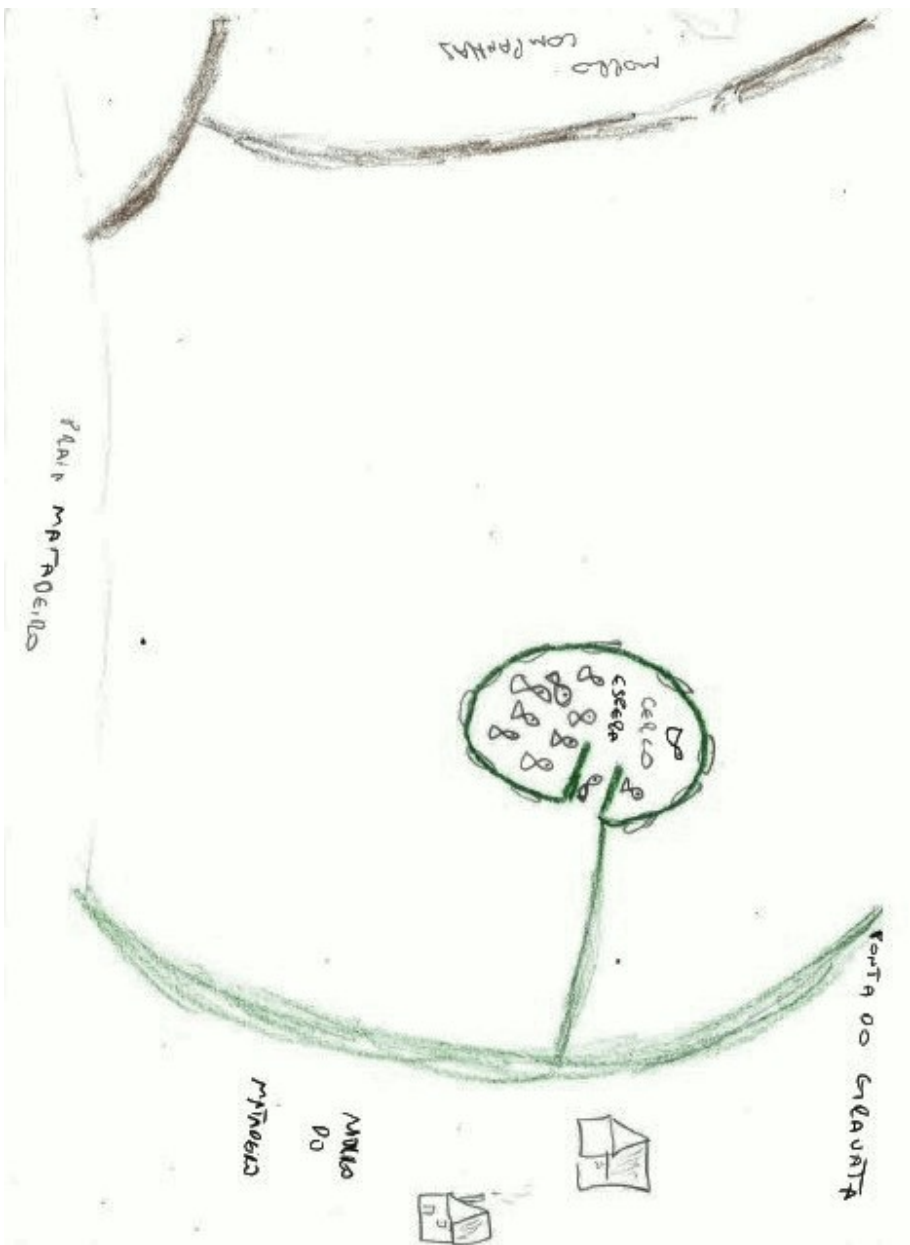
Mapa 04. P4 - (L.N.S.)



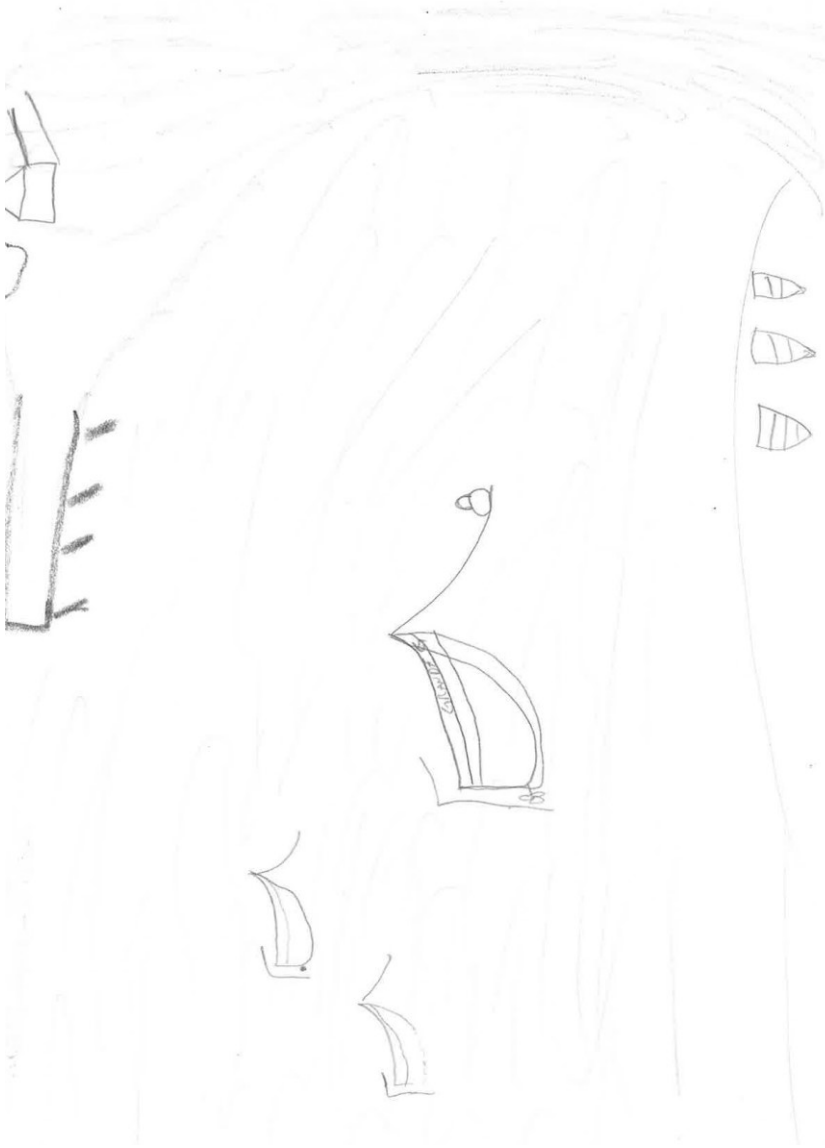
Mapa 05. P1 - (A.S.)



Mapa 06. P5 – (J.M.S.)



Mapa 07. P10 – (N.J.S.)




Os mapas mentais encontrados nas páginas anteriores são como guias para compreender as interpretações e leituras feitas a partir da metodologia escolhida e dos recortes das entrevistas realizadas ao longo dos trabalhos de campo.

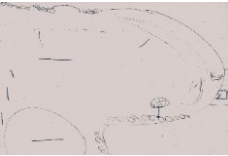



Os tópicos foram organizados contemplando as relações feitas do mapear-pertencer, mapear-representar e o mapear-comunicar, porém estão interligados, um responde às questões dos outros. Este primeiro tópico corresponde ao mapear-pertencer dos pescadores, contemplando suas relações com a pesca artesanal, o lugar de vivência e os atores envolvidos nessa dinâmica.


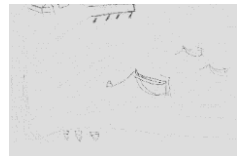
O segundo, aborda o mapear-representar, dialogando com as relações de pertencimento e a dinâmica de construção de um território, como seus elementos se interligam e são expostos nos mapas mentais. Além de levantar as principais transformações socioambientais e culturais percebidas e relatadas pelos pescadores sobre o território.

No terceiro tópico, apresentamos o mapear-comunicar, trazendo para a pesquisa os saberes, fazeres e tradições que os pescadores possuem e expõem em seu lugar e como eles são importantes para a construção da identidade da Armação do Pântano do Sul.

Os mapas mentais e as interpretações feitas a partir da metodologia de Kozel (2001) estão expostas ao longo do capítulo. Para facilitar, foram numerados, e encontram-se separados do texto, e seguindo a ordem como demonstra a tabela a seguir.

Numeração Mapas Me- tais Autor	Descrição do Mapa Metal Diário de Campo	Figura Correspon- dente
<b>Mapa 01.</b> <b>P2 - M.W. S.</b>	O autor destacou principalmente a área de pesca que corresponde ao local de sua rede. Desenhou os pontos de referência como o trapiche, a área das campanhas exemplificando com pedras. Também situou a Ilha do Campeche e alguns elementos da pesca como os barcos, tipos de rede e ancoragem.	

Numeração Mapas Me- tais Autor	Descrição do Mapa Metal Diário de Campo	Figura Correspon- dente
<b>Mapa 02.</b> <b>P9 - J.E.S.</b>	Neste mapa o autor privilegiou desenhar a dinâmica da pesca, ao longo da conversa ele foi descrevendo no papel os principais elementos que o pescador encontra no mar, como: os parcéis, lajes e redes. Também localizou a associação, praia e os rochedos onde se instalam as redes.	
<b>Mapa 03.</b> <b>P8 - M.M.S.</b>	Neste mapa, o autor apresentou tanto a sua área de pesca na ponta da praia do Matadeiro como também localizou e descreveu a dinâmica da pesca com as redes mais próximas da praia. Pontuou as principais lajes e parcéis que se encontram como barreiras para se chegar a área de pesca. Além de localizar a praia e o trapiche.	
<b>Mapa 04.</b> <b>P4 - L.N.S.</b>	O mapa privilegia a área de pesca que corresponde na localização da Ilha do Campeche, o autor também destacou no mapa as orientações geográficas que ele utiliza. Demonstrou como e onde estão suas redes. Posicionou a praia e os trapiches.	
<b>Mapa 05.</b> <b>P1 - A.S.</b>	No mapa deste autor, ele nomeia os locais de pesca na Ilha do Campeche, traça uma espécie de rota e demonstra como estão posicionadas as redes. Ao longo da conversa ao posicionar as redes ele também demonstrou como é a dinâmica entre os outros pescadores, colocando as redes em uma ordem como acontece no dia a dia da pesca.	

Numeração Mapas Me- tais Autor	Descrição do Mapa Metal Diário de Campo	Figura Correspon- dente
<b>Mapa 06.</b> <b>P5 - J.M.S</b>	A autora do mapa localizou suas áreas de pesca, diferente de outros mapas ela não destacou a praia da Armação sendo seu principal ponto de referência, e sim o Morro do Matadeiro e a Ponta do Gravata. Localizou as casas no morro, e posicionou sua rede de cerco e espera.	
<b>Mapa 07.</b> <b>P10 - N.J.S</b>	O autor neste mapa teve algumas dificuldades, mas o diálogo em torno do desenho elucidou algumas informações. Sendo um antigo pescador, descreveu principalmente as dinâmicas pesqueiras que aconteciam na área. No seu mapa destacou o seu barco ancorado na frente da Ilha do Campeche, atual local de trabalho. Porém no mesmo mapa desenhou a ponta das campanhas como referência para sua orientação e também a praia da Armação.	

**Tabela 2 - Organização do Mapas Mentais**

**Elaboração: DORSA, A. R. 2015.**

A tabela anterior com a descrição feita dos mapas mentais foi retirada do diário de campo. Essa descrição ocorreu após a confecção dos mapas pelos autores, principalmente para registrar o que a pesquisadora observou ao longo da entrevista e da aplicação da metodologia, para conservar os elementos que se sobressaíram nesta primeira análise dos mapas dos pescadores.

É importante entender que esse grupo humano não é homogêneo, e que por mais que os traços contidos nos mapas possam se assemelhar, eles trazem percepções e elementos diferentes devido às experiências diferentes que cada um possui e dão a eles sentidos diferentes à prática da pesca. De acordo com a complexidade da análise e interpretação dos

mapas mentais seguindo a metodologia, foram escolhidos sete mapas que continham uma melhor resolução e que acompanhavam entrevistas com mais detalhes.

Vale ressaltar que ao longo do trabalho será mencionado o número do mapa mental para ser observado quanto aos parâmetros discutidos, ou pequenas imagens que correspondem ao mapa no tamanho real.

Como já mencionado, a metodologia proposta por Kozel (2001) empregada neste trabalho visa a discutir os resultados do trabalho e as interpretações dos mapas. A seguir, cito brevemente quais os principais parâmetros que seguimos para análise e interpretação dos mapas: a interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; a distribuição dos elementos da imagem, quanto à especificação dos ícones (pela representação de elementos da paisagem natural, da paisagem construída, dos elementos móveis e humanos) e, por último, a apresentação de outros aspectos ou particularidades.

De acordo com Kozel (2001), o resultado da aplicação dessas interpretações nos mapas mentais, aliados a uma abordagem fenomenológica do lugar, revelam uma nova forma de abordagem, que tem o intuito de contribuir nas análises espaciais de forma a compreender a lógica dos atores, desde as aspirações individuais aos sistemas de valores dos grupos sociais.

Ainda para a autora, os mapas mentais podem ser inseridos no contexto das representações porque advêm do simbólico, de modo que perpassam por construções mentais decorrentes da apreensão de significados.

Nesse sentido, o termo representação ainda pode ser definido como “o processo pelo qual são produzidas formas concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades que podem também se referir a um outro objeto, fenômeno relevante ou realidade” (KOZEL, 2005, p. 140) e a imagem como nos referimos aqui no trabalho refere-se a “uma forma de representação explícita de uma pessoa ou grupo sobre um determinado fenômeno, tratando-se, portanto, de uma categoria particular e singular advinda da representação do ‘real visível’ ou ‘vivido’.” (KOZEL, 2005, p. 141-142).

Por isso, é possível afirmar que neste trabalho veremos não só as construções de determinados espaços ou coisas pela atividade consciente de pensamento teórico, mas, sobretudo, pelo o que Kozel (2005) considera sendo o conhecimento intuitivo, que perpassa por suas expressões. Dessa maneira, os seus sentidos expressam o cultural e o social, produtos de seu entendimento sobre o espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado.



Vale ressaltar que dentre os trabalhos orientados pela Prof.<sup>a</sup> Salete Kozel, dois deles serviram de base para organizar este capítulo. São eles:

- O Processo de Percepção e Apropriação do Espaço nas Comunidades Marginais Urbanas: O caso da Favela do Parolin em Curitiba-PR. Helena Midori Kashiwagi. (Dissertação Mestrado – UFPR), 2004.
- Que Geografia Se Ensina? - Um Estudo sobre Representações de Geografia Segundo Alunos da 6<sup>a</sup> Série do Ensino Fundamental. Wilson Galvão. (Dissertação de Mestrado – UFPR), 2007.

Não só serviram como base, mas possibilitaram que o trabalho final fosse melhor organizado seguindo já experiências bem-sucedidas anteriores ao estudo de caso em si. Vendo que os dois trabalhos possuem uma temática diferente, buscamos aproveitar o que poderia ser adaptado para esta pesquisa.

Neste primeiro momento, seguimos a proposta de organização encontrada nas duas referências citadas (KASHIWAGI, 2004) e (GALVÃO, 2007):

## **A – INTERPRETAÇÃO QUANTO À FORMA DE REPRESENTAÇÃO DOS ELEMENTOS DA IMAGEM**

Segundo a metodologia adotada para a interpretação dos mapas mentais dos pescadores tradicionais, o primeiro aspecto a ser detectado ao fazer a leitura é a diversidade de formas contidas na imagem mental apresentada em forma de desenho. Não afirmamos que haverá apenas um elemento específico no mapa, certo que nos sete mapas analisados aparecem elementos associados. O destaque para essa primeira interpretação segue as seguintes formas:

- a) **Ícones:** formas de representação gráficas através de desenhos;
- b) **Letras:** palavras complementando as representações gráficas; e
- c) **Mapas:** formas de representação cartográfica que evidenciam a espacialização do lugar.

Além de notarmos na leitura dos mapas, combinações entre essas formas citadas, podendo haver ícones-letas, letras-mapas e mapas-ícones, afim dos autores sentirem uma necessidade de explicitar a sua mensagem ou registrar os códigos de linguagem. Podemos observar

esses elementos nos mapas seguindo a descrição da próxima tabela e verificando nos mapas mentais:

**Tabela 3 - Forma de apresentação das Imagens Mentais**

<b>Forma</b>	<b>Mapa Mental</b>	<b>Descrição das Formas</b>
<b>Ícone</b>	Todos os mapas mentais de 01 a 07 apresentam ícones	Os principais ícones levantados nos mapas correspondem a representação dos seguintes elementos: sol, nuvem, mar, rochas, parcel, lajes, peixes, praia, barco, rede, ancora, sinalização, casas, associação e trapiche.
<b>Letras</b>	Mapa mental: 03, 04, 05, 06 e 07	As letras identificadas nos mapas descritos correspondem à: nomes de pontos de referência, localização geográfica, nomeação de ícones como: sol, nome do barco, nome das ilhas, nome da praia e dos equipamentos de pesca como redes e seus tipos.
<b>Mapas</b>	Mapa mental: 01, 03, 04 e 05	As formas de mapa considerados nos mapas mentais citados são referentes a representação ilha do Campeche e da Ponta das Campanhas.
<b>Ícone-Letra</b>	Mapa mental: 03, 04, 06 e 07	Essa combinação está explícita nos mapas através dos elementos como as nomeações aos ícones: sol, barco, rede e seus tipos, ancora, laje, praia, barco e local de pesca.
<b>Letra-Mapa</b>	Mapa mental: 03, 04 e 05	Pode ser visualizada a combinação entre mapa (ilha do Campeche e Ponta das Campanhas) com as orientações sinalizando as direções: norte, sul, leste e oeste.
<b>Mapa-Ícone</b>	Mapa mental: 03, 04 e 05	Nos mapas descritos essa combinação pode ser lida através dos ícones que correspondem as redes e suas associações aos lugares de pesca, como a ilha do Campeche e Campanhas.

**Elaboração: DORSA, A. R. 2015**

A partir desta descrição prévia quanto às formas e à primeira leitura dos mapas mentais elaborados pelos pescadores, podemos observar

a predominância de ícones em todos, mas também aparecem associadas letras que remetem à necessidade de deixar claro para o leitor o que representa aquele desenho.

É interessante destacar, ainda, que o grupo de pescadores possui em um baixo grau de escolaridade, por vezes, como citado no primeiro capítulo na parte de metodologia, foi necessária a inserção de diálogos entre a pesquisadora e os pescadores, seguindo o roteiro de perguntas que remetiam a história oral de vida e também à rotina da pesca. Assim, à medida que iam desenhando seus mapas, foram feitas perguntas referentes ao mapa.

Porém, todos demonstram através de seus mapas uma noção da espacialização do lugar onde pescam. Para melhor compreensão da interpretação feita a partir das formas, exemplificamos a seguir, destacando alguns mapas mentais. Importante ressaltar que a pergunta norteadora para os autores dos mapas foi feita a partir do que eles consideravam ser seu território de pesca, e como era a dinâmica da pesca neste território de trabalho, como é demonstrado no roteiro de perguntas no apêndice.

### **Exemplo 01 – Ícones e Letras (Mapa mental 03.)**

Podemos observar na construção desse mapa mental a presença de ícones mostrando o perímetro que corresponde à faixa de Praia da Armação, destacando principalmente as pedras colocadas como contenção das ressacas ocorridas em 2008, que se apresenta de forma irregular e aberta.

Mostra também sua localização referente aos pontos de pesca que autor destacou ao representar imaginariamente o seu limite com as Campanhas destacando a presença dos trapiches. O autor não destacou a área que corresponde à Associação de Pescadores, mas durante a fala comentou a dinâmica dos barcos na praia:

[...] Pro barco sair pro mar, tem que primeiro pegar a bateira ou um bote (barco menor) aqui na beira da praia e atravessar esse primeira parte do mar até o trapiche, onde está o barco com os petrechos e a tripulação. Assim, fica mais fácil quebrar algumas arrebentações e também alguns parcéis que temos mais próximo aqui da praia. Todos os equipamentos ficam no rancho aqui da associação. Mas os barcos ficam na praia. (P8 – M.M.S, 2014 – informação verbal).

Na fala do pescador acima notamos que a praia também é uma extensão do território pesqueiro, é um lugar de uso comum, onde convivem os pescadores, moradores, barcos, equipamentos e os atravessadores que buscam os peixes. É o lugar de vivência da pesca também, aonde o pescador pode e faz seus relatos de como foi o dia da pesca, como estava o mar, interagindo com quem estiver presente no cotidiano. Por isso na maioria dos mapas é destacado a praia como um limite desse território, não só um marco físico, mas, simbólico.

A representação das redes, ancoras, lajes e elementos da natureza como o sol foram reforçados pelas palavras, evidenciado no momento da confecção seguindo de uma explicação de cada ícone para a dinâmica da pesca.

O entorno da praia não é representado, pois a dinâmica da pesca é vivenciada inteiramente nos domínios da praia e do mar, por isso também esse vazio no desenho, considerando tudo como o mar, o lugar do vivido. Isso demonstra a visão de particularidade do lugar. O mundo urbano só aparece nas falas quando se trata da comercialização, das casas dos pescadores, do mundo vivido pelos moradores nas horas de lazer, mas até o momento da metodologia do mapa, a vivência que eles demonstram corresponde ao território **associação-praia-barco-mar-praia-associação**.

### **Exemplo 02 – Mapa em Letras (Mapa Mental 05.)**

Neste exemplo, observamos uma variedade de ícones representando a dinâmica da pesca inserida no mar, como o território pesqueiro individual deste pescador. Mostra a localização de suas redes e também a rota que seu barco faz até chegar a Ilha do Campeche que é delimitada como um mapa, onde o pescador pontua os locais de pesca com a linguagem dos pescadores, referenciado pelas direções geográficas, como ponta norte, sul e leste.

Percebemos, com a representação da praia sendo linhas mais retas e o mar já como linhas onduladas, próximo à área da praia, que existe esse limite físico inicial. Mas quando o pescador coloca os ícones representando a dinâmica da pesca, como o barco, as redes, as boias de sinalização representadas em formato de triângulos, percebemos que o mar torna-se aquela parte não desenhada ou elaborada apenas com alguns desenhos que representam ondas.

Chegando à evidência de que o território da pesca é considerado o mar. Ele também não se limita! O mar não se limita para o pescador através de uma representação única, o que ele desenha é a dinâmica e os

principais locais de pesca que representam também um território mais específico devido às particularidades de seus meios, como o tamanho do barco, o limite imposto pela regularização da pesca artesanal. Porém ao perguntar para um pescador se é possível limitar sua área de pesca ele nos responde:

[...] como? Se um dia eu vejo que minha rede não ta dando peixe, daí eu mudo, coloco outra rede em outra laje, ou vou pescar em outra local no mar que eu posso, não tem como, cada dia é um dia de mar diferente. O que se pode fazer pro pescador artesanal, é limitar até onde os barcos maiores podem vir, mas isso não fazem, não é do interesse de quem ganha mais dinheiro. (P1 – A.S, 2014 - informação verbal).

No relato acima, notamos um conflito estabelecido entre os barcos maiores, chamados de atuneiros, que avançam o limite permitido, trazendo diversas complicações para a prática da pesca artesanal, mas também observamos na sua fala que não existe um consenso no que seria o território pesqueiro, sendo definido com os parâmetros políticos e oficiais que conhecemos. A dinâmica da pesca é mutável, pois dependente não só do clima ou do mar, mas da percepção de quem a faz, que é o pescador tradicional.

### **Exemplo 03 – Ícones (Mapa Mental 01.)**

A imagem evidencia a representação espacial da Praia da Armação. Com os detalhes que o autor destacou, percebemos a ausência de palavras que correspondem aos ícones do mapa mental, o que aparece ao lado direito é a letra M, que o autor ressaltou sendo a praia do Matadeiro.

Diferente de outros mapas mentais, este amplia o limite da Armação até a praia do Matadeiro, exemplificando através de círculos da cor verde as redes de cerco localizadas na ponta do Matadeiro. É um mapa que utiliza cores diferentes para os desenhos de ícones. Os barcos ancorados próximo à área da praia, as redes e seus limites coloridos de azul para ressaltar o mar. A ilha do Campeche no mapa pela cor verde, contornada pela cinza, representando as rochas e os locais de fixação das redes de pesca. O sol no mapa ganha uma face, evidenciando a percepção do pescador para os dias de sol no verão, que segundo ele são mais felizes.

Como em outros mapas, os trapiches se encontram localizados também próximos à área das Campanhas. O autor procurou desenhar o limite entre a praia da Armação e do Matadeiro, o rio, em uma cor cinza. Ao perguntar o que era aquele desenho próximo aos ícones representando as pedras, círculos em laranja, ele ressaltou “[...] esse é o rio que divide as duas praias, e que não é muito limpo, o povo joga muito lixo e esgoto, e que em muitas vezes o mar avança e causa alguns problemas, quando a maré enche” (P2 – M.W.S, 2014 - informação verbal).

A fala demonstra uma preocupação intencional com a preservação da água, destacada pelo autor através do rio. Essa preservação em muitos relatos é destacada, mas ao mesmo tempo lembrada como algo que não é realizada pelo poder público, isentando também a responsabilidade da comunidade. É um dos pontos destacados como uma transformação ambiental da praia. Muitos afirmam que o rio era bem mais limpo do que era antes de ter casas ocupando suas margens.

## **B – INTERPRETAÇÃO QUANTO À DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS DA IMAGEM**

Para esta interpretação, a metodologia de Kozel (2001) analisa os mapas a partir da forma e como estão distribuídas na imagem, verificando também a disposições da imagem. Para a autora da metodologia, podemos fazer esta interpretação utilizando alguns aspectos identificados, que a mesma classificou seguindo a ordem abaixo:

- representação da imagem em perspectiva;
- representação da imagem em forma horizontal;
- representação da imagem em forma circular;
- representação da imagem em forma de quadros e quadras;
- representação da imagem de maneira dispersa;
- representação de imagens isoladas.

Aplicando essa interpretação no universo de análise da pesquisa, percebemos que a disposição das imagens nos mapas abrange principalmente a de forma horizontal seguindo a de imagens dispersas. A representação em forma circular, em quadros/quadras e isoladas não foram verificadas em nenhum dos mapas mentais.

Entretanto, a representação em forma de perspectiva aparece no mapa mental 06, evidenciando alguns ícones e formas que compõem a imagem. Essas análises foram averiguadas e na tabela a seguir podemos observar as imagens exemplificadas nos mapas mentais.

**Tabela 4 - Mapas Mentais e distribuição de imagens.**

Formas	Mapa Mental	Interpretação
Perspectiva	Mapa 04.	A representação da imagem em perspectiva nos mostra a Ilha do Campeche em evidencia no primeiro plano, na perspectiva frontal do observador, porém notamos também as formas utilizadas na disposição das redes de cerco sendo localizadas de maneira circular, onde observamos representando também as direções Norte e Sul. Já no terceiro plano vemos em uma perspectiva horizontal o barco e o pescador com a rede de arrasto.
Horizontal	Mapa 01. a 07.	A disposição das imagens se apresentam na perspectiva do plano horizontal do pescador em relação ao território da pesca, o mar, ou aos pontos de referência, como a Ilha do Campeche, as Campanhas e até a própria praia da Armação. A representação em ambos os mapas ilustra o momento de saída do barco em direção aos pontos das redes e sua disposição no mar e nos locais como as lajes, parcéis ou ao barco, se for uma rede de arrasto. Podemos observar também que os ícones estão dispostos de maneira horizontal, mas as vezes assumem algumas perspectivas conforme observamos o mapa.
Circular	Não observado	
Quadros / Quadras	Não observado	
Dispersa	Mapa 06. e 07.	Embora a distribuição das imagens nos mapas seja de uma representação dispersa, ela se torna também complementar. Observa-se a presença dos barcos, trapiches, casas, elementos da pesca como a rede, peixe e a ancora. O conjunto das imagens representa os locais de pesca específicos de cada pescador em seu mapa, evidenciando os elementos principais que chamam a sua atenção na dinâmica que exercem na pesca. Assim eles são desenhados de maneira dispersas, mas se conectam ao desenho quando os autores delimitam a área através de linhas.
Isolada	Não observado	

**FONTE: KOZEL, 2001, p. 56, adaptado por DORSA, A.R.**

Como na maioria dos mapas mentais a forma de distribuição das imagens deu-se de maneira horizontal, é possível interpretar também a percepção que os pescadores possuem da vivência do lugar.

Diferentes formas de observar a praia, porém os pescadores possuem uma relação frontal com seu território. Estão atentos a todos os elementos e direções, porém quando vão fazer o que chama de “*olhar a cara do tempo*”, “*ver se o mar está para peixe*”, posicionam-se de frente para o mar, ou estão em pé no barco olhando para a direção estabelecida que possibilita essa visão mais horizontal nos desenhos, pois a maneira que observam o ambiente também é transportada para o mapa. Outra informação referente à posição do pescador no território, o mar, é que sua colocação possibilita identificar a direção dos ventos e observar os formatos de nuvens.

## C – INTERPRETAÇÃO QUANTO À ESPECIFICAÇÃO DOS ÍCONES

Este momento da interpretação requer uma análise detalhada, que observa dos aspectos mais simples aos complexos, como dizem os autores dos trabalhos pesquisados, tendo por objetivo desvendar os ícones que compõem as imagens e que denotam a representação do que é a pesca, o território e o mar para os pescadores.

Trata-se de um universo permeado pelo simbólico em que passam vários elementos para a composição das imagens. Kozel (2001), a partir do seu olhar nesta metodologia e com intuito de detalhar ainda mais a análise, especificou os ícones que compõem as imagens, em quatro grupos:

- representando elementos da paisagem natural;
- representando elementos da paisagem construída;
- representação de elementos móveis;
- representação de elementos humanos.

Usando como referencial o agrupamento acima feito por Kozel (2001) e pelos trabalhos de Kashiwagi (2004) e Galvão (2007), iremos detalhar os ícones que cumprem a função de exemplificar e orientar a análise dos mapas, mesmo que alguns citados pela autora não apareçam nos mapas mentais deste estudo.

O grupo definido pelos elementos da *paisagem natural* refere-se aos ícones próprios, aos elementos naturais existentes no ambiente, como montanhas, rios, lagos, sol, nuvens, flores e árvores. Já os elementos da *paisagem construída* relacionam-se ao tecido urbano construído pelo



homem, ou seja, prédios, igrejas, casas, barracos, praças, bancos de praça, parques, ruas, pontes, calçadas e equipamentos urbanos.

Nesse grupo os ícones representados por equipamentos industriais, comerciais (lojas, supermercado, motel, correio, churrascarias, lanchonete), equipamentos ligados ao transporte (ruas, estação-tubo, terminal de ônibus), referenciais culturais (museus, universidade) também são destacados, e, apesar não aparecerem nos mapas dos pescadores, são citados nos trabalhos dos autores.

O grupo dos *elementos móveis* relaciona-se aos meios de transporte, como carros, ônibus, caminhão de lixo, bicicleta, barco e avião. E os *elementos humanos* referem-se à representação de crianças e de pessoas, mesmo que estilizadas, ressalta Kashiwagi (2004).

Procurei demonstrar através da Tabela 05 a incidência destes ícones dentro dos grupos destacados por Kozel (2001), salientando que não existe um equilíbrio e uma uniformidade quanto às representações dos mapas dos pescadores tradicionais da Armação, mas é um exercício de visualizar como eles percebem os elementos e os representam em suas imagens.

**Tabela 5 - Quanto às especificações dos ícones na imagem dos Mapas Mentais.**

GRUPOS	DESCRIÇÃO E QUANTIDADE POR MAPA MENTAL
<b>Paisagem Natural</b>	
Morros*	2 no mapa 06 – Morro das Campanhas e Matadeiro
Rio	1 no mapa 01 – Rio Sangradouro entre as praias do Matadeiro e Armação
Mar	Presentes em todos os mapas, representado com diferentes ícones.
Sol e Nuvens	1 nos mapas 01 e 03 - Ícones de Sol
Árvores	Não observado
Vegetação	Nos mapas 01 – Ilha do Campeche em verde representando a vegetação.
Peixes	11 no mapa 06 – Ícones representando peixes dentro da rede de cerco
Pedras	Presente em todos os mapas, representado com diferentes ícones que remetem as pedras e rochas na Praia da Armação
Praia	Presente em todos os mapas, representado com diferentes ícones que remetem as faixas de areia e início do mar, em linhas redes e onduladas.
<b>Paisagem Construída</b>	
Prédios e	No mapa 06, representando 2 casas

<b>GRUPOS</b>	<b>DESCRIÇÃO E QUANTIDADE POR MAPA MENTAL</b>
casas	
Ruas e calçadas	Não observado
Equipam. ind. e comercial	No mapa 07, representando o restaurante na Ilha do Campeche
Equipam. Esportivo	Não observado
Equipam. Transporte	Não observado
Equipam. Pesca*	Presentes em todos os mapas, representado com diferentes ícones. Ancoras, redes, boias de sinalização.
Parques e praças	Não observado
Referencial cultural	Não observado
Associação*	A associação de Pescadores é representada no mapa 01 e 02, próximo a área da praia. No primeiro mapa vemos ela delimitada apenas com um retângulo, exemplificando a ligação entre a praia. E no mapa 2 um quadrado localizado na faixa de areia da praia.
Trapiches*	Presentes em todos os mapas, representado de maneiras diferentes através dos desenhos, mas que se assemelham pela forma.
<b>Elementos Móveis</b>	
Transporte Terrestre	Não observado
Transporte Marítimo	Presentes em todos os mapas, representado de maneiras diferentes através dos desenhos, mas que se assemelham pela forma.
<b>Elementos Humanos</b>	
Homem, mulher e crianças	1 ícone presente no mapa 04, localizado dentro do barco.

**FONTE: KOZEL, 2001, p. 63. Adaptado por DORSA, A.R. 2015. (\*) Adaptado para a realidade da pesquisa.**

A maior incidência nos mapas mentais ocorreu em relação aos elementos da paisagem natural, destacando-se a praia, o mar, os limites de relevo, como a ponta das Campanhas, Ilha do Campeche e Morro do Matadeiro. Seguidos pelos elementos icônicos encontrados nas paisagens construídas, verificamos a predominância dos equipamentos de pesca, que, embora sejam diferentes em suas formas, assemelham-se

pela disposição nas imagens e os destaques através de palavras, como exemplo: os tipos de redes encontradas nos locais de pesca.

Também podemos ver a presença em todos os mapas de barcos, ícone dos elementos móveis. Quase não vemos os elementos humanos, o que nos faz perceber que mesmo o pescador sendo o agente da dinâmica representada, ele optou em não se situar nos mapas, fato que leva também a analisar que a visão dele mesmo não se destacando nos mapas é de participante, pois no processo de confecção dialogou durante o desenho, expondo a sua prática e os percursos realizados para os territórios pesqueiros.

As interpretações dos mapas mentais feitas neste tópico auxiliam na compreensão do que é este mapear-pertencer. Se faz entender mesmo diante de uma alfabetização cartográfica informal que esses pescadores tiveram suas vidas dedicadas a um ofício único e tradicional, que é a pesca artesanal. Eles puderam expor suas percepções, os símbolos e as vivências através de um simples desenho que representa a dinâmica de um trabalho que está intrinsecamente ligado à identidade da comunidade da Armação do Pântano do Sul.

No próximo tópico continuaremos a interpretação dos mapas mentais, porém agora utilizando o parâmetro proposto pela metodologia Kozel de averiguar outros aspectos presentes na imagem. Este parâmetro possibilita o diálogo com o mapear-representar que falamos no início do capítulo, ligando os temas de território pesqueiro, transformações socio-culturais e ambientais como também os saberes-fazeres ligados aos pescadores.

## 4.2 Nas Tessituras e Redes dos Pescadores

Quando eu morrer voltarei para buscar os instantes que não vivi junto do mar.  
Sophia de Mello Breyner

A frase da portuguesa Sophia de Mello Breyner traz para o contexto deste tópico a maioria das falas dos pescadores, que ao exporem o sentimento de pertencimento ao mar, também demonstraram através da experiência e conhecimento tradicional adquirido ao longo da vivência na pesca o seu saber-fazer e a relação íntima com esse mar simbólico e tão essencial para o modo de vida.

Quando falamos de tessituras, falamos dessa territorialidade construída por uma trama complexa de relações, valores, modos de vida e símbolos visíveis e representáveis pelos seus sujeitos. Os territórios são tecidos diariamente como as redes dos pescadores; são tramas permea-

das por relações sociais, poder, cultura e pertencimento, trazendo para o cenário os vínculos estabelecidos entre os pescadores e seu lugar vivido.

Sem essa rede, essa trama que se tece, não há como compreender a construção de um território, de seu uso e definição. Um território será tecido por essas complexas relações mutáveis conforme quem participa de seu fazer. A tessitura é, portanto, um processo ligado às conexões que fazem e refazem um determinado lugar; e é um estado que a partir de movimentos e fluxos no espaço-tempo constroem territorialidades com a vivência espacial dos sujeitos.

Para percebermos essas tessituras que compõem o território do pescador e o saber que trazem em suas redes, redes de memórias, redes de vivência, redes do seu saber-fazer, consideramos analisar e interpretar também os mapas mentais vinculados às narrativas.

A metodologia usada em questão propõe neste item um levantamento e uma análise de mensagens veiculadas pelos mapas mentais como textos a serem desvendados, como sugere Kozel (2001). É feita a **interpretação de outros aspectos da imagem**, e entre os aspectos evidenciados pelos pescadores, estão presentes, sobretudo, ideias relacionadas à formação do território pesqueiro.

Para compreender o significado de algumas dessas representações, foi necessário buscar nas entrevistas diálogos que também ampliassem a nossa interpretação nos mapas mentais. Seguindo o exemplo trazido pelo trabalho de Galvão (2007) que elabora eixos temáticos para analisar os textos contidos nos mapas mentais dos alunos sobre temáticas do ensino-aprendizagem em Geografia, aqui foram estabelecidos grupos temáticos representados por elementos intrínsecos ao universo da pesquisa, são eles:

- Território pesqueiro;
- Saberes e fazeres do pescador;
- Transformações socioambientais e culturais.

### **Exemplo 01 – Território Pesqueiro (Mapa Mental 05 e 06)**

Na confecção dos dois mapas mentais que tratamos neste exemplo, podemos perceber em suas representações alguns aspectos que nos levam a compreender melhor a ideia de um território pesqueiro.

Falar de um território de uso para as comunidades pesqueiras, não é apenas analisá-lo a partir de seu valor de uso para esse grupo social,

mas também entender que o território é um espaço onde se projeta um trabalho, e que, em consequência, revela relações marcadas pelo poder.

Existem territórios marcados não só pelas determinações do Estado, mas territórios que se delimitam informalmente, como é o caso dos pesqueiros, que garante não só a reprodução da pesca, mas que é um lugar de gestão e acordos entre os sujeitos.

Analisando juntamente com os mapas mentais as falas desses pescadores, percebemos a intenção que cada um tem perante o seu lugar de trabalho. No mar, os territórios se tornam mais do que espaço delimitados, são lugares conhecidos, nomeados, usados e defendidos por seus atores.

Podemos observar tanto no mapa mental 05 e 06 que, pela familiaridade dos pescadores que o confeccionaram com as áreas destacadas como locais de vivência da pesca, criam-se territórios ao incorporarem também suas tradições e dinâmicas pesqueiras.

No mapa 05, percebemos que o território pesqueiro para esse pescador não se limita apenas à Ilha do Campeche, pois ele delimita em uma determinada porção um mar subjetivo e vemos na imagem outras redes, e, durante seus diálogos, exemplifica como acontece essa dinâmica pesqueira, como são escolhidos os lugares.

[...] o mar é de todos, não tem lugar certo para as redes que são colocadas todo dia. As redes de cerco ou espera sim. Porque ficam mais tempo lá no mar. Mas o local de pesca é de quem coloca primeiro. É claro que há tanto tempo pescando eu sei o lugar que eu gosto de colocar minha rede ou que vou matar peixe. Mas é uma sorte também. (P1 – A.S, 2014 – informação verbal).

Essa afirmativa da existência de territórios pesqueiros, como a existência de territórios quilombolas ou indígenas, são expressos pela construção, a partir do trabalho do pescador a da apropriação dos elementos da natureza, e do sentimento de pertencimento ao lugar.

Mesmo diante da fluidez que o mar proporciona, esses territórios podem ser delimitados, pois esses pescadores pescam no mesmo mar e nos mesmos locais que a partir da vivência e tradição garantem “ser melhor para peixe”, devido ao que entendemos pelo saber-fazer tradicional, e o domínio que desenvolveram pela experiência do trabalho. O que nos fica como questionamento é: serão esses territórios reconhecidos pelo restante da sociedade?

## **Exemplo 02 – Saberes e fazeres do pescador (Mapa Mental 03 e 04)**

Para os pescadores entrevistados e que realizaram a confecção dos mapas mentais, a profissão é a sua essência, um saber-fazer específico repassado, muitas vezes, dentro do universo familiar é parte da construção da identidade deste grupo social, que são os pescadores tradicionais e do seu próprio lugar.

É nesse sentido que a pesquisa se vê relevante para os pontos de vista científico e social, trabalhar mesmo que subjetivamente com a construção da identidade dos pescadores da Armação torna-se relevante não somente por ser um exercício de resgate da valorização das formas tradicionais de produção, mas também para entendermos a complexidade de modos de vida diferenciados no território urbano.

Os pescadores estudados constroem a identidade e seu pertencimento ao lugar, antes mesmo de saberem que profissão irão seguir, pois vivenciaram e cresceram em um meio que valoriza a proximidade com o mar, com os ciclos naturais. É na percepção de ventos, marés, como os pássaros voam, como soa o barulho da turbina do avião, composição das nuvens, coloração do mar e tantas outras nuances que podem ser transmitidas com propriedade aos pescadores que o fazem na prática.

A pesca artesanal e as ações secundárias no ambiente são práticas que não degradam a natureza de maneira extensiva, colocam menos em risco a reprodução dos recursos pesqueiros do que a pesca industrial que inclusive impossibilita a prática de pesca artesanal.

Esse saber-fazer também aparece nas narrativas dos pescadores, além de abordarem através de suas memórias sobre como aprenderam a olhar o mar e saber as direções dos ventos. Eles conseguem descrever de maneira clara o melhor lugar para a pesca e relatam que muitas das vezes esse melhor lugar da pesca é invadido pela pesca industrial.

Nos mapas mentais destacados neste exemplo, interpretamos esse aspecto levantado acima unido aos elementos das narrativas. Na imagem dos dois mapas interpretados é possível observar os ícones que representam a maioria dos equipamentos ou apetrechos da pesca, como eles se dispõem no mar e para o que servem, seguidos de suas explicações através das palavras nos mapas e também a localização em relação a um ponto de referência geográfico

No mapa 03 podemos observar o destaque para o território de pesca sendo a ilha do Campeche e as posições das redes que o pescador

desenhou, e também as nomeações de cada lugar que as redes são colocadas. Quando perguntado sobre essa nomeação, o pescador nos explica que:

[...] os nomes das lajes, dos locais que pescamos já existem antes da gente que é mais jovem na pesca. Meu pai mesmo deu o nome das três pontas do Campeche, os nomes são por conta da posição delas, uma aponta pro sul, a outra pro norte, a outra para o lado que o sol se põe. Já as das lajes, alguns pescadores dão o nome por conta do que elas parecem, e aí vai pegando, e conseguindo identificar no mar onde estão. (P4 – L.N.S, 2014 – informação verbal).

Percebemos que alguns saberes estão ligados à prática da pesca pela vivência e troca de conhecimento entre eles, os mais velhos ensinam os mais novos. E um determinado local recebe aquele nome porque foi enraizando através da oralidade do grupo e da própria identificação que os pescadores possuem com o local. O que nos faz perceber que o saber-fazer do pescador se dá pela prática, o seu conhecimento é gerado pela memória dos mais velhos e pela sua experiência.

Já no mapa 05, percebemos a variedade demonstrada através dos ícones da forma que se dispõem as redes, sejam elas de cerco ou as anilhadas que são colocadas com os ferros presos nas lajes.

O autor do mapa privilegiou em seu desenho, como também ao longo da confecção, como é a colocação de uma rede, quanto tempo uma rede de espera ou cerco pode ficar no mar e os materiais que são utilizados para a feitura dessas redes. Além de exemplificar através dos materiais presentes em seu rancho como faz a manutenção de uma rede.

[...] eu aprendi vendo meu pai no mar, mas não deixei de procurar fazer do meu jeito. A gente até tem acesso a um sonar, algumas ferramentas que facilitam, algumas redes melhores. Mas a manutenção é muito cara, acaba que a maioria aqui sabe como remendar uma rede ou até mesmo fazer”. (P8 – M.M.S, 2014 – informação verbal).

Esse relato demonstra que o saber também está relacionado aos termos mais técnicos do trabalho de um pescador. Que mesmo ele mu-

nido de algumas tecnologias simples que tem acesso, ele continua buscando o conhecimento no fazer do seu dia a dia.

Os mapas mentais abrem um universo não só simbólico para a discussão de temas como a territorialidade da pesca ou conhecimento tradicional, mas evidencia que esses sujeitos são capazes de perceber seu modo de vida e os representar através de suas imagens mentais.

### **Exemplo 03 – Transformações socioambientais e culturais (Mapa Mental 02)**

Interpretar as transformações socioambientais e culturais nos mapas foi difícil, pois na maioria dos mapas eles se limitam no primeiro momento ao cotidiano individual da pesca, depois começam a aparecer ícones que caracterizam o lugar da pesca, e assim outros elementos da coletividade pesqueira, como: a associação, a praia, os barcos e as dinâmicas de cooperação descritas nas narrativas.

Porém, visualizar em seus mapas ícones ou imagens que representem as transformações culturais é mais complexo do que as socioambientais, pois elas são de uma ordem simbólica e subjetiva. Mas conseguimos perceber no mapa 02 e em alguns relatos uma das transformações socioambientais que a Armação teve nos últimos anos devido às ressacas de 2008. Alguns pescadores destacaram em seus mapas os muros de contenção feitos com rochas na praia, e também a construção de calçada, pista de caminhada e ciclovia como um projeto de urbanização da orla da praia.

Para alguns pescadores, essa transformação espacial gerou grandes mudanças no âmbito social e cultural. Destacaram em suas entrevistas que a colocação desses muros diminuiu o fluxo de turistas, pois, para eles a praia era mais bonita, tinha uma faixa de areia maior. Mas também ressaltaram que as mudanças se deram por uma crescente ocupação urbana.

[...] nós perdemos muito da nossa praia, do nosso jeito por conta da construção de casas aqui na Armação, da quantidade de terrenos que foram vendidos de maneira errada. Nós temos culpa nisso. No início se trocava o pedaço de terra aqui por um rádio de pilha. A gente não tinha noção do que a Armação seria. Hoje já é diferente, tem gente vendendo, mas também tem gente que se preocupa



com o que vamos deixar aqui. (P4 – L.N.S, 2014 – informação verbal).

Esse breve trecho exemplifica um pouco como as transformações muitas vezes espaciais geram também uma mudança cultural e comportamental no modo de vida dos sujeitos de uma determinada comunidade.

Essas interpretações realizadas ao longo da pesquisa sobre as representações nos mapas mentais e o conhecimento do pescador, através de sua oralidade captada nas entrevistas, abre os cenários para também observarmos as transformações ocorridas neste cotidiano, de ordem material e imaterial.

Iniciar ou continuar uma discussão em torno da territorialidade pesqueira também possibilita ampliarmos as análises em relação ao uso e à conservação dos recursos naturais envolvidos, além de levantar caminhos para uma gestão mais integrada dos pescadores artesanais.

#### **4.3 Do Saber-fazer Pescador na areia ao Saber-fazer Geografia**

Como apresentado, o terceiro tópico visa a dialogar com os resultados presentes nos tópicos anteriores, interligando as interpretações dos mapas mentais e das memórias narradas pelos pescadores, mostrando um caminho possível que relacione o saber-fazer pescador e seu território pesqueiro com o saber-fazer geografia do lugar, gerando assim o que chamo aqui do mapear-comunicar.

A geografia do lugar, a geografia do cotidiano, são abordagens presentes no ensino-aprendizagem da Geografia, mas também podemos aplicá-las nessa reflexão. Para comunicar, é necessário fazer esse caminho do pertencer ao representar. Kozel (2013, p. 66) autora da metodologia utilizada neste trabalho, descreve que o ensino de geografia torna-se mais significativo quando:

Trabalhamos com pesquisas e análises das representações construídas pelas sociedades, considerando que o próprio aluno é o agente de representações e conhecimentos necessários para o entendimento das relações estabelecidas na organização espacial.

Isso nos garante entender que essas representações trazidas no trabalho, ou seja, a maneira como os pescadores enxergam seu lugar de vida e como constroem seus próprios territórios é importante para o processo do fazer geografia, seja na sala de aula ou no cotidiano de uma comunidade.

Nas interpretações feitas dos mapas mentais, podemos não só perceber que existem representações individuais, mas, representações de um grupo social inserido numa comunidade e que estas são legítimas para inserir esse sujeito que compõe a localidade da Armação nas discussões que pautam a gestão do território local e das possíveis transformações geradas pelos diversos setores. Fomentando pensamentos críticos em relação ao próprio ambiente que estes pescadores constroem, como exemplo, o plano diretor participativo.

São possíveis caminhos de aplicabilidade do resultado desta pesquisa, mas que a tornam relevante pelo fato de retornar a este sujeito pesquisado algo possível de realizar. Sabemos que isso é uma outra pesquisa, um outro trabalho, mas pensar no diálogo que é necessário fazer entre pesquisa, ensino e extensão já nos possibilita uma ampliação da temática. Que ela possa servir para nortear outras pesquisas, e se aprimorar enquanto um projeto futuro.

Esse mapear-comunicar que falo é da visão do pescador, pois esse mapa pode ser a sua voz, o recurso de garantir a sua própria forma de mapear o território e servir de instrumento para a gestão participativa desta atividade que é a pesca artesanal. Como bem aborda Kozel (2013):

As representações sociais sempre estiveram implícitas na visão espacial dos povos, retratando aspectos culturais e valores, em princípio, provenientes do senso comum, retratando trajetos e lugares. Mesmo após incorporar a acurácia normativa e cientificista, continuou sendo um produto socio-cultural intermediado pela informação/comunicação, revestido de uma aparente neutralidade, mascarando a dimensão social. Esse foi um dos motivos que nos levou à Geografia das Representações, referendada pelos mapas mentais. Essa vertente geográfica, ainda em consolidação, aponta para o conhecimento espacial elaborado pelos sujeitos como integrantes de uma realidade, articulando o real ao imaginário.

O que a autora nos chama atenção é que a partir da valorização das representações feitas pelos povos e a garantia de que essas são válidas mesmo diante de toda a padronização ou normas, esse mesmo povo deva ser reconhecido pelo seu conhecimento e que tenham voz para definir o que é melhor ou pior dentro do seu espaço geográfico. Por que é importante ressaltar essas diferentes formas do fazer cartográfico?

O mapear-comunicar vem através da possibilidade de dar voz a uma população tradicional que mantém sua percepção territorial ligada principalmente ao saber oral e ao fazer vivencial. Diante do cenário que eclodiu em 2004 por pressão dos movimentos sociais, o governo federal decretou a criação da Comissão de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, com vista a implementar uma política nacional especialmente dirigida para tais comunidades.

Almeida (2008) explica através de seu trabalho como deu-se o processo de reconhecimento desses termos e sua aplicação na luta por reconhecimento, essa expressão “comunidades”, em sintonia com a ideia de “povos tradicionais” deslocou o termo “populações”, reproduzindo uma discussão que ocorreu no âmbito da Organização Internacional do Trabalho em 1988-89 e que encontrou mobilização dos chamados “povos da floresta” no mesmo período.

Já o termo “tradicional” como operativo foi aparentemente deslocado no discurso oficial, afastando-se do passado e se tornando cada vez mais próximo de demandas do presente, para o conceito de “populações”, foi substituído por “comunidades”, que aparece revestido de uma conotação política inspirada nas ações partidárias e de entidades, referidas à noção de “base”, e de uma dinâmica de mobilização, aproximando-se por este viés da categoria “povos” (ALMEIDA, 2008).

Para chegarmos ao termo tão usado pelas estâncias oficiais, vale sublinhar que o Decreto n. 6040 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, considera povos e comunidades tradicionais como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Visto que os pescadores artesanais são reconhecidos como uma comunidade tradicional, voltamos ao diálogo do mapear-comunicar desses atores que emergem em contradição com os agentes oficiais que regularizam o território. Para dar voz ao mapa do pescador, é necessário o reconhecer como um mapa, como uma cartografia não formal, mas que é instrumento de representatividade de um povo e de uma identidade.

Então, registramos aqui o uso de cartografias como instrumentos de luta; como tecnologias sociais de gestão pelo Estado dentro do campo das políticas participativas; como sistemas de informações, “meio” de comunicação e representação cujo controle é objeto de disputa e como uma cartografia baseada na experiência e no cotidiano de um povo.

O pescador ao representar seu território por um mapa mental também garante que esse seja um documento de representatividade local, essas formas de pensar a cartografia e as representações espaciais de um determinado povo possibilita criar espaços de diálogos para uma gestão mais participativa e concreta do território, levando em consideração a realidade local percebida por quem a vive.

## Considerações finais

Os questionamentos envolvidos ao longo do trabalho, os resultados trazidos para os diálogos e as representações socioespaciais dos pescadores tradicionais da Armação do Pântano do Sul, suscitam algumas reflexões em torno da pergunta norteadora da pesquisa: Como são as representações espaciais dos pescadores no contexto cultural e na composição de seu território?

Apesar desse questionamento ter permeado toda a pesquisa e ser respondido ao longo dos capítulos, é importante refletir sobre o que realmente para nós foi respondido. Sim, os pescadores possuem um território pesqueiro, simbólico, delimitado pelas relações sociais e afetivas, com conflitos e organizado através de sistemas coletivos e identitários.

As representações espaciais dos pescadores por vezes aparecem de maneira pessoal, mas também são expressas através do saber-fazer adquirido na vivência com pescadores antigos, são representações carregadas de simbolismo e pertencimento registradas através de suas histórias e práticas de pesca que garantem não só visualizar e perceber o seu território como também observar o universo cultural impregnado no modo de vida através dos costumes e das dinâmicas registradas pelo fazer da pesca artesanal nesta localidade.

É possível perceber que as representações espaciais dos pescadores são imagens também dessa relação estabelecida com o mar, o que traz para seu trabalho uma especificidade. A partir daí que se manifesta a identidade social e a representação que o pescador faz do seu espaço de trabalho e de si mesmo.

Tratar dessas representações espaciais frente às transformações socioespaciais e culturais do tempo moderno, dentro da perspectiva da importância do resgate da tradição e dos saberes populares demonstram o quanto é necessário o surgimento de novos caminhos dentro da Geografia para garantir diálogos que apontem soluções sensíveis e com uma nova racionalidade acerca da natureza e de sua conservação, pois é notória a dimensão que assumem atualmente nossos problemas socioambientais e os conflitos gerados pelo sistema econômico.

Este trabalho ajuda a garantir que essa forma de representar o território pesqueiro através do olhar do pescador aponte para a necessidade de ampliar o diálogo entre o conhecimento científico e os conhecimentos tradicionais. Diegues (1995) explica que esse diálogo aparece como um elemento essencial para a produção de novos conhecimentos e transformação das práticas científicas e políticas de conservação. Ao contrá-

rio do que pensam alguns conservacionistas, trata-se muito mais de administrar visões e interesses humanos, muitas vezes opostos, do que manejar processos naturais.

Dialogar com os saberes dos pescadores pressupõe reconhecer que estas comunidades possuem modos de vida e trabalho tradicionais que possibilitam formas diferentes de ver o mundo. Leff (2001) comenta que a tradição precisa ser ressignificada, e os modos de vida dos pescadores estudados têm uma grande contribuição nessa discussão, visto que a compreensão da pesca artesanal, enquanto tradicional, nos leva a pensar em um resgate dos valores em relação à natureza e levanta questionamentos como: Por que não áreas exclusivas para a pesca artesanal? Como garantir também que esse conhecimento e esse trabalhador seja valorizado e que tenha meios seguros para se perpetuar? São questões importantes que devem ser levadas em consideração diante de uma realidade que compõe o espaço geográfico da Ilha de Florianópolis. Os pescadores são agentes importantes para a economia e cultura.

Trazendo para esse espaço de reflexão uma possível aplicabilidade da metodologia e do percurso feito até aqui, compreende-se que esse saber-fazer pescador faz parte da construção da identidade da comunidade da Armação do Pântano do Sul.

Os pescadores se tornaram pescadores porque aprenderam com seus pais e avós, mas agora não veem o mesmo caminho para seus filhos e netos. Contudo, todos concordam que a pesca artesanal na comunidade é valorizada.

Em meus trabalhos de campo, notava a curiosidade de crianças naquele universo e a procura de jovens atrás de algum trabalho na associação. Então porque não unirmos esse saber-fazer tradicional e popular com o saber-fazer da escola formal? Por que não ensinar as crianças que vivenciam tão de perto a pesca dentro desse território apresentado pelo pescador? Por que não discutir os conflitos existentes na pesca artesanal com a industrial para apresentar o sistema econômico e político de ordem capitalista e exploratório?

A pesca industrial é um conflito que extrapola a visão local do pescador, ela agride não só o meio natural e o sustento, ela é uma atividade que altera o modo de vida de uma comunidade. Quando se aproxima da costa, da praia, ela gera relações de interesse e conveniências entre os pescadores, ora pela falta de estabilidade se vêm coagidos a oferecer informações em troca de combustível, inserem o comércio de drogas e tantas outras questões relevantes.

Isso nos faz concluir que dentro do contexto pesquisado é extremamente necessário criar mecanismos eficientes de fiscalização da ex-

ploração do recurso pesqueiro. É crucial a implementação de quaisquer medidas de conservação e exploração racional do recurso pesqueiro, evitando-se, com isso, que o estoque seja explorado além de sua capacidade de sustentação e que esse tipo de pesca não usufrua do sistema artesanal e tão pouco altere o modo de vida de uma comunidade tradicional.

Daí nos questionamos não só frente à conclusão acima, mas também pensando em como garantir que esse saber se mantenha presente como uma identidade local, será que ao integrar o pescador e a escola, também não estaríamos integrando o saber à prática, e assim possibilitando a valorização desse ator e de seu saber? Esses foram questionamentos levantados ao longo da conclusão da pesquisa, diante do questionamento feito nas entrevistas sobre a valorização da pesca e do pescador.

Não bastou realizar uma interpretação apenas dos mapas, foi necessário aprofundar e ver para que servem essas interpretações. A quem serviria um mapa do pescador ou apenas o exercício de conhecer o universo e a dinâmica da pesca?

E sim, é complicado não chegarmos à primeira ponta que é a educação, que é o ensino de geografia, quando fazemos uma pesquisa, quando fazemos geografia, e sabemos da responsabilidade que é ensinar outras pessoas sobre todos aqueles conteúdos e disciplinas que são passados durante a formação do docente, a questão retorna para a prática.

O exercício de um caminho que integre as representações e o universo dos pescadores da Armação com os alunos da rede viabiliza-se pela elaboração de um **Circuito do Saber-Fazer Pescador** direcionado pelos (as) professores (as) das escolas do bairro e incluído como um projeto da própria Associação de Pescadores Artesanais da Armação.

O que seria esse circuito? Basicamente corresponde a uma adaptação do trajeto casa-escola que os alunos estão acostumados a realizar dentro das aulas de geografia, com a diferença de que o trajeto seria realizado no território pesqueiro, ou seja, desde a associação à rede do pescador que acompanhar aquele grupo de alunos.

Durante esse trajeto, os alunos devem não só observar aquele ambiente de pesca, mas também realizar entrevistas com os pescadores que enriqueçam o conteúdo geográfico e as referências cartográficas para a confecção dos mapas mentais que serão feitos após a conclusão do trajeto pelos alunos.

A ideia é, após este direcionamento dos mapas mentais, realizar com os alunos uma conversa utilizando os mapas mentais elaborados pelos próprios pescadores, e o professor fazer a mediação levantando

temas e questões referentes aos conteúdos de geografia que se está trabalhando nas aulas.

Este é o esboço de um caminho do que considere uma proposta de aplicabilidade para o ensino-aprendizagem de geografia, e para o que chamei de mapear-comunicar, tendo como interlocutores os três agentes deste processo, pescador-aluno-professor. Como dito, são possibilidades futuras para pesquisas em andamento ou projetos de extensão que visem à valorização de uma população tradicional e da pesca que considero um patrimônio cultural e imaterial dessas comunidades, formas de resistência e permanência desses atores.

O que sabemos no âmbito do ensino de geografia é o que diferentes autores nos fazem atentar quando estamos praticando a docência: a geografia do cotidiano pode ser um grande instrumento para a aplicação dos conteúdos geográficos e para a reflexão crítica dos alunos frente ao espaço geográfico.

No trabalho de Pontuschka et al. (2009), a autora destaca uma das práticas utilizadas pelos professores para trabalhar as representações gráficas. O que ela traz para o diálogo:

- Sobre os mapas mentais.

São instrumentos eficazes para compreender os valores que os indivíduos atribuem aos diferentes lugares. O espaço vivido é o conjunto dos lugares de vida de um indivíduo. [...] Tal análise procura conhecer o sentido do lugar, isto é, as qualidades subjetivas que os indivíduos dão aos lugares e que orientam suas práticas sociais”. (Pontuschka et al., p. 314, 2009).

Esse exemplo trazido pela autora possibilita compreender que a utilização de tal prática no ensino de geografia vem somar à proposta trazida pela pesquisa. É necessário não só consideramos o domínio dos alunos por conteúdo específicos, mas desenvolver em nos educadores, perspectivas que invistam na dimensão pedagógica da docência, considerando atividades e valores que traduzam para os alunos: sensibilidade quanto à percepção dos diferentes sentidos que temos, não só a visão, mas os outros que compõem e ajudam no exercício de percepção espacial e social; a valorização dos saberes da experiência, dando ênfase aos sujeitos que compõem a identidade local; e uma aprendizagem compartilhada que gere a integração entre teoria e prática.

Uma nova concepção de conservação da natureza precisa ser concebida e gestada também dentro dos muros da escola, adotando novos



parâmetros que incluam a conservação não só dos recursos naturais, mas também a conservação da sociodiversidade, isto é, da diversidade social e cultural das populações locais. (DIEGUES, 2006).

Para não finalizar o diálogo, queremos ressaltar que essas considerações não pretendem esgotar o assunto trazido, mas apenas contribuir para a discussão do tema e apontar caminhos para outras pesquisas na área.



## Referências Bibliográficas

ABREU DE CASTILHOS, J. **Estudo evolutivo, sedimentológico e morfodinâmico da praia da Armação, Ilha de Santa Catarina**. 1995. 134 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, UFSC.

ACSELRAD, H.; COLI, L. R. Disputas territoriais e disputas cartográficas. In: ACSELRAD, H. (Org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. p.13-43.

ALEXANDRE, F. **O rio que passou em minha vida: o Caldas nas narrativas dos idosos e nas representações de seus novos atores**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás.

ALMEIDA, A, W, B. Terras de Pretos, Terras de Santos, Terras de Índios - uso comum e conflito. In: CASTRO, E.; HÉBETTE, J. **Modernização e Conflito na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 1989.

\_\_\_\_\_. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2.<sup>a</sup> ed, Manaus: PGSCA–UFAM, 2008.

ALMEIDA, R. de C. A memória do idoso como instrumento de avaliação dos impactos de urbanização sobre os recursos hídricos. In: FELICIDADE, N et al. (orgs.) **Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil: velhos e novos desafios para a cidadania**. São Carlos-SP: RIMA, 2004.

ALLUT, A. G. O conhecimento dos especialistas e seu papel no desenhode novas políticas públicas. In: DIEGUES, A. C. **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2ed. Coleção Ecologia e Cultura. São Paulo: Hucitec, 2000.

AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n. 21, p. 67-87, jan. /dez. 1999.

ANDREOLI, V. M. **Natureza e Pesca: Um Estudo Sobre Os Pescadores tradicionais De Matinhos-PR**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UFPR. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/19534>> acessado em: 28 de março de 2014.

ARAUJO, G.C.C. JUNIOR, D.F.C.R. AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS: A pulsão imagética e sígnica na produção dos sentidos no espaço. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v.3, n.9, p. 93-106, abr. 2012.

\_\_\_\_\_. As Representações Sociais no Espaço Geográfico. **GEOTemas**, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v 2, n. 1, p. 87-98, jan./jun., 2012.

ARCHELA, S. R, GRATÃO, H.B. L e TROSTDORF, S, M. **O lugar dos mapas mentais na representação do lugar**. Revista Eletrônica – V.13, n.1, jan-jun de 2004. Londrina. Disponível no site <www.geo.uel.br/revista> acessado em 23 de fevereiro de 2014.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. São Paulo, Martins Fontes. 1989.

BAILLY A.; SCARIATI R. L'humanisme en géographie. In: Bailly A. et all, **Les concepts de la géographie humaine**, Paris, Colin, 1998, p. 213-222.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d' Água, 1991.

BATISTA, J. C. B. FOTOGRAFIA: Instrumento de pesquisa em educação. **I Jornada Latino-Americana e II Colóquio Brasileiro: Pluralidade e Realidade Latino-Americana: Desafios à Mudança em Educação**, em Brasília – DF, setembro/2003.

BERTIN, M. Geografia Humanística - o papel das representações sociais e espaciais em manifestações contemporâneas. **Revista Geografar**. Curitiba, v.8, n.2, p.104-132, dez./2013.

BERTIN, J. **A neográfica e o tratamento gráfico da informação**. Curitiba: UFPR, 1986, 273p.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. 13 reimpr. LCT. Rio de Janeiro. 2008. 323p.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z (Org.). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p.83-131

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p.165-193.

CÁCERES, L. S. R. Direitos territoriais e mapeamento participativo na América Latina. In: ACSELRAD, H (Org.). **Mapas mentais e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010, p. 123-162.

CALLAI, H.C. Do ensinar Geografia ao produzir o pensamento geográfico. In: REGO, N. et all (orgs.). **Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em Educação o local e o global**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 57-73.

CAMPOS, N. J. de. **Açorianos no litoral catarinense, da invisibilidade à mercantilização da cultura**. Ponta Delgada - Açores, Arquipélago história, 2ª série, 2009.

CARUSO, M, L. **O desmatamento da Ilha de Santa Catarina: de 1500 aos dias atuais**. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1983, 158p.

CARSON, R. **Cette Mer qui nous entoure**. Paris, Le Club Français du livre. 1957.

CASSIRER, E. **Filosofia das formas simbólicas: a linguagem**. Tradução por Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASTROGIOVANNI, A. C. (org). **Ensino de geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo, José Olympio. 1992.

CLARAMUNT, Maria Cristina. **Configuração urbana e identidade espacial : estudo de localidades praianas na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, 2008. ix, 126 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo História e Arquitetura da Cidade.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999

\_\_\_\_\_. **Epistemologia da geografia**. Editora UFSC. Florianópolis, 2011.

CERVO, A. L.; BERVIAM, P. A. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo. McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CÔRREA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M. **Território globalização e fragmentação**, São Paulo. Hucitec. Anpur, 1996.

\_\_\_\_\_. Geografia cultural: passado e Futuro: uma introdução. In: CORRÊA, R.L. et al . **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CORRÊA, R, L.; ROSENDAHL, Z. (Org) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. Temas e Caminhos da Geografia Cultural: uma breve reflexão. In: Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Côrrea. (Org.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, v.1, p. 48-72.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Simbolismo. Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

COSGROVE, D. A geografia esta em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CÔRREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da VERJ, 1998. p.92-123.

DEMO, P. **Metodologia de Pesquisa em ciências sociais**. 8a. Edição, Atlas, 2001.

DIAS, V. L. N. Geografia e representações: ensaio de uma metodologia de pesquisa **Revista PerCursos**. UDESC. Florianópolis V.4. N.1. Julho. 2003

DIEGUES, A. C. **Povos e mares: leituras em sócio-anthropologia marítima**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário**. Editora Hucitec. 1998.

\_\_\_\_\_. Aspectos socioculturais do uso da água e as sociedades tradicionais. In: **Plano Nacional de Recursos Hídricos. Panorama e estado dos recursos hídricos do Brasil**. Vol. 1. Ministério do Meio

Ambiente, Secretaria de Recursos Hídricos. p. 205-220, 2006. Disponível em <[www.ana.gov.br](http://www.ana.gov.br)>, acessado em 04 de março de 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.I. São Paulo: Ed.34, 1995.

DOWNS, R. M.; STEA, D. *Cognitive maps and spatial behavior: Process and products*. In: DOWNS, Roger M. & STEA, David (eds.). **Image and environment – Cognitive mapping and spatial behavior**. Chicago/London: Edward Arnold, 1973.

DUARTE, P. A. **Fundamentos de cartografia**. 3 ed. Florianópolis: Ed.UFSC, 2008, p.13-46.

DUARTE, M. B.; MATIAS, V. R. S. Reflexões sobre o espaço geográfico a partir da fenomenologia. In: **Revista Caminhos da Geografia**. Rio de Janeiro v. 17, n.16, p.190-196, Out./2005.

DUARTE, M. B. **Leituras do "lugar-mundo-vivido" e do "lugar-território" a partir da intersubjetividade**. Dissertação de mestrado. UFMG. 2000. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1843/MPBB-6YTKVJ>> acessado em: 25 de janeiro de 2015.

DUMITH, R. C. Território, territorialidade e identidade dos pescadores artesanais: Subsídios conceituais ao planejamento e gestão de reservas extrativistas marinhas. **GEographia**, Vol. 13, nº 25. 2011. Disponível em: <[www.uff.br/geographia](http://www.uff.br/geographia)> acessado em 05 de março de 2014.

ELLIS, M. **A baleia no Brasil Colonial**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

FALCÃO, J. Política cultural e democracia: a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. In: **A necessidade de arte**. São Paulo, DIFEL, 1984.

FAO. **Informe del Taller sobre manejo y asignacion de Recursos Pesqueros a Pescadores Artesanales em America Latina**. Valparaíso – Chile, FAO – 2000.

FERRARA, L. D. As máscaras da cidade. **Revista USP, dossiê Cidades**, São Paulo, n. 5, v. 5, março/abril/maio 1990, p. 3-10.

\_\_\_\_\_. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

FILHO, K, P.; TETI, M, M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>,

jan./jun. 2013. Disponível em: <www.online.unisc.br>, acessado em: 10 de fevereiro de 2014.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. (Coleção Conexões, v. 15.) 2002. 82 p.

FONSECA, T. M. G.; KIRST, P.G. **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

FRÉMONT, A. As lições das ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. **A região, Espaço vivido**. Tradução de António Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980. p.17-28.

GALVÃO, W. **Que Geografia se ensina? Um estudo sobre as representações de Geografia segundo alunos da 6ª série do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GEISTDOERFER, A. **Anthropologie maritime: appropriation technique, sociale et symbolique des ressources maritimes**. Paris, CNRS. 1989

GERBER, Rose Mary. **Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil**. 2013. 418 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL FILHO, S. F. **Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em geografia**. Artigo apresentado originariamente no 5º Encontro Nacional da ANPEGE sob o título: Espaço de Representação: Epistemologia e Método. 2003.

GODELIER, M. **L'idéal et le matériel**. Paris, Fayard. 1984

GODOY, F. Introdução à pesquisa qualitativa e sua possibilidade. In: **Revista de Administração de Empresa**. Vol. 35, n.3. 1995.

GURAN, M. **Linguagem fotográfica e informação**. 3a Ed. Rio de Janeiro: Editora Gama filho, 2002.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.



HARLEY, J. B. **Deconstructing the map** *Cartographica*. Toronto: University of Toronto Press, v. 26(2), p.1-20, 1989.

HERRERA, J. **Mapas mentais**. 2008. Disponível em: <[www.juanherrera.wordpress.com](http://www.juanherrera.wordpress.com)>, acessado em 16 de março de 2014.

HOFFMANN, M. B. Mapeamentos participativos e atores transnacionais: a formação de identidades políticas para além do Estado e dos grupos étnicos. In: ACSELRAD, H. **Mapas mentais e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010, p. 47-80.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, Rio de Janeiro: LAGET/UERJ, v.3, jul./dez.1997.

\_\_\_\_\_. O lugar na geografia humanista. In: **Revista Território**. LAGET, UFRJ, ano IV, nº 7, jul/dez. Rio de Janeiro, 1999.

HOROCHOVSKI, R.R. **Desatando nós: associativismo civil, democracia e empoderamento na colônia de pescadores de Matinhos, Paraná**. 2007. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 6ªEd. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

KASHIWAGI, Helena Midori. **O processo de percepção e apropriação do espaço nas comunidades marginais urbanas: o caso da favela Parolin em Curitiba - PR**. 2004. xiii, 169f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Defesa: Curitiba, 2004. Disponível em < <http://hdl.handle.net/1884/1287> >

\_\_\_\_\_. **Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui**: a homonímia signica da paisagem em áreas preservadas. 2011. 274f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Disponível em < <http://hdl.handle.net/1884/26153> >

KATUTA, A.M. Representações Cartográficas: teorias e práticas para o ensino de Geografia. In: **Geografares**. Nº 04. Vitória: EDUFES, 2003. p. 07-19.

KOSSOY, B. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 2a Ed. Cotia – São Paulo. 2000.

KOZEL, S. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba a “capital ecológica”**. Tese de Doutorado. São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Geografia Física - FFLCH/USP, 2001. Graduação em Geografia Física - FFLCH/USP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Comunicando e representando: Mapas como construções socioculturais**. In.: SEEMANN, Jörn (Org.). *A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Mapas mentais uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas**. In: KOZEL, S. et all. *Da percepção e Cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo. Terceira Margem. Curitiba. NEER, 2007.

\_\_\_\_\_. GALVÃO, W. **Representação e ensino de geografia: Contribuições teórico-metodológicas**. *Ateliê Geográfico Goiânia-GO* v. 2, n. 3 dez/2008 p.33-48.

\_\_\_\_\_. **As Representações no Geográfico**. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Orgs.). *Elementos da Epistemologia da Geografia Contemporânea*. Curitiba: Ed. da UFPR, p.221-226, 2009.

\_\_\_\_\_. **Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais**. *Geograficidade* | v.3, Número Especial, Primavera 2013.

LAPLANTINE, F. **Antropologia dos sistemas de representações da doença: sobre algumas pesquisas desenvolvidas na França contemporânea reexaminadas à luz de uma experiência brasileira**. In: JO-DELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001. p. 241-259.

LAVINA, R. “Índigenas de Santa Catarina: História de Povos Invisíveis”. In: Brancher, A. (ed.). **História de Santa Catarina. Estudos Contemporâneos**, Florianópolis, Letras Contemporâneas, 73-82. 1999.

LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes. 2001

LEVY, B. ‘*Humanistic geography*’: *ou le pari humaniste de la géographie anglo-saxonne*. In: *L’Espace Géographique*. Tome XX, n. 4. Paris: Doin, octobre. / décembre. 1997.

LOIOLA, S. A. **Por uma geografia do passado distante: marcas pré-territas na paisagem como memória espacial das sociedades autóctones.** 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás. Goiânia.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, EPU, 1986.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** Rio de Janeiro: Edições 70. 1980.

MAANEM, J. V. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. In: **Administrative Science Quarterly.** Vol. 24, n. 4. 1979.

MALDONADO, S. **Mestres e mares.** São Paulo, AnnaBlumen. 1993.

MANESCHY, M.C. **Mulheres na pesca artesanal: percepção e estatuto.** In:Coleção Eduardo Galvão, Belém: 2000.

MARTINELLI, M.; PEDROTTI, P.; SANTOS, M. A cartografia das unidades de paisagem: Questões metodológicas. **Revista do Departamento de Geografia – USP.** São Paulo. 2001.

MARTINELLI, M. **Cartografia Temática: caderno de mapas.** São Paulo: Edusp, 2003

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. **O espaço da diferença.** Campinas: Papius, 2000.

MATIAS, F. L. **Por uma cartografia geográfica - Uma análise da representação gráfica na Geografia.** 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia). FFLCH. Departamento de Geografia. USP. São Paulo.

MATOS, J, S.; SENNA, A, K. HISTÓRIA ORAL COMO FONTE: problemas e métodos. **Historiae,** Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D. *et all.* (Org.) **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer como pensar.** São Paulo. Contexto, 2007.

MENEGUETTE, A, A, C. **A Nova História da Cartografia ou a História de uma Nova Cartografia.** 2002. Disponível em < [www.prudente.unesp.br](http://www.prudente.unesp.br) > acessado em 16 de fevereiro de 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **O Visível e o Invisível.** São Paulo, Ed. Pers-

pectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M. C. **Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social**. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, D, A. **O método fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo. Pioneiras Thomson, 2002.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, E. **Conhecimento tradicional e a proteção**. 33 T&C Amazônia, Ano V, Número 11, Junho de 2007. Disponível em: <[www.portal.iphan.gov.br](http://www.portal.iphan.gov.br)> acessado em 30 de março de 2014.

MORIN, E. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora F. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 276-284.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003

NETO, O, M. A cartografia inovadora: uma reflexão sobre a mapas mentais – ciência ou arte? **Anais 14º EGAL – Encontro de Geografia da América Latina - Reencuentro de Saberes Territoriales Latino-americanos**. 2013. Disponível em: <[www.egal2013.pe](http://www.egal2013.pe)>, acessado em 12 de fevereiro de 2014.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar In: PONTUSCHKA, Nidia Nacib. **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

NOGUEIRA, M. A. R. B. Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia. In: SILVA, A. A. D. da; GALENO, A. (Orgs.) **Geografia: Ciência do Complexus. Ensaio Transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 209-236.

NOGUEIRA, M.A. R. B. Por uma outra geografia radical: compreendendo os lugares sob um olhar fenomenológico. **Anais do I Colóquio Brasileiro de História do pensamento geográfico**. Universidade Federal de Uberlândia. Abril de 2008.

OLIVEIRA, L. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. São Paulo:

USP-IGEOG, 1978.

OLIVEIRA, C, D, M.; SOUZA, J, A, X. A “geograficidade” das formas simbólicas: o santuário de Fátima da Serra Grande em análise. **Revista Franco-Brasileira de Geografia** – Confins. 9/ 2010, nº 9. Disponível em <www.confins.revues.org> acessado em 12 de março de 2014.

PETCHENIK, B, B. Cognição e cartografia. **Geocartografia**. n.6, São Paulo: USP. 1995.

PISSINATI, M. C; ARCHELA, R. S. Geossistema, Território e Paisagem - Método de estudo da paisagem rural sob a ótica Bertrandiana. **Geografia. Londrina**. v. 18, n. 1, jan./jun. 2009.

PONTUSCHKA, N.N; PAGANELLI, T.I; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender. Geografia**. 3ª Ed. São Paulo. Editora Cortez, 2009. – (Coleção docência em formação: Série Ensino Fundamental).

PRODANOV, C, C.; FREITAS, C, F, S, et all. **Metodologia do Trabalho Científico**. 1ª Ed. Novo Hamburgo, Feevale, 2009.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo. Ática. 1993. 269 p.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3a. Edição. São Paulo. Atlas. 1999.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion. 1976. 156 p.

\_\_\_\_\_. As bases fenomenológicas da Geografia. **Revista Geografia**. Rio Claro, vol. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Revista Psicologia & Sociedade** – PUC-MG; 21 (2): 166-173, 2009.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo. Hucitec. 1997, 124p.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: EdUSP. 2006.

SÁ-SILVA, J. R. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009.

SAQUET. M.A. **Abordagens e Concepções de território**. 3ªed. Outras Expressões. São Paulo. 2013

SERPA, A. Percepção e Fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar. Rio Claro: **OLAM – Ciência & Tecnologia**. 1 (2) nov. 2001.

\_\_\_\_\_. Por uma geografia das representações sociais. **OLAM - Ciência & Tecnologia** Rio Claro/SP, Brasil Vol. 5 No 1 Pag. 221 Maio / 2005.

\_\_\_\_\_. Como prever sem imaginar? O papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico. In: SERPA, A., org. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. 426 p.

SEEMANN, J. Mapas, Mapeamentos e a Cartografia da Realidade. **GEOGRAFARES**, Vitória, nº4, jun. 2003.

SILVA, D, J, L.; CARVALHO, B, M. Organização sócio- espacial ribeirinha materializada na Mapas mentais e tipologia arquitetônica em ilha ao Sul de Belém-Pará. **Anais ANPPAS**. 2010. Disponível em: <[www.anppas.org.br/encontro5](http://www.anppas.org.br/encontro5)>, acessado em 24 de novembro de 2013.

SOUZA, M. J. L. “**O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**”. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

TEXEIRA, S, K.; NOGUEIRA, A, R, B. A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. **Revista do Departamento de Geografia**. FFLCH/USP. São Paulo: Humanitas, n. 13, p. 239-257, 1999.

TUAN, Yi –Fu. **Topofilia, um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 288 p. 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo. 8a. Edição, Atlas, 2008.

VARGAS, A, I. Territorialidades e representações dos Terena da Terra Indígena Buriti (MS): possibilidades didático-pedagógicas. In: SERPA, A., org. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. 426 p. Disponível em <[www.books.scielo.org](http://www.books.scielo.org)>. Acessado em 23 de janeiro de 2014.

VERGARA, M, R.; CAPILÉ, B. Comissão da Carta Geral do Império (1862-1878): Contextos e Processos. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011. Disponível em: <[www.snh2011.anpuh.org](http://www.snh2011.anpuh.org)> acessado em 27 de março de 2014.

ZANATTA, A, B. A abordagem cultural na geografia. **Temporis (ação)**. UEG. Vol. 1, pág. 249-262, 2008.

XAVIER, H. **A Percepção Geográfica do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2007. (Série Turismo). 106 p.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Roteiro de Campo

#### ROTEIRO DE CAMPO

##### a) Observação na dinâmica do dia:

- Quantidade de pescadores;
- Assuntos nas conversas;
- Apresentação da pesquisa;
- Respeito na dinâmica de pesca de cada um.

##### b) Aplicação do questionário de Identificação do Pescador

##### c) Entrevista História Oral de Vida

##### d) Dinâmica no processo da confecção do Mapa Mental

### Apêndice B – QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DO PESCADOR

Praia: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Entrevistador: \_\_\_\_\_

N° da pessoa entrevistada

#### 1 - Informações do pescador

1.1. Nome: \_\_\_\_\_

1.2. Apelido: \_\_\_\_\_

1.3. Tipo de pesca: (1) profissional (2) artesanal (3) tradicional

1.4. Idade: \_\_\_\_\_

1.5. Naturalidade: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

1.6. Nacionalidade: (1) brasileira (2) estrangeira

1.7. Estado civil: (1) casado (2) solteiro (3) divorciado (4) viúvo

1.8. Escolaridade: \_\_\_\_\_.

#### 2 – Endereço

2.1. Nome da localidade: \_\_\_\_\_

2.2. Rua/Avenida/Estrada: \_\_\_\_\_

2.3. Número: \_\_\_\_\_

2.4. Local para referência: \_\_\_\_\_

2.6. Posse da terra: (1) Proprietário (2) Arrendatário (3) Parceiro (4) Ocupante



### **3 – Informações gerais da família**

3.1. A família se constituiu aqui? (1) sim (2) não

3.2. Procedência da família (cidade e estado):

\_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

3.3. Tempo de residência no município \_\_\_\_.

3.4. Algum membro da família trabalha junto na pesca? (1) sim (2) não

3.5. Quantos:

#### **4 – Modo de vida:**

4.1. Tem cultivo para a alimentação na propriedade? (1) sim (2) não

4.2. Quais são? \_\_\_\_\_.

4.3. Na propriedade existem árvores frutíferas? (1) sim (2) não

4.4. Quais? \_\_\_\_\_.

4.5. Tem animais? (1) sim (2) não

4.6. Quais? \_\_\_\_\_.

4.7. Aonde criam ou soltam os animais?

4.8. Qual a base alimentar familiar?

4.9. Produzem algum artesanato? (1) sim (2) não

O que? \_\_\_\_\_.

4.10. Participam das festividades religiosas ou não na comunidade?

(1) sim (2) não

Quais?

Pertence à alguma religião? (1) sim (2) não

Qual? \_\_\_\_\_.

4.11. O que faz de lazer?

#### **5 - Prática da Pesca**

Localização da área da pesca:

\_\_\_\_\_.

Autônomo ( )

Empregado ( )

Patrão ( )

Sistema de Pesca familiar ( )

Sistema de Cooperativa ( )

Sistema Autônomo ( )

5.1. Como estoca peixe? \_\_\_\_\_.

5.2. Qual o meio de transporte mais utiliza? \_\_\_\_\_.

5.3. Recebe Assistência Técnica: \_\_\_\_\_.

5.4. Tem energia elétrica em casa: (1) sim (2) não

5.5. Comercialização da produção: (1) Intermediário (2) Direto ao consumidor

(3) Feira na sede do município (4) Atacadista (5) Supermercado

5.6. Uso de crédito: (1) sim (2) não

Qual? \_\_\_\_\_.

5.7. Participa de alguma associação: (1) sim (2) não

5.8. Que tipo? (1) Cooperativa (2) Associação (3) Sindicato de trabalhador (4) Comunidade (5) Outros.

5.9. Qual?

5.10. O que o associativismo contribui para o seu trabalho?

5.11. Participa de mutirão de arrasto? (1) sim (2) não

5.12. Qual posição na pesca ocupa: \_\_\_\_\_.

5.13. Possui embarcação própria? (1) sim (2) não

5.14. Trabalha ou já trabalhou embarcado? (1) sim (2) não

5.15. Como é esta atividade?

5.16. Sobre a regulamentação da pesca o que mais interfere?

OBS: Lembrar ao entrevistado que os dados contidos nestas entrevistas são confidenciais e que a identificação será preservada caso seja a vontade do mesmo.

## Apêndice C – ROTEIRO DE ENTREVISTAS – HISTÓRIA ORAL DE VIDA

**Praia:** \_\_\_\_\_ **Data:**

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

N° da Entrevista

### Informações do pescador

Nome: \_\_\_\_\_

Apelido: \_\_\_\_\_.

1. Nas suas lembranças como era a dinâmica nesta praia antes do processo de urbanização?
2. Pra você o que significa o mar, como você o observa?
3. Existem histórias entre você e o mar? Pode contar sobre elas?
4. Qual a importância do mar próximo à sua propriedade?
5. Ocorreram mudanças significativas na praia e no seu modo de vida? Você pode identificar (mostra) aonde e quais são elas?
6. Ao que se devem essas alterações na paisagem próxima à sua propriedade? Existe procura para compras de áreas próximas a praia?
7. Porque a permanência na praia? É uma escolha?
8. Você guarda objetos e documentos antigos? Quais são, pode mostrar?
9. Em relação às tradições, os costumes e saberes, eles ainda são mantidos?
10. Há interesse por parte dos(as) filhos(as) e netos(netas) em aprenderem a pesca?
11. Qual a importância da pesca no seu cotidiano?
12. Na sua percepção quais as grandes dificuldades em manter a tradição da pesca tradicional?
13. Como é a rotina da pesca?
14. Se fosse para delimitar um território da pesca, quais lugares são importantes?
15. Quais histórias relacionadas a pesca você pode relatar anos?

## **D – Roteiro Mapa Mental**

**Praia:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Nº do Mapa

**Informações do pescador**

Nome: \_\_\_\_\_

Apelido: \_\_\_\_\_

1. Na sua percepção, como é a área onde acontece a pesca?
1. Quais elementos de referência no mar e na praia são importantes para o pescador? Como é a praia e o mar?
2. Qual é o seu espaço de trabalho?
3. O que você considera como seu território de pesca?
4. Quais os equipamentos utilizados na pesca?

## ANEXOS

## Anexo A – Normas para transcrição de entrevistas gravadas

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	Do níves de rensa ( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTEM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	- - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “ O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barREira entre nós”...
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)</li> <li>2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por <i>está</i>: tá? Você <i>está</i> brava?)</li> <li>3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.</li> <li>4. Números por extenso.</li> <li>5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)</li> <li>6. Não se anota o <i>cadenciamento da frase</i>.</li> <li>7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa)</li> <li>8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.</li> </ol>		



# Anexo C – Notícia vinculada no jornal sobre ressacas na praia da Armação, no ano de 2008.

## Armação. Ressaca completou processo de avanço do mar nos últimos anos, acelerado por construções



### Ilha perde uma de suas praias

Destroçada. Casa de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

**ALINE HERBERT**  
aeromodelista

Por meio de uma visita, a praia de Armação, de 160 metros de extensão, perde uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

A praia de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.



Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.



Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.



Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

## Meio ambiente

### Molhe não poderia ser construído

Desde sua inauguração há quatro anos, o molhe de Armação, no município de São José do Rio Preto, não poderia ser construído. O projeto foi aprovado em 2005, mas não foi executado devido a problemas de ordem jurídica.



Uma praia. Para construção foram necessários 3 milhões de metros cúbicos de areia e cascalho de 100 toneladas.

### Entenda a ressaca que atingiu o Estado no dia 9

Em 9 de abril, uma ressaca atingiu o Estado de São Paulo, causando danos materiais e humanos. A ressaca foi causada por uma combinação de fatores, incluindo a maré alta e o vento forte.



### Casas erguidas sobre dunas contribuíram para dano

Em São José do Rio Preto, casas erguidas sobre dunas contribuíram para o dano causado pela ressaca. As casas foram destruídas devido à falta de planejamento urbano e à falta de medidas de proteção contra as ressacas.



### Prefeitura quer decreto de emergência para local

A Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto quer um decreto de emergência para o local afetado pela ressaca. O decreto é necessário para facilitar a recuperação e a reconstrução das áreas afetadas.



Alagado. Construção por conta de uma casa de Pricilia Lauerer, com o mar invadindo por força das ondas.

Alagado. Construção por conta de uma casa de Pricilia Lauerer, com o mar invadindo por força das ondas.

### Memória se avivava

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.



Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

### Até SC-406 pode ser afetada

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

### Até SC-406 pode ser afetada

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

### Até SC-406 pode ser afetada

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.



Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

### Até SC-406 pode ser afetada

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

### Até SC-406 pode ser afetada

Uma das praias que compõem a ilha de Armação, localizada no município de São José do Rio Preto, perdeu uma de suas praias, a praia de Pricilia Lauerer, após destruição na maré alta, com o mar invadindo por força das ondas.

## Anexo D – Decreto sobre Regulamentação Da Pesca

### DECRETO Nº 8.424, DE 31 DE MARÇO DE 2015

Regulamenta a Lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003, para dispor sobre a concessão do benefício de seguro-desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional artesanal que exerce sua atividade exclusiva e ininterruptamente.

**A PRESIDENTA DA REPÚBLICA**, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, **caput**, incisos IV e VI, alínea “a”, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003,

#### **DECRETA:**

Art. 1º Este Decreto regulamenta a concessão do benefício de seguro-desemprego ao pescador profissional que exerça sua atividade, exclusiva e ininterruptamente, de forma artesanal, individualmente ou em regime de economia familiar, durante o período de defeso da atividade pesqueira para a preservação da espécie, de que trata a [Lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003](#).

§ 1º Considera-se ininterrupta a atividade exercida durante o período compreendido entre o término do defeso anterior e o início do defeso em curso ou nos doze meses imediatamente anteriores ao início do defeso em curso, o que for menor.

§ 2º Entende-se como regime de economia familiar o trabalho dos membros da mesma família, indispensável à própria subsistência e exercido em condições de mútua dependência e colaboração, sem a utilização de empregados.

§ 3º Entende-se como período de defeso, para fins de concessão do benefício, a paralisação temporária da pesca para preservação da espécie, nos termos e prazos fixados pelos órgãos competentes.

§ 4º O benefício será devido ao pescador profissional artesanal inscrito no Registro Geral da Atividade Pesqueira - RGP e com licença de pesca concedida que exerça a pesca como atividade exclusiva, nos termos da legislação.



§ 5º O pescador profissional artesanal não fará jus a mais de um benefício de seguro-desemprego no mesmo ano decorrente de defesos relativos a espécies distintas.

§ 6º A concessão do benefício não será extensível aos trabalhadores de apoio à pesca artesanal, assim definidos em legislação específica, e nem aos componentes do grupo familiar do pescador profissional artesanal que não satisfaçam, individualmente, os requisitos e as condições estabelecidos neste Decreto.

§ 7º O benefício do seguro-desemprego é direito pessoal e intransferível.

Art. 2º Terá direito ao benefício do seguro-desemprego o pescador profissional artesanal que preencher os seguintes requisitos:

I - ter registro no RGP, com situação cadastral ativa decorrente de licença concedida, emitido pelo Ministério da Pesca e Aquicultura, na condição de pescador profissional artesanal que exerce a pesca como atividade exclusiva, observada a antecedência mínima prevista no [art. 2º da Lei nº 10.779, de 2003](#);

II - possuir a condição de segurado especial unicamente na categoria de pescador profissional artesanal;

III - ter realizado o pagamento da contribuição previdenciária, nos termos da [Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991](#), nos últimos doze meses imediatamente anteriores ao requerimento do benefício ou desde o último período de defeso até o requerimento do benefício, o que for menor, observado, quando for o caso, o disposto no inciso IV do **caput** do art. 5º;

IV - não estar em gozo de nenhum benefício decorrente de programa federal de transferência de renda com condicionalidades ou de benefício de prestação continuada da Assistência Social ou da Previdência Social, exceto auxílio-acidente ou pensão por morte; e

V - não ter vínculo de emprego, ou outra relação de trabalho, ou outra fonte de renda diversa da decorrente da pesca.

§ 1º A comprovação da contribuição do segurado especial de que trata o inciso III do **caput** deverá ser feita nos termos do [art. 25 da Lei nº 8.212, de 1991](#), e do [inciso IV do caput do art. 216 do Regulamento da Previdência Social, aprovado pelo Decreto nº 3.048, de 6 de maio 1999](#), excluído o período de defeso, desde que não tenha havido comercialização de espécie alternativa não contemplada no ato que fixar o período de defeso.

§ 2º Desde que atendidos os demais requisitos previstos neste artigo, o benefício de seguro-desemprego será concedido ao pescador profissional artesanal cuja família seja beneficiária de programa de

transferência de renda com condicionalidades, e caberá ao órgão ou entidade da administração pública federal responsável pela manutenção do programa a suspensão do pagamento pelo mesmo período da percepção do benefício de seguro-desemprego.

§ 3º Para fins do disposto no § 2º, o Instituto Nacional do Seguro Social - INSS disponibilizará aos órgãos ou entidades da administração pública federal responsáveis pela manutenção de programas de transferência de renda com condicionalidades as informações necessárias para identificação dos beneficiários e dos benefícios de seguro-desemprego concedidos, inclusive as relativas à duração, suspensão ou cessação do benefício.

Art. 3º Cabe ao INSS receber e processar os requerimentos, habilitar os beneficiários e decidir quanto à concessão do benefício de seguro-desemprego de que trata o art. 1º.

Parágrafo único. O interessado poderá requerer o benefício de seguro-desemprego em qualquer Unidade da Federação, independentemente de seu domicílio.

Art. 4º O prazo para requerer o benefício do seguro-desemprego do pescador profissional artesanal se iniciará trinta dias antes da data de início do período de defeso e terminará no último dia do referido período.

Parágrafo único. Desde que requerido dentro do prazo previsto no **caput**, o pagamento do benefício será devido desde o início do período de defeso, independentemente da data do requerimento.

Art. 5º Para requerer o benefício de seguro-desemprego, o pescador deverá apresentar ao INSS:

I - documento de identificação oficial;

II - comprovante de inscrição no Cadastro de Pessoa Física - CPF;

III - inscrição no RGP, com licença de pesca, emitida pelo Ministério da Pesca e Aquicultura, na condição de pescador profissional artesanal que exerce a pesca como atividade exclusiva, observada a antecedência mínima prevista no [art. 2º da Lei nº 10.779, de 2003](#);

IV - cópia do documento fiscal de venda do pescado a empresa adquirente, consumidora ou consignatária da produção, em que conste, além do registro da operação realizada, o valor da respectiva contribuição previdenciária de que trata o [§ 7º do art. 30 da Lei nº 8.212, de 1991](#), ou cópia do comprovante de recolhimento da contribuição previdenciária, caso tenha comercializado sua produção a pessoa física; e

V - comprovante de residência.

§ 1º Além de apresentar os documentos previstos no **caput**, o pescador profissional artesanal assinará declaração de que:

I - não dispõe de outra fonte de renda;

II - se dedicou à pesca das espécies e nas localidades atingidas pelo defeso, em caráter exclusivo e ininterrupto, durante o período compreendido entre o término do defeso anterior e o início do defeso em curso ou nos doze meses imediatamente anteriores ao início do defeso em curso, o que for menor; e

III - assume responsabilidade civil e criminal por todas as informações prestadas para fins da concessão do benefício.

§ 2º O Ministério da Pesca e Aquicultura disponibilizará ao INSS informações que demonstrem:

I - o exercício ininterrupto e exclusivo da atividade de pesca pelo pescador profissional artesanal, com a indicação das localidades em que a atividade foi exercida e das espécies pescadas; e

II - os municípios abrangidos pelo período de defeso e os municípios limítrofes.

§ 3º Ato do Ministério da Previdência Social poderá exigir outros documentos para a habilitação do benefício.

§ 4º O INSS poderá expedir atos complementares relativos ao reconhecimento e à manutenção do direito ao benefício, observado o disposto neste Decreto e no ato de que trata o § 3º.

Art. 6º O INSS cessará o benefício de seguro-desemprego nas seguintes hipóteses:

I - início de atividade remunerada ou de percepção de outra renda que seja incompatível com a percepção do benefício;

II - desrespeito ao período de defeso ou a quaisquer proibições estabelecidas em normas de defeso;

III - obtenção de renda proveniente da pesca de espécie alternativa não contemplada no ato que fixar o período de defeso;

IV - suspensão do período de defeso;

V - morte do beneficiário, exceto em relação às parcelas vencidas;

VI - início de percepção de renda proveniente de benefício previdenciário ou assistencial de natureza continuada, exceto auxílio-acidente ou pensão por morte;

VII - prestação de declaração falsa; ou

VIII - comprovação de fraude.

Parágrafo único. O INSS cessará o benefício quando constatar a ocorrência de hipótese prevista no **caput** ou quando for informado sobre sua ocorrência pelo órgão ou entidade pública competente.

Art. 7º No caso de indeferimento do requerimento de concessão de benefício ou no caso de cessação do benefício, o pescador profissional artesanal poderá interpor recurso ao Conselho de Recursos da Previdência Social - CRPS.

§ 1º O prazo para interposição de recurso e para oferecimento de contrarrazões será de trinta dias, contado da ciência da decisão e da interposição do recurso, respectivamente.

§ 2º O processamento e o julgamento dos recursos seguirão o disposto no Regulamento da Previdência Social, aprovado pelo [Decreto nº 3.048, de 1999](#), e no regimento interno do CRPS.

Art. 8º Os recursos financeiros para o pagamento do benefício de seguro-desemprego ao pescador profissional artesanal serão provenientes do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT.

§ 1º Compete ao Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador - Codefat a gestão do pagamento dos benefícios e ao Ministério do Trabalho e Emprego a sua operacionalização, cabendo aos referidos órgãos a edição dos atos necessários a essas atividades.

§ 2º O INSS disponibilizará ao Ministério do Trabalho e Emprego as informações necessárias para a efetivação do pagamento.

§ 3º O Ministério do Trabalho e Emprego disponibilizará ao INSS e aos órgãos de que trata o § 3º do art. 2º as informações referentes à realização dos pagamentos aos beneficiários.

§ 4º O Ministério do Trabalho e Emprego e o INSS prestarão aos interessados informações relativas ao pagamento dos benefícios em seus próprios canais de atendimento.

Art. 9º O Regulamento da Previdência Social, aprovado pelo [Decreto nº 3.048, de 1999](#), passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 9º .....

.....  
 § 14. ....

I - não utilize embarcação; ou

II - utilize embarcação de pequeno porte, nos termos da Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009.

§ 15. ....

.....  
XI - o pescador que trabalha em regime de parceria, meação ou arrendamento, em embarcação de médio ou grande porte, nos termos da Lei nº 11.959, de 2009;

.....” (NR)

Art. 10. O [Decreto nº 5.209, de 17 de setembro de 2004](#), passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 25. ....

.....  
IX - recebimento do benefício do seguro-desemprego na forma do art. 1º da Lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003, e de seu regulamento, hipótese em que os benefícios financeiros do Programa Bolsa Família, recebidos por sua família, serão suspensos.

.....” (NR)

Art. 11. Atos conjuntos dos Ministérios da Previdência Social, do Trabalho e Emprego e da Pesca e Aquicultura e de outros órgãos interessados estabelecerão os procedimentos e prazos para operacionalização das trocas de informações previstas neste Decreto.

Art. 12. Este Decreto aplica-se aos períodos de defeso iniciados a partir de 1º de abril de 2015.

Parágrafo único. Aos períodos de defeso iniciados até 31 de março de 2015, aplica-se o disposto na legislação anterior, inclusive quanto aos prazos, procedimentos e recursos e à competência do Ministério do Trabalho e Emprego para as atividades de recebimento e processamento dos requerimentos, habilitação dos beneficiários e apuração de irregularidades.

Art. 13. Ficam revogados o [inciso III do § 14](#) e o [§ 17 do art. 9º do Regulamento da Previdência Social, aprovado pelo Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1999](#).

Art. 14. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 31 de março de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

DILMA ROUSSEFF

*Manoel Dias*

*Carlos Eduardo Gabas*

*Tereza Campello*

*Helder Barbalho*